



**Universidade de Aveiro**  
Ano 2013

Departamento de Educação

**VERA LÚCIA VIDAL  
FERNANDES**

**CRIANÇAS DE ORIGEM AFRICANA NA  
CIDADE: DE TURISTAS A PROTAGONISTAS**



**VERA LÚCIA VIDAL  
FERNANDES**

**CRIANÇAS DE ORIGEM AFRICANA NA  
CIDADE: DE TURISTAS A PROTAGONISTAS**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro



**o júri**  
Presidente

Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves  
Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Doutora Natália Fernandes  
Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho

Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira  
Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro



## **Agradecimentos**

À professora Rosa Madeira que colaborou para o meu crescimento enquanto investigadora.

À minha família e amigos pelo apoio incansável e incentivo para terminar esta caminhada da minha vida.

À direção da Associação Mon na Mon pela abertura e boa vontade em aceitar e permitir que eu pudesse desenvolver o trabalho na associação.

Às crianças e às suas vozes que deram vida a este projeto.

Obrigada a todos os que me acompanharam!



## **Palavras-chave**

Convenção dos Direitos das Crianças, Cidade Amiga das Crianças, Cidadania, Participação Infantil.

## **Resumo**

O presente trabalho resulta de um Projeto em que tentámos explorar o possível contributo do animador sócio cultural na reconstrução das identidades sociais dos grupos minoritários, neste caso de um grupo de crianças de origem africana, na sua qualidade de cidadãos.

O projeto foi desenvolvido em parceria com um grupo de 7 crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, residentes em Aveiro, uma Cidade que se apresenta externamente como destino turístico e que tenciona organizar-se internamente como Cidade Amiga das Crianças.

Para compreender como este grupo minoritário sentia a sua condição de cidadãos, realizámos 16 encontros, em que recorremos a técnicas participativas de Animação Sociocultural para desenvolver um percurso com características da investigação-ação participativa.

Partimos da identificação dos espaços da Cidade que as crianças conheciam e usufruíam, auscultámos a sua opinião sobre os espaços que são apresentados aos visitantes como património natural, cultural e construído da sua cidade e elaborámos com elas um roteiro turístico destinado a outras crianças visitantes da cidade.

Ao assumir como preocupações teóricas de partida a discussão sobre a condição social da infância e a cidadania das crianças, tivemos que criar condições especiais de simetria no diálogo com as crianças. Estas foram as circunstâncias que tornaram possível dar visibilidade e voz à sua condição de sujeito com direitos e atores sociais cuja leitura da realidade social e competências de participação social merecem ser tomadas em conta na reconstrução das Cidades que se pretendem Amigas das Crianças.



## **Keywords**

Children's Rights Convention, Children Friendly Cities, Citizenship, Children Participation

## **Abstract**

The present work results from a Project where we tried to explore the possible contribution of the Sociocultural Entertainer in the reconstruction of the social identities of minority groups, in this case a group of children of African origin, in their quality as citizens.

The project was developed in partnership with a group of 7 children, ages between 9 and 13, with residence in Aveiro, a city that is presented externally as a touristic destiny and that intends to organize itself internally as a Children Friendly City.

To understand as this minor group felt its condition as citizens, we had 16 meetings, where we resorted to participatory activities of Sociocultural Entertainment to develop a course with characteristics of participative action-research.

We started from the identification of the spaces of the City that the children knew and enjoyed, we heard their opinion about the spaces that are presented to the visitors as natural, cultural heritage and constructed about their city. We also prepared a tourist guide intended for other children that visit the city.

By taking as start theoretical concerns the discussion about the social condition of childhood and citizenship of the children, we had to create special conditions of symmetry in the dialogue with them. These were the circumstances that became possible to give visibility and voice to their condition of subjects with rights and of social actors whose reading of social reality and skills of social participation must be regarded in the construction of the Cities that are intended as Children Friendly.



## ÍNDICE

Introdução.....	1
Parte I - Contextualização teórica .....	4
Capítulo I - A Animação Sociocultural, a Educação Social e a Pedagogia Social como campos da Intervenção Social e Comunitária.....	5
1.1- A Animação Sociocultural e Comunitária como base de Projetos Sociais.....	5
1.2 A socialização como objetivo da Educação Social e da Pedagogia Social.....	7
1.3 O projeto a como resposta à intenção e às dinâmicas de mudança social.....	9
Capítulo II – As Crianças como Cidadãs .....	11
2.1- A Cidadania das Crianças como reconhecimento dos seus Direitos Humanos .....	11
2.2- A Cidadania das Crianças como conquista do direito à participação .....	13
2.3- Da participação ao protagonismo Infantil na conquista da Cidadania .....	16
2.4- A Cidade Amiga das Crianças como contexto propício ao protagonismo infantil .....	17
Capítulo III- As crianças de origem africana como grupo minoritário.....	19
3.1- A imigração como circunstância de vida e de inserção social .....	19
3.2- A identidade construída das crianças de origem africana .....	21
II Parte - Enquadramento Teórico Metodológico .....	24
Capítulo IV – Justificação de opções e decisões metodológicas.....	25
4.1 – Referências teóricas que articulam a investigação- ação e a participação ..	25
4.2- As crianças como participantes da investigação .....	27
4.3- As Técnicas Participativas como recurso.....	29
Capítulo V – O projeto como proposta e percurso de (re)conhecimento .....	31
5.1- Os dois Pontos de Partida .....	31
5.2 - O contexto de desenvolvimento do projeto .....	33
5.3. O desenho do Projeto como proposta de (inter) ação com a Associação Mon na Mon .....	36
5.4 Os sujeitos – atores participantes na investigação.....	37
5.5- Calendarização das principais atividades e precauções .....	38
III Parte - Construindo um caminho caminhando .....	41
Capítulo VI - O Contexto da Investigação .....	42
6.1 – Primeira etapa: O encontro das crianças como sujeito coletivo e a entrada no terreno .....	42



6.2 - Segunda etapa: A criação de espaços de diálogo e de ressonância da voz das crianças como turistas .....	43
6.3 – Terceira etapa: A reconstrução do grupo como investigador-ator-participante na Cidade .....	49
6.3.1 Para além dos diálogos.....	59
6.3.2- Construção do roteiro da cidade como porta de chegada e ponto de partida .....	63
6.4 - Quarta etapa: A exploração de possibilidades de protagonismo do grupo na Cidade Amiga das Crianças .....	65
6.5 A participação das crianças .....	66
6.6. Contributos e sugestões para o projeto CAC .....	68
6.7 – De turistas a protagonistas .....	71
Capítulo VII – Conclusões e sugestões de investigação futuras .....	75
Bibliografia.....	78





## **ANEXOS**

**ANEXO I** – Pedido de Consentimento Informado e Esclarecido aos Pais/  
Encarregados de Educação

**ANEXO II** – Pedido de Consentimento para a Utilização de Vídeo, Fotografia e  
Gravação Áudio

**ANEXO III** – Pedido de Consentimento informado e Esclarecido das Crianças

**ANEXO IV** – Notas de Campo



## Índice de Quadros

Quadro 1 – Locais Visitados

Quadro 2 – Caracterização dos protagonistas

Quadro 3 – Elementos colaborativos no projeto

Quadro 4 – Atividades e Precauções

Quadro 5 – Locais reconhecidos e não reconhecidos pelas crianças

Quadro 6 – Locais que as crianças gostariam de visitar

Quadro 7 – Opiniões da Ria de Aveiro

Quadro 8 – Passeio de moliceiro: Narrativa do Guia

Quadro 9 – Passeio de Moliceiro: Narrativa das crianças

Quadro 10 – Opiniões sobre o Parque Municipal

Quadro 11 - Opiniões sobre Museu da Cidade

Quadro 12 – Visita ao Museu: Narrativa do Guia

Quadro 13 – Visita ao Museu : Narrativa das Crianças

Quadro 14 - Opiniões sobre a Biblioteca Municipal

Quadro 15 – Visita à biblioteca: Narrativa da Guia

Quadro 16 - Visita à biblioteca: Narrativa das Crianças

Quadro 17- Opiniões sobre a oficina do doce

Quadro 18 – Visita à oficina do doce: Narrativa da Guia

Quadro 19 - Visita à oficina do doce: Narrativa das Crianças

Quadro 20 – Uso da fotografia

Quadro 21 – Uso do desenho como forma de expressão

Quadro 22 – Utilização do bloco de notas

Quadro 23 – Uso de lendas

Quadro 24 - Participação das crianças – assiduidade/intensidade da experiência

Quadro 25 - Tipo de participação: compromisso



## **Abreviaturas**

IAP	Investigação-Ação Participativa
CAC	Cidade Amiga das Crianças
CDC	Convenção dos Direitos da Criança
CMA	Câmara Municipal de Aveiro
GDF	Grupo de Discussão Focalizada
ONG	Organização Não Governamental
UA	Universidade de Aveiro
UNICEF	United Nations International Children's Emergency Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância)
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa



## Introdução

O projeto que aqui se apresenta partiu da reflexão sobre o possível contributo da Animação Sociocultural na reconstrução de identidades sociais de grupos minoritários. Tendo partido da preocupação teórica com a condição social da infância e a cidadania das crianças, interessou-nos dar visibilidade às crianças enquanto atores sociais e sujeitos, cujos direitos de participação, instituídos pela Convenção dos Direitos da Criança, requerem a criação de condições especiais de inclusão social no espaço público da Comunidade.

Ao reconhecer a invisibilidade social das Crianças nos espaços de decisão da Comunidade interessou-nos compreender a situação particular das crianças descendentes de imigrantes de países africanos, residentes em Aveiro, tendo como objetivo contribuir para a reconstrução social do lugar que este grupo de crianças ocupa em Aveiro, enquanto Município que aderiu à iniciativa Cidade Amiga das Crianças (CAC), em 2007.

Este trabalho tem como principal objetivo contribuir para o enriquecimento da experiência e alargamento do ponto de vista de um grupo de crianças filhas de imigrantes de países africanos de língua portuguesa sobre a Cidade, em igualdade de direitos com as outras crianças residentes. Com base nos objetivos gerais foram delineados objetivos específicos, nomeadamente: promover a imagem e a identidade social destas crianças, como (i) atores sociais competentes (ii) sujeitos com direitos de participação consagrados na Convenção dos Direitos da Criança, com base no reconhecimento da sua pertença a comunidade africana representada pela Associação Mon na Mon; Criar com elas condições especiais para a inclusão da sua voz no espaço público, como protagonistas da iniciativa Cidade Amiga das Crianças.

A participação no seminário “Abrir Portas onde conversámos entre janelas... pensar os direitos da criança no diálogo entre crianças e adultos” despertou-nos a atenção para as crianças dos grupos minoritários que são consideradas mais “invisíveis” no espaço público, o que nos motivou para elaborar esta caminhada com crianças de origem africana.

O relato do projeto está organizado em três partes. Na primeira parte apresenta-se o enquadramento teórico, que reúne as referências teóricas que serviram para a fundamentação das ideias, intenções e ações com que iniciámos a interação com as crianças, referentes que nos permitiram refletir criticamente, desde o início, sobre o processo de conhecimento da realidade e sobre a conceção e



desenvolvimento do Projeto. Esta primeira parte encontra-se dividida em capítulos. No capítulo I são referidos alguns aspetos que aproximam e distinguem a Animação Sociocultural da Educação Social e da Pedagogia Social, na sua forma própria de desenvolver projetos de intervenção comunitária, que se aproximam dos projetos de investigação-ação participativa, na sua intenção de criar atores sociais interessados na mudança social. No capítulo II, intitulado “As condições das crianças cidadãs”, abordam-se alguns fundamentos do estatuto de cidadania das crianças como sujeito de direito próprio, entre os quais a Convenção dos Direitos da Criança e a iniciativa “Cidade Amiga da Crianças”, enquanto texto e contexto, que permitem exigir medidas de política social e outras condições indispensáveis ao exercício do direito de participação pelas crianças. No capítulo III, denominado “As crianças de origem africana como grupo minoritário”, procura-se refletir sobre as condições de inserção social dos filhos de imigrantes, assim como sobre questões relativas à identidade das crianças de origem africana.

Na Segunda parte apresenta-se o Enquadramento teórico-metodológico que justifica a opção por uma investigação participativa com crianças e a respetiva escolha dos instrumentos ou dispositivos de escuta que mobilizámos para recolha de informação acerca do seu conhecimento sobre a cidade de Aveiro, enquanto lugar de turismo. No capítulo IV, “Justificação das opções e decisões metodológicas”, localizámos os referentes teóricos metodológicos ligados à investigação-ação participativa e algumas observações relativas às crianças enquanto investigadoras. No capítulo V, “O projeto como propostas de percurso de (re) conhecimento”, fazemos a apresentação do contexto e do processo de investigação como processo emergente das interações com e entre as crianças. Depois de caracterizar o Município de Aveiro com a apresentação de alguns indicadores económicos e de informação sobre a rede social criada em nome do bem-estar das crianças, explica-se a pertinência deste projeto, situando o mapa das ações previstas para o caminho a percorrer.

Na Terceira parte, descreve-se o trabalho efetuado, por fases. Dá-se conta dos procedimentos utilizados na conceção e desenvolvimento do projeto como proposta que incluiu (i) o reconhecimento e visita dos espaços públicos da cidade com as crianças enquanto investigadoras; (ii) a criação de “memórias ou documentos” do processo, através do registo fotográfico e interpretação da cidade pelas crianças, (iii) o processo de construção de itinerários da cidade de Aveiro pelas crianças e (iv) a reconstrução narrativa do percurso que as constituiu socialmente como anfitriãs da cidade.

A concluir, no capítulo VII, apresentamos alguns pontos de chegada deste processo, como contributo para a inclusão das crianças pertencentes a grupos



minoritários na dinâmica de implementação da Cidade Amiga das Crianças no Município de Aveiro. Adicionalmente, apontamos algumas sugestões para futuras investigações decorrentes das conclusões permitidas pelo estudo realizado.



## Parte I - Contextualização teórica

*Esta parte do trabalho pretende explicitar alguns referentes teóricos que permitem problematizar as condições de participação das crianças de origem africana, enquanto grupo social minoritário residente num Município que aderiu à iniciativa Cidade Amiga das Crianças. Pretende situar a Animação Sociocultural relativamente Educação Social e à Pedagogia Social, como campo de intervenção social que assume o desenvolvimento comunitário como projeto, como forma de ação intencional de atores sociais implicados em processos de mudança social. Pretende também situar a discussão sobre a cidadania das crianças, pelo reconhecimento da importância da Convenção dos Direitos da Criança, enquanto instrumento jurídico que torna legítima a reivindicação de condições locais que promovam a participação infantil no espaço público, através de iniciativas como a Cidade Amiga das Crianças.*



## **Capítulo I - A Animação Sociocultural, a Educação Social e a Pedagogia Social como campos da Intervenção Social e Comunitária**

### **Introdução**

A Animação Sociocultural e a educação social têm um papel importante no desenvolvimento pessoal e social do ser humano, estimulando a criatividade e a capacidade crítica, tornando os indivíduos mais capazes, mais autónomos e felizes.

A Educação Social e a Pedagogia Social têm vindo a aproximar os conceitos quer de educação quer de socialização. A socialização Comunitária tem um papel cada vez mais evidente ao nível da construção de identidades (Dubar, 1997), e todos os contextos sociais tendem agora a ser vistos como fundamentalmente educativos.

O presente projeto pretende reforçar esta ideia dando oportunidades a crianças de aprender através de uma intervenção comunitária, tendo um papel importante na criação de novas dinâmicas de aprendizagem.

### **1.1- A Animação Sociocultural e Comunitária como base de Projetos Sociais**

O conceito de Animação Comunitária está relacionado com o desenvolvimento comunitário, uma vez que este constitui o objetivo da intervenção da Animação. Para Trilla (1998) este conceito aplica-se a um *“conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (...) com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu desenvolvimento, quer social quer cultural”* (p.26). Segundo o mesmo autor, a Animação Sociocultural pretende agir, intervir ou atuar sobre as comunidades, promover a prática social animada pelos seus destinatários e pelos agentes no terreno, de modo a garantir o desenvolvimento de programas específicos e projetos (Trilla, 1998).

No âmbito cultural da Animação Sociocultural, desenvolve-se a criatividade e a inovação cultural, ao passo que, no âmbito social, sobressai o desenvolvimento comunitário, a consciencialização e a reconstrução da consciência coletiva, melhorando os aspetos associados à qualidade de vida. Promover o desenvolvimento comunitário de uma comunidade significa promover a participação e a dinamização social, incentivando os membros que a ela pertencem a tomarem nas suas mãos a gestão e direção dos recursos disponíveis. Desta forma, pretende-se estimular os cidadãos para uma cidadania ativa, tornando-os capazes de transformar a sua vida





peçoal e da comunidade onde habitam, com o objetivo de melhorarem as condições culturais, sociais, económicas ou educacionais da comunidade. Para Moinhos & Silva (2010) a animação comunitária é considerada um instrumento importante para a motivação e o exercício de participação das pessoas na vida da comunidade. Noutra perspetiva, Lopes (2008), cit. por Moinhos & Silva (2010), faz sobressair outra dimensão relevante que é a mudança social, quando caracteriza a *“animação comunitária como uma forma de ação sociopedagógica que visa a transformação social, o desenvolvimento, através da participação”* (p.101).

Reis & Mesquita (1993), referidos por Moinhos & Silva (2010), consideram que a animação comunitária não pode ser uma mera ocupação de tempos livres, antes deve trabalhar no sentido de estruturar as comunidades, organizando os cidadãos em grupos, movimentos e redes com projetos mobilizadores, estimulando a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento. Relativamente aos processos implicados nesta forma de ação social, ainda na perspetiva de Moinhos & Silva (2010), a animação comunitária “acontece” através de um conjunto de iniciativas, desde que haja o envolvimento ativo e comprometido dos grupos sociais nas práticas de ação comunitária.

Basto & Neves (1993), cit. por Moinhos & Silva (2010), abordam a animação comunitária no âmbito da animação sociocultural, cuja estratégia assenta na promoção e apoio a organizações de base empenhadas no desenvolvimento comunitário; neste caso a preocupação central é fortalecer o tecido social, mediante a participação individual e coletiva, em organizações que sejam capazes de dar respostas a problemas e necessidades da sociedade.

Silva & Moinhos (2010) defendem que a intervenção em animação comunitária deverá realizar-se numa perspetiva sistémica, isto é, a comunidade deve ser encarada de uma forma abrangente. Quando se fala numa intervenção centrada numa comunidade, remete-se a uma intervenção centrada num sistema, mas à complexidade e à totalidade sistémica da comunidade, com vista a provocar a sua transformação e o fortalecimento da coesão social. A prioridade não é a pessoa em particular, mas antes a identidade e o sentimento de pertença a uma comunidade local. Para estes autores, o que se pretende é uma ação mobilizadora dos interesses coletivos, sobre a realidade social, que parta de dentro da comunidade e dos seus elementos enquanto atores da mudança.

Assim, podemos considerar que a animação sociocultural é uma forma de intervenção que, embora estando associada a aspetos ligados ao desenvolvimento da pessoa e da educação, à melhoria da formação, ao desenvolvimento da personalidade, autonomia e iniciativa individual, é também uma forma de promover a



Educação Social no seu intuito de intervir e revitalizar a identidade e afirmar a dignidade dos indivíduos. Ao valorizar aspetos culturais ligados ao prazer, ao ócio, a Animação Sociocultural revitaliza também a cultura e os traços de identidade local, mesmo quando a sua prática é realizada no âmbito dos espaços institucionais, cabendo aos indivíduos desenvolver competências participativas no processo de intervenção. Como M. d. S. Lopes (2008) refere, é através do desenvolvimento de projetos de intervenção comunitária que é possível proceder à integração de grupos na vida social e à sua capacitação para a ação, com vista à promoção da cidadania e da integração social.

## **1.2 A socialização como objetivo da Educação Social e da Pedagogia Social**

Como podemos constatar as relações entre Animação Sociocultural e a Educação Social assumem uma importância significativa para potenciar ações que visem a intervenção socioeducativa destinada a grupos minoritários e ligados à promoção da família. A Educação Social tenciona recuperar e desenvolver o indivíduo mas também, projeta estabelecer processos de integração do mesmo na sociedade e nos grupos a que pertence. Desta forma, a Animação Sociocultural enaltece a cultura e os traços de identidade dos indivíduos para que se possa desenvolver a competência participativa no processo de intervenção.

Nisto se distingue a Animação Comunitária e a Animação Sociocultural da Educação Social e da Pedagogia Social, apesar de todas as afinidades que se lhes reconhece enquanto áreas do conhecimento e metodologias educativas, que pretendem levar a sociedade a tomar consciência da sua tarefa educativa e encontrar formas de as realizar.

Entende-se por Educação Social uma educação que potencia o sentido social, que desperta o sentido das relações entre os indivíduos e promove a realização de relações sociais mais equilibradas. Como refere Fermoso (1994) cit. por M. d. S. Lopes (2008):

*“A educação social é o resultado ou o produto de processo de socialização, equivalente ou traduzível num conjunto de habilidades desenvolvidas pela aprendizagem, que capacitam o homem para conviver com os outros e adaptar-se ao estilo de vida dominante na sociedade e cultura a que pertence, sem perder a identidade pessoal, aceitando e cumprindo, ao menos, as suas exigências mínimas” (p.418).*



Embora Batista & Carvalho (2004) considerem a Educação Social como expressão de responsabilização da sociedade perante problemas humanos, para muitos autores a Educação Social é sinónimo de um processo de transformação do indivíduo biológico em indivíduo social adquirindo capacidades para participar e integrar-se no grupo no qual lhe corresponde viver. Entende-se a Educação Social como uma adaptação ao meio e ao ambiente da comunidade a que pertence. Ortega (1999), cit. por Díaz (2006), caracteriza-a como uma progressiva configuração do indivíduo para alcançar o seu desenvolvimento e conseguir a participação na comunidade; como forma de o ajudar a compreender o mundo e a si mesmo ao longo da vida e de formá-lo para viver e conviver em família, na escola, na comunidade e para a comunidade.

Numa perspetiva mais abrangente, Petrus (2000), define a Educação Social recorrendo a conceitos tão diversos quanto adaptação, socialização, aquisição de competências sociais, didática social, ação profissional qualificada, ação acerca da inadaptação social ou como formação política do cidadão, prevenção e controle social, trabalho educativo, ação educadora da sociedade e educação extraescolar. A partir desta conceção sobressai que a educação social pretende *“educar para a comunidade, na comunidade e com a comunidade”*, criando nos atores uma consciência relativamente aos seus direitos, para além da procura de respostas inovadoras para as necessidades existentes. (p.32)

Cabanas (2000) circunscreve em outros termos a Educação Social quando a caracteriza como ação profissional qualificada aplicada num determinado sistema social, que requer a análise e interpretação da realidade social, como ação consciente, reflexiva e planificada que exige o recurso a técnicas e metodologias que permitam a melhoria do contexto social em questão. É a dimensão da socialização que sobressai no campo da pedagogia social, na sua procura de formas de incluir socialmente indivíduos e grupos minoritários e excluídos, etc.

A educação social, para além de solucionar determinados problemas de convivência, tem uma função não menos importante, que é a de ser um instrumento igualitário e de melhoria da vida social e pessoal. Neste âmbito, encontramos ainda, a pedagogia social, que segundo Caliman (2006), pode ser definida como *“uma ciência prática, social e educativa, não formal, que justifica e compreende, em termos mais amplos, a tarefa de socialização, e de modo particular a prevenção e a recuperação no âmbito das deficiências da socialização e da falta de satisfação das necessidades fundamentais”*. A Pedagogia Social é entendida como alternativa para a inserção social na sua finalidade de promover as condições de bem-estar social, de convivência e de exercício de cidadania, como meios de superar condições de marginalidade dos



indivíduos e grupos. Também nesta definição se reconhece a importância da participação quando se afirma que, para que essa inclusão aconteça, os indivíduos devem aprender a participar ativamente na vida social.

Considera-se a Pedagogia Social como um conceito que corresponde à teoria pedagógica, enquanto a Educação Social corresponde à ação realizada sobre o indivíduo.

### **1.3 O projeto a como resposta à intenção e às dinâmicas de mudança social**

Um projeto ao nível da Educação Social pretende que as pessoas sejam vistas como sujeitos com conhecimentos, partindo das suas vidas e mundos culturais para o processo de investigação, desencadeando a mudança social. Entende-se que é um *“processo que afeta o ser humano e as suas condições de vida, relações com outros sistemas de valores”* (Serrano, 2008, p. 17).

Para a mesma autora, o projeto social é uma oportunidade de lançamento de ações que tomem em consideração as necessidades básicas da pessoa: a saúde, a educação, o emprego e a habitação, mas também a dignidade, a autoestima, o apreço, a segurança, a consideração, a capacidade de encontrar sentido para a vida e para o mundo que nos rodeia. As necessidades básicas alteram-se no tempo e no espaço, segundo as ideologias de cada povo, sendo importantes para o ser humano.

Ander-Egg (1989) considera que a elaboração de um projeto consiste em organizar um conjunto de ações a realizar, que implicam o uso e aplicação de vários recursos, numa determinada área, com o fim de alcançar certas metas e objetivos.

Embora haja consenso no sentido de reconhecer o projeto social como meio de resolução de problemas, que subentende uma intenção de transformação, movimento, dinâmica, mudança na realidade envolvente, os autores diferem na forma como perspetivam a atividade de conceção do projeto.

Enquanto Serrano (2008) valoriza a dimensão técnica ao definir o projeto como *“um plano de trabalho com caráter de proposta que consubstancia os elementos necessários para conseguir alcançar os objetivos desejáveis”* (p.16), Boutinet (1990) valoriza a dimensão filosófica, quando define o projeto social como projeto coletivo que passa por *uma “combinação operatória de um futuro desejado”* (p.101). Para Moreira (2010), é na própria realidade que o projeto se constrói, este requer um principiar pela prática e pela perspetiva de quem intervém junto dos problemas. Implica também, selecionar um problema emergente na realidade em presença e o tomar de



consciência das necessidades, no sentido de se projetar um plano que combine originalidade e criatividade, abertura e flexibilidade.

Encontramos em cada uma destas perspetivas os potenciais contributos da Animação Comunitária e Sociocultural, como ponto de partida da conceção e desenvolvimento de projetos que, sem dispensar a consideração por aspetos técnicos, partam da imagem de um futuro desejável e da escuta dos sujeitos que buscam soluções práticas para problemas que são vividos com maior ou menor consciência (crítica) pelos mesmos e cujas necessidades reclamam reconhecimento como direitos a garantir e a prover.



## Capítulo II – As Crianças como Cidadãs

### Introdução

Este capítulo visa reunir os referentes teóricos com que fomos construindo a ideia que orientou este projeto e situar o grupo social, que nos propusemos escutar e capacitar, tendo em vista a mudança social pretendida pela Animação Sociocultural e Comunitária: o envolvimento ativo das crianças na vida das comunidades e o seu reconhecimento como atores sociais e sujeitos de direitos.

Na Cimeira Mundial da Infância, realizada pelas Nações Unidas em 2002, referida por Fernandes (2006), postulou-se que é *necessário “mudar o mundo, não só pelas crianças, mas acima de tudo com a sua participação”* (p. 27), enfatizando assim a indispensabilidade da participação das mesmas nas realidades sociais onde se inserem. Embora a sociologia contemporânea assumisse a ideia de que as crianças eram cidadãs, esta cidadania era concebida como projeto a consumir na idade adulta. Foi na década de 80, do século XX, que com a nova reconceptualização da infância, os sociólogos da infância vieram defender a necessidade de considerar as crianças como atores sociais e a infância como grupo social com direitos, acrescentando a esta ideia *“a indispensabilidade de considerar novas formas de investigação com crianças”* (Christensen & James, 2005, p. 275). Importa, pois, refletir sobre a condição da infância e a cidadania das crianças como conquista da instituição e reconhecimento de direitos humanos e como desafio de criação de condições para a sua participação social na comunidade, o que, no nosso projeto, se insere no âmbito da Cidade Amiga das Crianças, de que falaremos adiante.

### 2.1- A Cidadania das Crianças como reconhecimento dos seus Direitos Humanos

Um marcador muito relevante da evolução das sociedades e das representações sobre a infância é, como têm sublinhado diversos autores, a Convenção dos Direitos da Criança, na medida em que a sua ratificação pelos Estados obriga a um maior comprometimento a nível ético, cultural e político com a mudança da condição da infância e a melhoria das condições de vida das crianças, bem como ao desenvolvimento de novas práticas com as crianças, no que sobressai a valorização da sua ação e da sua voz. A Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) é considerada um dos instrumentos mais importantes em matéria de direitos humanos; foi aprovada pela comunidade internacional e conta com o maior nível de



apoio, pois foi o tratado internacional de direitos humanos mais ratificado da humanidade. A Convenção é entendida com um documento fundamental para a legitimação da ideia de participação das crianças, na medida em que, nos 54 artigos que a constituem, são declarados os direitos civis e políticos e os direitos económicos, sociais e culturais de todas as crianças.

Para o Comité dos Direitos da Criança, a participação infantil é um princípio fundamental para assegurar o cumprimento dos direitos que as crianças possuem. Assim sendo, torna-se necessário assumir novas formas de reflexão sobre a infância e sobre o papel das crianças na sociedade.

Hammarberg (1990), cit. por Fernandes (2009), refere que os direitos representados na CDC podem ser divididos em três categorias: os direitos de provisão (os direitos sociais da criança, nomeadamente os associados à salvaguarda da saúde, educação, segurança social, cuidados físicos, vida familiar, recreio e cultura); os direitos de proteção (relativamente à discriminação, abuso físico e sexual, exploração, injustiça e conflito); e os direitos de participação (os direitos civis e políticos consagrados às crianças - ao nome e identidade, a serem consultadas e ouvidas, a terem acesso à informação, à liberdade de expressão, opinião e tomada de decisões).

Na CDC (1989) são promulgados o direito à participação, nos artigos 12º e 13º, que:

*“garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade... A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança” (p.10).*

É necessário considerarmos as crianças como atores capazes de promover a mudança social no seu dia-a-dia, exercendo a participação e cidadania.



## 2.2- A Cidadania das Crianças como conquista do direito à participação

De acordo com Sarmento (2009), foi no âmbito da Sociologia da *Infância* “*que se desenvolveram as primeiras reflexões teóricas e epistemológicas críticas da hegemonia da psicologia do desenvolvimento, que se inauguraram quadros interpretativos de análise e que se descortinaram problemáticas até então insuspeitas na abordagem científica da criança*” (p15).

Relativamente à construção social da infância, a sociologia contemporânea, vem desconstruir a ideia de que as crianças são os futuros cidadãos e que a cidadania só seria atingida na idade adulta para reconhecer as crianças como atores sociais e cidadãos ativos na nossa sociedade. Assim, surgem as desigualdades de condições de poder e ação entre as crianças e os adultos nos poderes de decisão, que mesmo quando são consultadas nas decisões que lhes dizem respeito, o fator idade e o paternalismo subjacente influencia de forma negativa a sua participação.

Uma das justificações para o percurso íngreme do grupo social da infância pode ser a ausência de uma condição política. Essa inexistência afeta a forma como vemos as crianças, pois não escutamos as suas vozes, dominando o ponto de vista dos adultos sobre elas, o que constitui uma lacuna sobre a sua verdadeira compreensão.

Como refere Hendrick (2005) “*só quando o a mentalidade dos adultos for superada, será possível ouvir um conjunto mais autêntico e, provavelmente, mais inquietante de vozes – porque haverá certamente muitas ocasiões em que as crianças contestam e contradizem as nossas visões*” (p.48).

Segundo Lansdown (1994), cit. por Fernandes (2005) é necessário “*desenvolver uma cultura de respeito pelas opiniões das crianças*” (p.47). Neste sentido, a autora menciona a necessidade de adaptar a informação à idade de cada criança e transmiti-la, para ela articular as suas opiniões, dando o espaço para a criança se expressar. No entanto, é fundamental devolver os resultados às crianças das suas decisões ainda que sejam contrárias às suas expectativas.

Os principais valores no modelo de sociedade democrática, são caracterizados pela justiça, igualdade e solidariedade. Estes valores surgem com a consciencialização dos direitos do indivíduo e por conseguinte, dos direitos dos seus pares.

Conforme Fernandes (2006), a participação é um princípio básico dos direitos humanos em geral e dos direitos das crianças em particular. Como princípio básico,





sustenta também um outro conjunto de direitos inalienáveis em todo este processo: os direitos de reunião, dos direitos de associação e dos direitos políticos. A participação implica também alguns valores fundamentais como a liberdade, a igualdade e a solidariedade entre os indivíduos.

No mesmo sentido, afirma Tomás (2007) que *“a participação apresenta-se como condição absoluta para tornar efetivo o discurso que promove direitos e, assim, a promoção dos direitos de participação assume-se como um imperativo para concretizar a criança como sujeito de direitos”* (p.51). No entanto, e como refere a mesma autora, *“só recentemente surgiu o paradigma da participação cidadã e da participação das crianças, que defende que a criança tem e pode expressar diferentes concepções, necessidades e aspirações relativamente aos adultos”* (p.131).

Hart (1992), referido por Muñoz (2008), apresenta-nos como recurso uma escala de participação infantil, no sentido de garantir que esta seja real nos projetos que envolvam as crianças. De acordo com este autor, cit. por Muñoz (2008), podemos identificar vários níveis de participação das crianças. O autor defende a existência de oito degraus com níveis de participação crescente. Os três degraus iniciais refletem as etapas de não participação das crianças, e os restantes caracterizam os níveis de participação. A saber:

- Primeiro degrau – *manipulação* – Quando as crianças são envolvidas em determinadas iniciativas sem terem sido informadas sobre as mesmas;
- Segundo degrau – *decoração* – As crianças são meramente figurativas, sendo envolvidas de forma indireta, não sendo apresentadas como dinamizadoras;
- Terceiro degrau – *tokenismo* – A participação das crianças é simbólica, pelo que, aparentemente, têm voz no processo, mas, na realidade, não têm uma opinião própria sobre o assunto.

Os cinco degraus seguintes ilustram posições crescentes no nível de participação infantil, em que as crianças entendem as intenções do projeto e têm consciência das decisões tomadas no processo em que se encontram envolvidas desempenhando um papel de participante voluntário. A participação das crianças depende, por um lado, da vontade de implicação das próprias crianças, e por outro, do tipo de projeto.

- Quarto degrau – *delegação com informação* – As crianças participam devidamente informadas e compreendem os objetivos da iniciativa, embora não a tenham programado;



- Quinto degrau – *consulta e informação* – Acontece quando as crianças são consultadas e informadas acerca de um projeto, apesar de ser desenhado e executado por adultos;
- Sexto degrau – *iniciativa adulta com partilha de decisões da criança* – Identifica o momento em que o adulto inicia o projeto, mas partilha decisões com a criança. Desta forma as crianças participam ativamente na tomada de decisões;
- Sétimo degrau – *iniciado e dirigido pelas crianças* – Verifica-se quando as decisões e ações são desenvolvidas pelas crianças durante todo o processo, não havendo intervenção do adulto sem ser necessário;
- Oitavo degrau – *iniciado e dirigido pelas crianças com decisões partilhadas com os adultos* – Quando as crianças querem integrar os adultos nas decisões no desenvolvimento dos seus próprios.

Fernandes (2009) defende que “*privilegiar uma intervenção social com crianças baseada nos seus direitos permite acentuar uma imagem social da criança enquanto sujeito de direitos e com ação social, decorrendo daqui a exigência de lhe reservar espaços sociais de participação*” (p. 28). No entanto, a autora salienta o facto do exercício do direito de participação pelas crianças requerer ser refletido, tendo em conta as barreiras sociais e culturais que se opõem ao reconhecimento das suas competências sociais. No mesmo sentido, Christensen and James (2005) referem que “*parece existir uma relutância em considerar as afirmações das crianças como válidas, talvez porque as suas opiniões são vistas como especialmente flexíveis e suscetíveis a influência*” (p.106) e que “*através dos diálogos com crianças, podemos aprender sobre o que elas conhecem e, até certo ponto, como elas aprendem*” (p.123).

Pensar o direito de participação social das crianças partilhando decisões dos seus mundos de vida pressupõe que este se constrói através das interações, o que significa que o reconhecimento do estatuto das crianças como atores sociais só faz sentido se se fizer acompanhar da auscultação da sua voz e da valorização da sua capacidade de atribuição de sentido, quer às suas ações, quer aos seus contextos de vida, ainda que expressos com características específicas, de acordo com o seu desenvolvimento. Sarmento (2002) acrescenta que essa participação é mais sentida em espaços menos institucionalizados, trazendo para a agenda política, questões, por exemplo, entre outras, ligadas ao ambiente. Ainda no que respeita a questão da participação, o autor refere que, atualmente, esta é de suma importância na renovação democrática. Contudo, ainda na perspetiva do autor, só será possível pelo “reconhecimento dos direitos de participação das crianças na constituição do espaço público e pela mobilização expressiva da sua opinião” (p. 275).



### 2.3- Da participação ao protagonismo Infantil na conquista da Cidadania

Para sublinhar a necessidade e protagonismo das crianças na conquista dos seus direitos, Gaitán (1998) cit. por Fernandes (2005) considera que este se trata de um:

*“processo social, mediante o qual se pretende que crianças e adolescentes desempenhem um papel principal no seu desenvolvimento e no da sua comunidade para alcançar a realização plena dos seus direitos atendendo ao seu interesse superior. É tornar real a visão da criança como sujeito de direitos e portanto, deve dar-se uma redefinição de papéis nos diferentes sectores da sociedade: infância e juventude, autoridades, família, sectores não organizados, sociedade civil, entidades, etc.” (p 122).*

Na perspetiva de Gaitán (1998) cit. por Martinez (2003) o protagonismo infantil é o conceito mais adequado para garantir uma cidadania plena às crianças, considerando que o que está em causa é o direito de cada ser humano e de cada grupo social, o que nos transmite a mensagem de que o ser humano é um ser "competente", reforçando a participação desempenhada como papel principal que dá um toque especial e dinamismo à situação. Porém, como o conceito de protagonismo pertence ao mundo da cultura, o seu carácter histórico e cultural é evidente, tanto mais quando se trata de crianças, pelo que é necessário, segundo Gaitán (1998), cit. por Fernandes (2005), assegurar a existência de três mecanismos essenciais que sustentem o desenvolvimento de um processo que promova o protagonismo das crianças. Estes mecanismos incluem (i) a *organização infantil*, que é um processo lúdico, flexível e democrático, de sensibilização pelas crianças dos contextos onde se insere; (ii) a *participação infantil*, que ambiciona incrementar o poder da infância organizada na sua relação com os adultos, para garantir a legitimidade e incidência social do protagonismo infantil e (iii) a *expressão infantil*, considerada a manifestação do ser, pensar e sentir das crianças que deverão estar em correspondência com os seus interesses. Tendo por base estes mecanismos, a UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância - considera essencial que estas condições sejam asseguradas na elaboração dos projetos com as crianças, o que localmente propõe com a iniciativa da Cidade Amiga das Crianças.



## **2.4- A Cidade Amiga das Crianças como contexto propício ao protagonismo infantil**

A Cidade Amiga das Crianças é uma iniciativa de carácter internacional que promove a participação infantil nos governos locais. O conceito de Cidades Amigas das Crianças foi criado pela UNICEF em 1996, no seguimento da resolução aprovada na segunda conferência das Nações Unidas sobre *Human Settlements* (Habitat II), cujo objetivo era tornar as cidades locais onde todos possam viver. Nesta conferência concluiu-se que o bem-estar da criança era um indicador de um habitat saudável, revelador de uma sociedade democrática e bem governada.

A construção de uma Cidade Amiga das Crianças assenta nos quatro princípios consagrados da Convenção Sobre os Direitos das Crianças: o Princípio da Não Discriminação (artigo 2º); o Interesse Superior da Criança (artigo 3º); o Direito à Vida, à Sobrevivência e ao Desenvolvimento (artigo 6.º); e o Respeito pelas Opiniões da Criança (artigo 12.º). O que esta iniciativa pretende é colocar as necessidades das crianças em lugar de destaque e definir políticas públicas sem esquecer a visão dos mais pequenos.

Um dos pressupostos do Programa Cidades Amigas das Crianças é criar condições para que as cidades e vilas, sedes de municípios, garantam uma atenção primordial à situação das crianças, em respeito pelo seu bem-estar e universalidade dos seus direitos, visando assim, contribuir para a promoção e divulgação dos direitos da criança. Desta forma, uma Cidade Amiga das Crianças é aquela que, tendo em consideração as suas opiniões e necessidades, permite que as crianças possam influenciar as decisões que envolvem a vida da sua cidade, assim como participar em eventos culturais e sociais, garantindo os serviços básicos de saúde e educação, sem qualquer discriminação de raça, sexo, etnia, religião ou condição económica.

A construção de uma Cidade Amiga das Crianças, segundo a orientação da UNICEF, implica um conjunto de requisitos:

- um quadro legal amigo das crianças;
- uma estratégia para os Direitos das Crianças na cidade;
- uma comissão dos direitos da criança ou um mecanismo de coordenação;
- um orçamento para as crianças;
- um relatório periódico sobre a situação das crianças na cidade;
- um defensor independente das crianças que dê a conhecer os Direitos da Criança;
- a participação ativa das crianças;



- o envolvimento frequentemente destas nos assuntos que lhes digam respeito;
- a garantia de que as suas opiniões sejam escutadas e tomadas em consideração nos processos de tomada de decisão.

Ao pretender que as crianças, em todo o mundo, tenham “voz pública” e, deste modo, contribuam para a construção de uma cidade melhor, a UNICEF propõe (i) a criação de condições locais para um adequado desenvolvimento pessoal de todas as crianças, a partir da promoção das próprias capacidades e de autoconfiança; (ii) a otimização dos processos de tomada de decisão, dada a implicação de um coletivo social mais amplo e de um setor frequentemente negligenciado em tais processos e cujas participações podem enriquecer os resultados finais; (iii) a proteção da infância contra os abusos, em geral, e contra qualquer ação que fragilize os direitos das crianças, dada a oportunidade que estas têm de denunciar; (iv) propõe ainda, a facilitação da aquisição e concretização de valores democráticos, para a formação de melhores cidadãos.

Portugal aderiu ao conceito Cidade Amiga das Crianças em 2007, data a partir da qual o Comité Português da UNICEF e o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social celebraram um protocolo com 13 Municípios, cujas experiências de implementação da iniciativa a nível local permitiriam identificar possíveis formas de dinamização e disseminação da mesma a nível nacional.



### Capítulo III- As crianças de origem africana como grupo minoritário

*“Cada criança é única, é especial para quem a ama. Mas todas têm os mesmos direitos, (...) há meninos brancos, negros, amarelos ou com a pele vermelha. De várias raças. Há meninos cristãos, muçulmanos, hindus, de muitas religiões ou sem religião (...) Mas todos são membros da humanidade e devem ser protegidas da mesma forma, existindo leis que castigam aqueles que os discriminam pelas suas diferenças”* (Soares, 2009, p. 7).

#### Introdução

Neste capítulo referimos brevemente algumas considerações teóricas sobre a imigração, no que se refere à questão da identidade e diferença, que nos alertaram para a condição de desvantagem do grupo social com que desenvolvemos o nosso projeto: crianças descendentes de famílias africanas. Embora no caso em presença, estas crianças pertençam a famílias imigrantes, a sua vinculação e pertença a uma Associação – a Associação Mon na Mon, que caracterizaremos adiante – contribui para minimizar as diferenças socioculturais. Contudo, estas mantêm-se, pelo que julgamos pertinente abordar os aspetos que estruturam a relação social da população residente com a população imigrante, na sua tendência de invocar a diferença para justificar a desigualdade de tratamento e/ou a desvantagem no acesso a bens e serviços a que tem direito. Numa perspetiva antropológica conceptualiza-se as minorias étnicas como grupos minoritários que, inseridos em sociedades com valores diferentes dos seus, vão mantendo as suas tradições e especificidades culturais (Pinto, 1995, p. 37).

#### 3.1- A imigração como circunstância de vida e de inserção social

A imigração e a emigração são fenómenos sociais que acompanham a história de Portugal e que são vividos no dia-a-dia da maioria das sociedades no encontro entre os que saem do seu país em busca de melhores condições de vida e os residentes que pertencem ao país de acolhimento. O processo de descolonização dos países africanos fez com que na segunda metade da década de setenta, Portugal tivesse assistido a um aumento substancial no crescimento da sua população



residente em resultado de um primeiro fluxo constituído pelo regresso de mais de meio milhão de portugueses e um segundo fluxo constituído por população africana, proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), ambos com nacionalidade portuguesa.

Embora nos termos da lei todos os nacionais estrangeiros a residir legalmente no país têm os direitos de cidadania, exceto os direitos políticos, conforme refere Esteves (1991), há diferenças no modo como a igual dignidade social conferida pela lei é ou não afirmada e reconhecida. Por esta razão, *“a existência da diferença cultural pode (...) tornar-se um indicador de fronteira entre as pessoas a quem foram e a quem não foram dados direitos sociais, políticos”*, conforme adverte Rex (1988) cit. por Santos (2004).

Segundo Santos (2004) a diferença cultural enquanto forma de singularização de grupos traz ocultos outros tipos de fenómenos. Sendo a maioria dos imigrantes africanos uma mais-valia para o país, do ponto de vista económico, a sua inserção é condicionada pela falta de qualificação, pela precariedade no trabalho, pela habitação em zonas desvalorizadas, conforme adverte a autora. Os seus filhos são acusados de inadaptação, de violência, de insucesso escolar, etc. (Santos, 2004). Esta circunstância obriga-nos a ter o cuidado de discernir entre a cultura e a categoria social quando refletimos sobre a multiculturalidade e sobre a complexidade do processo de interação entre grupos residentes numa mesma comunidade. Brito & Vasquez (1996) consideram que o facto de se ser estrangeiro pode constituir em si mesmo um obstáculo à observação dessas pessoas, comparativamente a outras com desigualdades idênticas, mas sem este atributo. Neste sentido, as diferenças culturais leva-nos a pensar na estigmatização destes grupos. Remete-nos para a relação entre cultura, classe e categoria social. Gordon (1964) cit. por Santos (2004) distingue três variáveis importantes nesta relação: identidade de grupo, participação social e comportamento cultural. A título exemplificativo, elementos do mesmo grupo étnico, mas de classes sociais diferentes partilhariam do mesmo sentimento de pertença, mas não dos mesmos comportamentos e práticas. Segundo este ponto de vista pode-se analisar o olhar de elementos exteriores sobre os estrangeiros e até dos grupos minoritários. Desta forma, os grupos poderão ou não partilhar sentimentos ou práticas e o meio exterior poderá apresentar comportamentos diferentes consoante se refira ou se relacione com pessoas de diferentes classes sociais, ainda que estas sejam da mesma cultura.

Para Penninx (2003) cit. por Brigeiro (2006), a integração dos imigrantes nas sociedades de acolhimento é um processo complexo e multifacetado, apesar de poder ser definida simplesmente *“como o processo de aceitação dos imigrantes pela*



*sociedade recetora, como indivíduos e como grupos*” (p.53), ou como um “*processo de interação, ajustamento e adaptação mútua entre imigrantes e a sociedade de acolhimento, pelo qual ao longo do tempo, as comunidades recém chegadas e a população dos territórios de chegada formam um todo integrado*” (Papademetriou, (2003), cit. por Brigeiro (2006), p. 53).

Damos conta da complexidade deste processo quando reconhecemos que, sendo a igualdade um dos princípios fundamentais da lei portuguesa, à luz do qual nenhuma pessoa pode ser alvo de discriminação por motivos de sexo, raça, língua, nacionalidade, religião, o racismo continua a ser uma realidade vivida por muitos, conforme demonstra Sertório (2001) no seu “Livro Negro de Racismo em Portugal”, cit. por Santos (2004). Continuamos, assim, a ter que considerar as barreiras e adversidade das condições de vida e de inserção da população portuguesa e imigrante de origem africana que persistem apesar do Governo ter criado em 1996 o Gabinete do Alto Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas (Imigrantes Somos Todos, 2008), que é responsável por promover a melhoria das condições de vida dos imigrantes e das minorias étnicas e a sua integração na sociedade portuguesa, respeitando a sua identidade e cultura de origem.

### **3.2- A identidade construída das crianças de origem africana**

Apesar da população de origem africana, ou mais especificamente dos PALOP, falar português e partilhar aspetos culturais comuns à população portuguesa, a diferença de ser africano e negro coloca os sujeitos, tanto como indivíduos como quanto grupo, diante da sua comunidade de origem e de pertença e da sociedade de inserção, de modo particular e específico. Como considera Machado (1994), o luso-africano em Portugal encontra-se exposto à dupla e ambígua condição de ser e não ser português. Muitos jovens luso-africanos poderão encontrar-se também numa situação de dupla cultura mal integrada. Segundo o autor, “*o universo da família e da cultura de origem não constitui uma referência positiva, não só pelas condições de vida difíceis dos seus como pela distância cultural que entretanto se criou.*” (p.125), O mesmo autor considera que a experiência de pais e filhos decorre em duas sociedades diferentes, os primeiros basicamente na sociedade de origem e os segundos na sociedade de acolhimento, e as clivagens geracionais podem ser particularmente acentuadas nas famílias imigrantes. Assim sendo, estes jovens podem estar entre duas culturas, mas longe de qualquer delas.





A identidade cultural dos jovens luso-africanos combina dimensões que remetem para uma herança cultural transmitida pela sua família com outras que têm a ver com o seu trajeto específico numa sociedade muito diferente daquela da qual os seus pais são oriundos. Santos (2004) refere-nos que alguns autores têm vindo a utilizar expressões como “afro-europeus”, “afro-portugueses” ou “minorias étnicas”, apontando já para uma integração assumida destas pessoas na sociedade portuguesa, mesmo que o seu percurso esteja marcado também por uma cultura africana.

Segundo Martinez e Bronfman (1996), cit. por Santos (2004), “*o estrangeiro que fica muito tempo num país é menos estrangeiro que outro que acaba de chegar*” (p.19). Para Bennet (1990), cit. pela mesma autora, os grupos com identidade cultural forte opõem-se à destruição da sua identidade, por parte da sociedade dominante, não obstante haver grupos minoritários com identidade cultural bem definida que se hostilizam mutuamente.

Ao analisar a educação das crianças africanas residentes em Portugal, Dubar (1996) cit. por Santos (2004), chama a atenção para o processo de socialização enquanto “*conjunto de processos estruturais e biográficos que asseguram a construção das identidades sociais pelas instituições e indivíduos*” (p.43). Santos (2004), considera ainda que a socialização, a identidade e a relação com o saber são dimensões importantes para entendermos como a criança se constrói face ao mundo, face aos outros e face a si mesma. Neste sentido, a mesma autora cita Mead (1993), para reforçar a ideia de que no processo de socialização reside a relação que o indivíduo constrói com o outro, construindo tanto um modo pessoal de estar na comunidade, como uma abstração do outro, membro da comunidade.

Para a construção do presente projeto foi importante termos compreendido que mais do que a condição de ser imigrante e oriundo de uma cultura diferente, é fundamental considerar que os jovens oriundos da imigração “*vivem vários mundos ao mesmo tempo, em comunidades e numa cultura de massa, na exclusão económica e numa sociedade de consumo, no racismo e na participação política*”, conforme afirma Dubet (1996, p.18). Estes são factos que parecem justificar a indispensabilidade de uma intervenção que, embora combinando preocupações com a socialização, que são valorizadas pela educação social e pela pedagogia social, tem como base os princípios e a prática que caracterizam a animação sociocultural e comunitária. É na orientação transformadora de indivíduos em atores sociais competentes, que participem para uma mudança social, que vemos as potencialidades desta forma de intervenção contribuir para que este grupo em desvantagem possa encontrar espaço



para reclamar a igualdade que lhes é prometida como direito: por serem crianças e por serem cidadãos em Aveiro.

Como refere Mantoan (s.d), cit. por F. D. Lopes (2009):

*“não lidar com as diferenças é não perceber a diversidade que nos cerca, nem os muitos aspetos em que somos diferentes uns dos outros e transmitir, implícita ou explicitamente, que as diferenças devem ser ocultadas, tratadas à parte. No entanto, uma sociedade verdadeiramente inclusiva implica que se respeite e valorize as diferenças e os direitos à igualdade de género e de oportunidades para todos incluindo as crianças.” (p.27)*



## II Parte - Enquadramento Teórico Metodológico

*Nesta segunda parte do relato do projeto de investigação realizado pretendemos apresentar os referentes teórico-metodológicos que tomámos em conta no percurso de exploração das formas de promoção do protagonismo social de crianças, de um grupo minoritário, com recurso à prática da animação sociocultural e comunitária.*

*Pretendemos também justificar as opções e as decisões que tomámos para garantir o rigor dos procedimentos de abordagem, escuta e interação com as crianças, que constituímos como nossos parceiros de um processo de produção de conhecimento sobre a Cidade de Aveiro, enquanto destino turístico de crianças e adultos.*

*Num primeiro momento, abordaremos alguns aspetos que considerámos importantes para que a nossa prática pudesse respeitar alguns princípios orientadores dos processos de Investigação-ação participativa e assumisse as precauções devidas à investigação com crianças e de modo especial à sua escuta e participação como investigadores-atores. Faremos uma breve referência às técnicas que nos auxiliaram na criação de contextos de interação comunicativa com as crianças e destas entre si. Neste sentido, abordaremos aspetos a considerar no desenvolvimento das conversas com as crianças.*

*Num segundo momento apresentaremos o projeto como percurso de criação de oportunidades de envolvimento e diálogo com as crianças, que teve em vista a sua constituição como grupo de investigadores participantes na construção de Aveiro como Cidade Amiga das Crianças no qual procuramos “ter em conta a visão das crianças acerca das suas realidades sociais e culturais, a partir do seu próprio contexto e através das suas vozes” tal como propõe Alderson (1995) cit. por Christensen & James (2005, p.147).*



## Capítulo IV – Justificação de opções e decisões metodológicas

### Introdução

Ao desenvolver o projeto com o grupo de crianças da Associação Mon na Mon, assumimos como compromisso orientar a nossa prática segundo os princípios da investigação-ação participativa, que se baseia em situações reais da comunidade e procura criar condições para que todos os intervenientes possam construir, em conjunto, o conhecimento necessário, enquanto atores sociais no grupo de investigação. Desta forma, esta investigação relaciona-se com a conquista de uma participação democrática e de justiça social por parte dos participantes.

### 4.1 – Referências teóricas que articulam a investigação- ação e a participação

A investigação-ação consiste numa metodologia que surgiu do campo educativo, originalmente utilizada com adultos, que se estendeu a outros campos em que se pretende que a produção de conhecimento participe na mudança social, pela transformação da estrutura das relações sociais e incorporação da ideologia e da auto reflexão crítica como parte do processo.

Esta metodologia enquadra-se no “*paradigma emergente das ciências sociais críticas, um movimento político e um processo múltiplo de investigação, educação e ação*” (Tomás, 2007, p. 47), no paradigma sóciocrítico, que pressupõe a possibilidade de “*transformação das realidades e das ações praticadas nas diversas áreas do conhecimento*” tal como refere J. d. O. Soares (2010).

Conforme refere Fernandes (2005), citando Kemmis e McTaggart (2000), a origem da Investigação participativa é atribuída à confluência de algumas correntes de investigação, emergentes nos finais dos anos 80 e inícios dos anos 90, do século XX. Entre estas metodologias emergentes sobressai a investigação participativa ativa de Paulo Freire (1972) e a antropologia aplicada, associada às perspetivas neomarxistas de desenvolvimento comunitário e aos movimentos ativistas dos direitos humanos, além da análise agro-sistémica de Conway (1987), também referida pela autora. Estas correntes apresentam características comuns como a inovação local, o respeito pela diversidade e complexidade, o desenvolvimento das capacidades locais, a análise interativa e o diálogo e o apoio para as ações futuras.

Esta proposta metodológica pareceu-nos especialmente adequada ao nosso objetivo de produção de conhecimento na intervenção, por se tratar de uma



abordagem que privilegia um processo coletivo de produção e reprodução de conhecimento (também considerado pertinente e necessário pelos cientistas sociais) em que, se parte de situações reais da comunidade para criação de condições de possibilidade de participação de todos no processo que visa a mudança social. O conhecimento se constrói através do diálogo e pela constituição progressiva de um investigador coletivo; neste, todos analisam uma situação, todos pesquisam, significam os dados recolhidos e refletem sobre eles; todos decidem, agem, e avaliam processos e resultados à luz do conhecimento produzido e das aprendizagens realizadas. O pressuposto é de que todos os seres humanos possuem e podem produzir conhecimentos úteis (cf Lima; 2003).

Lima, define a investigação-ação participativa como uma metodologia de animação comunitária, na medida em que esta implica um processo de autodesenvolvimento, no qual *“um coletivo procura conhecer-se e conhecer o que lhe é exterior para agir adequadamente no sentido da melhoria da qualidade de vida (...)”*. A caracteriza como um processo de *“produção coletiva de conhecimento e ação, o menos hierarquizada possível, (...) que se vai realizando com a preocupação de conhecer sempre melhor (...) nos processos de construção de respostas para situações problemáticas”* e em que *“a aprendizagem e a participação na análise e na tomada de decisões favorece a responsabilização e o empenhamento na sua concretização.”*. Para a autora trata-se de *“um modo de procurar entender o mundo para nele melhor se viver, para que possa constituir moradia confortável de tudo quanto nele existe”* (p.306).

Na investigação-ação participativa considera-se cada sujeito como protagonista e todos os indivíduos são reconhecidos como detentores e produtores de conhecimentos proveitosos para a condução da sua vida e da comunidade. A ação dos sujeitos no processo de produção do conhecimento é assumida como participação, na tomada de consciência dos problemas da comunidade, na sua resolução, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida. Neste tipo de investigação assiste-se a um intercâmbio entre investigador e investigado, de tal modo que um assume por vezes o papel do outro, ou seja, o investigado é simultaneamente o investigador.

Noutro sentido, Fernandes (2006) afirma que a ação dos participantes envolvidos no processo de investigação insere-se em dinâmicas democráticas, recíprocas e criativas, e tem de ser entendida como um processo ativo e afetivo revelador das diversas intersubjetividades.

Esta abordagem metodológica pareceu-nos também importante por ser marcada pelo cariz prático, permitindo que o investigador se envolva no processo ativamente, conjuntamente com os outros intervenientes, numa lógica de dinamismo,



do qual resulta a construção do conhecimento, gerando alterações no próprio sistema social.

#### 4.2- As crianças como participantes da investigação

Os processos de investigação que implicam a ação e participação dos sujeitos na produção de conhecimento, assume um carácter de maior complexidade quando implica a participação das crianças, enquanto investigadores - atores que tem experiencias e perspectivas diferentes da realidade vivida e pensada pelos adultos.

A visão das crianças permite desvendar fenómenos sociais que não conseguimos perceber através da visão dos adultos. Para Pinto & Sarmento (1997) *“o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respetivos mundos de vida”* (p.25).

Uma das implicações da escuta e participação das crianças na investigação é que esta pode percorrer um trajeto diferente do pensado inicialmente pelo adulto e implicar a reformulação do projeto com ou pelas crianças. Os adultos devem encarar as crianças como parceiras, baseando a sua ação na escuta das mesmas. Alderson (1998), cit. por Christensen e James (2005), refere que *“reconhecer as crianças como sujeitos e não como objetos de investigação significa aceitar que as crianças podem falar “de direito próprio” e relatar opiniões e experiências válidas.”* (p.263)

De acordo com Fernandes (2006), *“a investigação com crianças, para ser genuína e efetiva terá que se organizar de forma a permitir que as crianças tenham oportunidade de serem atores no processo de investigação, aspeto que está mais dependente das competências dos adultos, relativamente à organização e estratégias de investigação que permitam tal, do que das competências das próprias crianças”* (p.30).

Christensen & James (2005) consideram que *“somente ao ouvir e escutar o que as crianças dizem e ao tomar em consideração à forma como comunicam é que se fará progresso nas pesquisas que se levam com crianças, mais do que simplesmente sobre as crianças”* (p. XIX).

As autoras defendem que consideram que o envolvimento das crianças na investigação pode salvá-las de serem representadas erradamente como objetos passivos o que implica atitudes de respeito, o seu consentimento informado e voluntário. Recomendam que a participação ativa das crianças no processo de



pesquisa seja deliberadamente solicitada e que as suas perspetivas, visões e sentimentos sejam aceites como uma evidência genuína e válida.

Para Moreira (2010) a criança deve ser vista como um participante ativo na construção e determinação das suas experiências, das suas vidas individuais e coletivas e, das sociedades em que vivem. Neste sentido, torna-se fundamental perceber o próprio entendimento e conhecimento da criança nos vários espaços estruturais nos quais vive a sua vida cabendo ao investigador compreender o conhecimento que estas possuem sobre a sua posição social, o estatuto de ser uma criança e as relações criança-adulto.

Segundo Maynard (s.d) cit. por M. Pinto & Sarmento (1997), as crianças desde cedo desenvolvem competências comunicativas com códigos próprios que não podem ser abordados enquanto “*versões incompletas da linguagem dos adultos*” (p.49).

Quando iniciamos uma investigação com crianças devemos ter em atenção as questões de métodos e técnicas, de modo a obter resultados utilizando os procedimentos metodológicos mais adequados.

As investigações que têm por objetivo auscultar as vozes das crianças podem ser realizadas através de metodologias que vão desde:

*“os estudos etnográficos, a observação participante, o levantamento dos artefactos e produções culturais da infância, as análises de conteúdo dos textos reais, as histórias de vida e as entrevistas biográficas, as genealogias, bem como a adaptação dos instrumentos tradicionais de recolha de dados, como, por exemplo, os questionários, às linguagens e iconografia das crianças, [que se] integram entre os métodos e técnicas de mais frutuosa produtividade investigativa”* (M. Pinto & Sarmento, 1997, p. 26).

Concordando com Boyden e Ennew (1997), cit. por Fernandes (2005), quando referem que numa investigação que encare a participação das crianças os princípios éticos que a influenciam não devem estar previamente estabelecidos, mas considerados num processo contínuo de construção, atendendo à idade das crianças, ao seu grau de competência e experiência, ao contexto sociocultural e ainda ao género. As ferramentas e opções metodológicas terão de estar em permanente diálogo com a diversidade das interações que se estabelecem à medida que a investigação se vai desenvolvendo. No caso da entrevista por exemplo, a consideração por alguns aspetos torna necessário uma preparação cuidadosa.



#### 4.3- As Técnicas Participativas como recurso

A investigação com uma dimensão participativa privilegia a utilização de técnicas que permitam às crianças expressar-se através das suas ideias e representações, à sua maneira, sem ficarem sub-representadas nas formas adultas de pensar e falar.

Como refere C. F. d. Santos (2010), na investigação participativa com crianças utilizam-se técnicas baseadas na conversação, ou seja, as Conversas informais. Para respeitar e reconhecer as crianças com o devido valor dos seres humanos é necessário escutá-las. Consideramos as conversas informais importantes na medida em que é uma forma de dar voz àqueles que são os sujeitos primordiais da investigação. Através dos diálogos com crianças podemos aprender sobre o que elas conhecem e, até certo ponto, como elas aprendem. Por outro lado, é uma forma de confrontar outras perspetivas, recolhendo diversos pontos de vista.

Para Mayall (2005), a conversa como meio de gerar dados com as crianças permite-nos entregar a agenda às crianças, para que elas possam controlar o passo e a direção da conversa, explorando tópicos. As conversas com crianças permitem também, através das conversas uns com os outros, fortalecer o seu conhecimento e aprender mais sobre aspetos dos seus mundos sociais

Concordando com Christensen & James (2005), as crianças através das conversas umas com as outras aprendem sobre o significado de ser uma criança e sobre as variedades de infâncias, ao compararem experiências, discutindo respostas emocionais a acontecimentos, e debatendo valores.

No processo de “escuta” incluímos momentos de discussão focalizada em grupo, na procura de explorar diferentes perspetivas sobre um mesmo tópico em situação de interação entre crianças.

A interação dos participantes é uma das vantagens que Kitzinger (1994), cit. por Moreira (2010) identifica nos grupos de discussão. Ao encorajar uma variedade comunicativa esta técnica ajuda a identificar as normas do grupo; fornece uma perspetiva dos processos sociais e pode encorajar conversas abertas sobre assuntos embaraçosos. Neste sentido, o investigador é capaz de explorar diferenças, usando o conflito para clarificar o porquê das pessoas fazerem o quê; explorar argumentos para ver como as pessoas mudam de opinião e analisar a maneira como formas particulares de discurso facilitam ou inibem a comunicação entre pares.

Outro aspeto que procuramos atender foi à atitude do investigador. Como tem sido realçado é importante adotar um papel de observador participante com as crianças, no sentido de escutar, observar, refletir e relacionar-se com as crianças no





diálogo, à medida das situações naturais que decorrem da interação social e em função das suas interpretações e perceções durante o trabalho de campo. Mandell (1991) e Thorne (1993), cit. por Christensen & James (2005) recomendam também que o investigador tente “*adotar o papel menos adulto, misturando-se com o mundo social das crianças*” (p.124).

O *photo voice* é outra técnica interessante que consiste em utilizar parte da fotografia e da voz dos participantes para conhecer as suas experiencias e vivências para encorajar os indivíduos a identificar e a refletir sobre aspetos da sua própria experiência pessoal, familiar e comunitária; promover o diálogo crítico e o conhecimento sobre aspetos importantes da sua comunidade; projetar a visão acerca das suas vidas a outros.

Fernandes (2005) refere-nos a utilização de registos escritos da criança, que poderão assumir o formato de ensaios, de diários ou ainda de observações que a criança faz relativamente ao seu quotidiano, ou a aspetos específicos previamente definidos com o investigador, uma outra ferramenta metodológica, possível de ser utilizada com crianças que dominem a expressão escrita. A mesma autora menciona também que:

*“na investigação participativa, podemos recorrer à utilização da fotografia e do vídeo como sendo uma alternativa ao registo escrito, o qual, por si só, promove a exclusão de muitas crianças como informantes e investigadoras válidas. Encarar as crianças como competentes para o manuseamento de equipamentos de registo em vídeo e em fotografia é uma atitude indispensável para lhes facultar documentar e tornar visíveis as suas representações acerca do mundo que as rodeia.”* (p.163)

Servimo-nos ainda, das notas de campo que, sendo uma técnica baseada na observação, se trata de um registo diário do trabalho desenvolvido com o grupo participante no decorrer das atividades desenvolvidas com os protagonistas, no qual se relata a experiência do investigador em relação com os estudados, o que dizem, o que fazem e o que pensam.

Segundo Denzin (1998), cit. por Moreira (2010) baseiam-se numa descrição consistente do acontecimento: “A descrição densa ... faz mais do que registar o que uma pessoa está a fazer. Ela vai além dos meros factos e das aparências superficiais, apresentando detalhes, contexto, emoção e as redes de relações sociais que unem pessoas umas às outras” (p.42).

De acordo com Fernandes (2005) “(...) *recolhendo os diversos pontos de vista*



*em que as descrições das interações nele constantes sejam o mais completas, exatas e precisas possíveis, as opiniões das crianças que estão a ser observadas são uma fonte preciosa” (p.71).*

No nosso trabalho com as crianças privilegiamos o recurso a conversas informais, a fotografia, a produção de registos escritos e a observação participante.

## **Capítulo V – O projeto como proposta e percurso de (re)conhecimento**

### **Introdução**

O projeto que apresentamos consistiu numa investigação com crianças que habitam na cidade de Aveiro e que apresentam a especificidade de serem imigrantes ou filhos de pais imigrantes, todas elas de origem africana. Esta investigação pretendeu analisar o envolvimento destas crianças no conhecimento da cidade e a sua visão da mesma. Teve, ainda, em especial atenção as opiniões e pareceres das crianças em relação aos locais visitados. A criança foi colocada no lugar de protagonista principal nesta jornada. A cidade transformou-se numa espécie de “material” estudado e analisado pelos olhares destes pequenos turistas.

Como já referimos, a metodologia utilizada foi a de investigação-ação participativa, pretendendo dar voz às crianças em relação ao lado social e cultural da cidade, valorizando as suas opiniões, através da construção de dispositivos de escuta próprios e adequados. Desta forma, foi-lhes dada a oportunidade de conhecer melhor o sítio onde moram e descobrirem novos lugares. Foi numa lógica de cidadania ativa e de promoção do direito da participação das crianças, previsto na Convenção dos Direitos da Criança, que todo este trabalho se baseou – a criança como porta-voz das suas conceções e vivências do local onde vivem, mas muitas vezes diferente das suas raízes.

### **5.1- Os dois Pontos de Partida**

Tal como referimos na introdução este trabalho de investigação teve como pontos de partida a preocupação teórica com a condição social da infância e a cidadania das crianças e o interesse pela diferença do ponto de vista expresso por um grupo de crianças de origem africana residentes, sobre a Cidade de Aveiro, onde



residem.

Ao constatar que o mapa construído por elas omitia elementos do património cultural e outros oferecidos como motivos de atração de visitantes e turistas despertou-nos para o interesse de desenvolver um projeto com as crianças da Associação Mon na Mon, em que partindo de situações reais pudéssemos criar com elas o conhecimento científico-social necessário para que elas pudessem reconhecer-se e serem reconhecidas localmente, como cidadãs e participantes num grupo de investigação sobre a Cidade.

Perguntávamo-nos então: Será que estas crianças conhecem os espaços existentes? Sentem a cidade como sua? Identificam-se com o meio cultural e social local? Estão informadas e usufruem das oportunidades que a cidade oferece?

Foi em busca das respostas a estas perguntas que assumimos os princípios da investigação-ação participativa como orientação teórica para a nossa prática e de nos apropriarmos de técnicas participativas desenvolvidas no campo da investigação, procuramos explorar as potencialidades da animação sociocultural na produção de novas condições de envolvimento e diálogo com este grupo minoritário de crianças. Surgiu assim o nosso projeto.

O nosso projeto de investigação pretendia alcançar, na sua generalidade, os seguintes objetivos gerais:

- Contribuir para o enriquecimento da experiência e alargamento do ponto de vista de um grupo de crianças filhas de imigrantes de países africanos de língua portuguesa sobre a Cidade, em igualdade de direitos com as outras crianças residentes.

Com base nos objetivos gerais foram delineados objetivos específicos, nomeadamente:

- Promover a imagem e a identidade social destas crianças, como (i) atores sociais competentes (ii) sujeitos com direitos de participação consagrados na Convenção dos Direitos da Criança, com base no reconhecimento da sua pertença a comunidade africana representada pela Associação Mon na Mon.
- Criar com elas condições especiais para a inclusão da sua voz no espaço público, como protagonistas da iniciativa Cidade Amiga das Crianças.



Ao pretender que as crianças deste grupo social fossem consideradas como cidadãos com direitos e para que as suas opiniões pudessem ser levadas em consideração no governo da cidade, nos propusemos a observar a cidade a partir do seu olhar.

Foi o desafio de construir um roteiro turístico para outras crianças que as mobilizou para a constituição do grupo a partir da Associação Mon na Mon. Como veremos adiante esta pertença coletiva foi uma mediação importante na inserção do grupo como sujeito coletivo, na dinâmica de implementação da iniciativa da Cidade Amiga das crianças, em curso no Município

## 5.2 - O contexto de desenvolvimento do projeto

### 5.2.1.O Município de Aveiro como sede da iniciativa Cidade Amiga das Crianças

A Cidade de Aveiro é sede de Concelho e capital do Distrito de Aveiro, situada na região centro litoral de Portugal, entre os distritos do Porto, a norte, o de Viseu a nascente e o de Coimbra a sul. É sede de um dos 19 concelhos que ocupam uma área de 2800,3 Km<sup>2</sup>, ocupada por uma população residente de 713575 habitantes, segundo o **censo de 2001**.) A localização geográfica é favorecida pela ligação às principais cidades do país, pela boa acessibilidade através do porto comercial de Aveiro, auto estradas: A1, A17, e A25 e das estradas nacionais EN109 e EN235.

O **concelho de Aveiro**, integra a região do Baixo Vouga, que ocupa uma área de 199.87 Km<sup>2</sup> junto à costa atlântica na Região Centro. As **atividades económicas** predominantes no Concelho são o comércio, a construção civil, as indústrias químicas (do papel, mecânicas e metalomecânicas), embora se assista a uma progressiva terciarização da economia. O seu território divide-se administrativamente em 14 freguesias: a Sudeste da Ria, as freguesias de Aradas, Cacia, Eirol, Eixo, Esgueira, Glória, Nariz, N. Sra. de Fátima, Oliveirinha, Requeixo, S. Bernardo, Sta. Joana e Vera Cruz e a Noroeste da Ria a freguesia de S. Jacinto.

Quanto à Cidade de Aveiro encontra-se **dividida em quatro zonas** no aglomerado urbano: i) o espaço envolvente do Canal Central do Rossio à Ponte-Praça onde se inclui a zona histórica da Beira-Mar, ii) a zona centro que se estende da Ponte-Praça ao Centro Cultural de Congressos ao longo do Canal do Cojo, ligando-se diretamente à Avenida Dr. Lourenço Peixinho e integrando o Fórum Aveiro e áreas



residenciais adjacentes e o Mercado Manuel Firmino; iii) os espaços da Forca Vouga com características residenciais e iv) a zona do *campus* universitário e dos núcleos residenciais adjacentes ao centro, onde se destacam os Bairros de Santiago e do Liceu.

São valorizados como pontos fortes do desenvolvimento social do concelho de Aveiro a sua **localização geográfica** central e de fácil acessibilidade, a existência de uma linha férrea, a ria de Aveiro, a industrialização, a Universidade de Aveiro, a centralidade dos serviços, as suas características naturais, a existência de infraestruturas e condições naturais que potenciam a atividade turística, lúdica e a qualidade de vida e a sua dinâmica populacional.

### 5.2.2.A iniciativa da Cidade Amiga das Crianças em Aveiro

O Município de Aveiro passou a integrar as Cidades Amigas das Crianças através de um protocolo celebrado com a UNICEF e o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social a 1 de Junho de 2007. Durante 2007/2008 o Município procedeu à sensibilização das várias entidades locais envolvidas no desenvolvimento da rede social, enquanto dispositivo de articulação, planificação e mobilização dos atores para a provisão de serviços para a infância, facultando-se a informação sobre a iniciativa e os seus objetivos.

A Comissão de Proteção das Crianças e Jovens, ao integrar a rede social do concelho passou a fazer parte das iniciativas promovidas pela CAC, uma vez que é uma entidade que visa a promoção da dinâmica social, colocando na sua agenda a defesa dos direitos de proteção da criança, bem como os direitos de participação no contexto da aplicação das leis de proteção e da tutela educativa.

A Universidade de Aveiro constituiu-se como parceira local através da colaboração em diversos momentos de planificação, desenvolvimento e avaliação das iniciativas dinamizadas no âmbito da CAC, em especial de momentos de sensibilização para os direitos da criança e organização dos seminários de formação que sinalizaram a Comemoração dos aniversários da CDC.

Neste seguimento foram desenvolvidas algumas iniciativas como a criação de um Fórum Municipal da Criança e do Jovem, como meio de promover a participação das crianças nos processos de decisão, tanto nas áreas urbanísticas, como nas paisagísticas e das normas de circulação. Desejava-se envolver neste processo as várias divisões da Câmara Municipal e estabelecer parcerias com outras entidades públicas e privadas do concelho.



Em 2009 estreia-se a atividade no âmbito desta iniciativa: a comemoração do Dia Mundial da Criança, através da realização de uma exposição dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano. Esta ação contou com a participação de alunos das Escolas Secundárias Homem Cristo e José Estêvão, e a elaboração do Boletim “Aveiro - Cidade Amiga das Crianças” com as ideias e sugestões de 90 crianças de várias instituições da cidade.

Em 2010, foi promovido o primeiro Fórum no Dia Mundial da Criança intitulado “Participar, Eu Quero”, que permitiu o contato de jovens com os Executivos Camarário, no sentido de participarem como atores sociais na decisão de assuntos que lhes dizem respeito sobre a cidade de Aveiro.

Em 2011 foi realizada a Assembleia Municipal de Jovens, promovendo junto das crianças e dos jovens das escolas do Município de Aveiro o exercício do direito de cidadania, debatendo o tema “Aveiro, os valores na sociedade de hoje”. No decurso do desenvolvimento destas ações, a Câmara Municipal de Aveiro foi estabelecendo contatos que evoluíram para o estabelecimento de parcerias locais, pela reciprocidade de interesses de cooperação, baseada no compromisso de implementação local da CAC.

Foi no âmbito da celebração do 22º aniversário da CDC que a Associação Mon na Mon partilhou a responsabilidade de envolvimento ativo das crianças do Concelho, no processo de sensibilização da comunidade e de construção de conhecimento sobre as condições de exercício do direito de participação e protagonismo das crianças em contextos criados pelos adultos.

### **5.2.3 A Associação Mon na Mon como parceira entre parceiros da CAC**

A Associação Mon Na Mon é uma associação de filhos e amigos da Guiné-Bissau que se define como “uma organização laica, de carácter humanitário, sem fins lucrativos e de ajuda mútua” que se inspira na visão Sociocultural da solidariedade e orienta-se pela filosofia de cooperação entre guineenses e de povo para povo, contribuindo para o reforço de laços de amizade e solidariedade entre os diversos povos.

Apesar da vinculação da sua identidade à Guiné os seus membros incluem além de guineenses, portugueses, angolanos, cabo-verdianos e de São Tomé e Príncipe.

A Associação apresenta como seus principais objetivos: (i) fomento da emergência de espaços de debate e de estruturas comuns de entendimento das



estruturas representativas dos imigrantes; (ii) reforço da capacidade de ação e intervenção das estruturas representativas dos imigrantes em prol de uma boa integração; (iii) fortalecimento da credibilidade do movimento associativo imigrante junto da sociedade de acolhimento; (iv) estímulo a atividade associativa junto das comunidades imigrantes.

A Mon na Mon tem tido um papel fundamental na inclusão social de outras comunidades na cidade de Aveiro, promovendo a sua integração através de vários projetos como grupos de dança, encontros culturais e apoio pedagógico a crianças.

O edifício desta associação situa-se junto ao hospital de Aveiro, nas instalações da antiga Cerciav.

Esta associação acolheu-nos e deu lugar aos encontros do grupo de investigação, colaborando connosco no que fosse necessário.

### **5.3. O desenho do Projeto como proposta de (inter) ação com a Associação Mon na Mon**

O desenho inicial do projeto incluía (i) o reconhecimento da Associação Mon na Mon como parceira do projeto (ii) a formação do grupo de investigação com as crianças (iii) o reconhecimento e visita dos espaços públicos da cidade com as crianças enquanto turistas e investigadoras; (iv) a criação de espaços de voz e de “memórias” a partir do registo fotográfico e interpretação da cidade pelas crianças, (v) a construção de itinerários da cidade de Aveiro pelas e para as crianças (vi) a reconstrução narrativa da identidade das crianças como anfitriãs (vii) a criação de condições de protagonismo do grupo no âmbito da iniciativa Cidade Amiga das Crianças.

#### **Os locais a visitar**

<b>Locais</b>	<b>Critério de escolha</b>	<b>Entidade responsável</b>	<b>Condições de acesso</b>
Ria de Aveiro	Local central de Aveiro, elemento turístico de maior referência da cidade	Viva a Ria	Contato com a empresa e com os elementos da Câmara Municipal de Aveiro inseridos no projeto CAC
Parque	Património Natural, com	Câmara Municipal de	Acesso livre a toda a



Municipal	atividades dirigidas a crianças	Aveiro	população
Museu da Cidade	Património Cultural, que possui atividades para as crianças	Câmara Municipal de Aveiro	Contacto com a Câmara Municipal e com a direção do Museu
Biblioteca Municipal	Espaço cultural pensado para este grupo alvo	Câmara Municipal de Aveiro	Contacto com a Animadora da Biblioteca Municipal
Oficina do doce	Espaço de promoção do Património Gastronómico	Oficina do doce	Contacto com a direção da Oficina do doce.

Quadro 1 – Locais Visitados

## 5.4 Os sujeitos – atores participantes na investigação

### 5.4.1 As crianças:

Os protagonistas deste projeto são sete crianças, de origem africana, entre os 9 e os 13 anos, 2 meninos e 5 meninas que pertencem à associação Mon na Mon.

Nome	Idade	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Agregado familiar Pai Mãe irmãos outros
A.	12 anos	7ºano	Guineense	Bairro do Caião – Aveiro	Vive com o pai, a mãe e a Irmã
C.	10 anos	4 ano	Guineense	Santa Joana	Vive com a tia e os primos
J.	11 anos	5º ano	Guineense	Santa Joana	Vive com a mãe, a irmã e os primos
L.	10 anos	5ºano	Portuguesa	Eixo	Vive com o pai e a mãe
N	12 anos	7º ano	Portuguesa	Azurva	Vive com o pai, a mãe e o irmão
P	9 anos	4ºano	Portuguesa	Bairro do Caião – Aveiro	Vive com a mãe e o irmão
T	13 anos	7ºano	Guineense	Santa Joana	Vive com a tia e os primos

Quadro 2 - Caraterização dos protagonistas





#### 5.4.2 Os mediadores da Associação Mon na Mon

Sujeitos	Razão do envolvimento	Tipo de colaboração
Prof. Filomena	Elemento da Direção da Associação	No Contacto com as famílias e crianças, na disponibilidade do espaço e no caminho que percorremos.
Prof. Maria José	Prof. de escrita criativa, que já conhecia os elementos, considerado elemento facilitador	Acompanhamento nas visitas aos locais programados
Marcos	Elemento participante na Associação, que já tinha participado noutra projeto inserido na CAC	Constituição do grupo

Quadro 3- Elementos colaborativos no projeto

#### 5.5- Calendarização das principais atividades e precauções

No quadro das atividades acrescentamos algumas precauções na conciliação da prática de animação sociocultural com o interesse de produção de conhecimento/investigação

Período	Atividades	Observações Precauções e intenções
Julho - Setembro	Auscultação ao posto de turismo para recolher informações dos locais da cidade aconselhados e dirigidos a crianças. Apresentação do projeto à direção da Associação Mon na Mon e Encarregados de Educação para esclarecimento das características do processo de investigação-ação e informação sobre a temática dos direitos de participação das crianças.	Verificação de apenas dois lugares aconselhados para crianças no posto turismo: Fábrica da Ciência Viva e Lugar dos afetos (em Eixo) Obtenção do consentimento informado dos Encarregados de Educação.
Setembro	Conversa com as crianças sobre os Direitos de participação e sobre o projeto a desenvolver.	Tivemos o cuidado de Explicar às crianças que o



	Escuta das crianças sobre os locais da cidade de Aveiro que conheciam, que desconheciam, que frequentavam ou não frequentavam.	projeto de investigação seria construído com elas e não seria sobre elas. Obtenção do consentimento informado das crianças;
Setembro - Outubro	Reconhecimento de alguns locais da cidade através de fotografias para escuta da sua opinião. Planeamento, realização e revisitação de saídas/visitas com as crianças	Cada criança foi convidada a fotografar, tomar notas e comentar o que considerava importante . As visitas serviram de contexto e pretextos no desenvolvimento de conversas informais sobre a cidade
Setembro- Outubro	Aprofundamento das conversas com base na descrição das fotografias e discussão das opiniões e comentários das crianças. Discussões em grupo sobre a experiencia individual e coletiva	A cada etapa foi feita a devolução da informação recolhida às crianças A narrativa do grupo sobre a experiencia vivida visou reforçar a sua identidade como grupo
Dezembro	Preparação do roteiro e sua apresentação do numa iniciativa da CAC preparada com outras crianças: a celebração do aniversário da declaração dos direitos humanos numa escola de Aveiro	Inclusão da voz do grupo na dinâmica da CAC.

Quadro 4- Atividades e precauções

Nas várias atividades e tarefas propostas as crianças foram convidadas a expressar as suas opiniões e ideias, através de conversas e diálogos informais, da produção de registos sobre as suas experiências, através da escrita, do desenho, fotografias dos locais filmados por elas e de entrevistas. Todas as sessões foram gravadas e as crianças puderam fotografar o que lhes despertou interesse, apontar, refletir, desenhar no seu bloco de notas. Queríamos restituir a nossa experiência e permitir que cada criança se lembrasse de todo o processo, o que lhes permitiria refletir, e dar outro sentido, o seu próprio sentido, aos vários momentos vividos.



Na terceira parte, propomo-nos narrar o projeto como percurso emergente das interações com e entre as crianças, em que a animação sociocultural serviu o interesse de produzir conhecimento orientado para a mudança do ponto de vista e do lugar social que este grupo de crianças ocupa na Cidade.

O processo será sintetizado em quatro etapas de envolvimento com e das crianças na construção do seu próprio lugar de sujeito de experiência e de opinião sobre a cidade.

**1ª etapa:** O encontro das crianças como sujeito coletivo a entrada no terreno

**2ª etapa:** A criação de espaços de diálogo e de ressonância da voz das crianças como turistas

**3ª etapa:** A reconstrução do grupo como investigador-ator-participante na Cidade

**4ª etapa:** A exploração de possibilidades de protagonismo do grupo na Cidade Amiga das Crianças



### III Parte - Construindo um caminho caminhando

*Numa sociedade que valoriza as relações sociais, entendemos como positivo desenvolver iniciativas que estimulem valores sociais e pessoais para contribuir para o desenvolvimento do indivíduo e da comunidade. As crianças foram convidadas para o projeto de investigação/intervenção enquanto membros ativos na Associação Mon na Mon, associação esta que se identifica como associação de filhos e amigos da Guiné-Bissau.*

*As crianças são um dos grupos sociais que enfrentam dificuldades acrescidas na apropriação dos espaços urbanos e das oportunidades que estes parecem dispor para todos os cidadãos. Estes não foram pensados tendo em conta o seu ponto de vista, desejos e formas de idealizar a Cidade.*



## Capítulo VI - O Contexto da Investigação

Todas as investigações pressupõem a análise de um contexto específico, sendo necessário a definição de um conjunto de etapas que permitam a entrada no mesmo, bem como o seu conhecimento aprofundado sobre a ação. Neste capítulo apresentaremos trabalho efetuado por fases.

### 6.1 – Primeira etapa: O encontro das crianças como sujeito coletivo e a entrada no terreno

A entrada na instituição iniciou-se, após o contato telefónico prévio, com uma reunião com dois elementos da direção da associação (Nota de campo 1, 2, 3 e 4), durante a qual apresentámos as nossas intenções, os objetivos e as ações que pretendíamos realizar no âmbito do *Programa Cidade Amiga das Crianças*.

Neste primeiro momento inteirámo-nos, tanto sobre alguns dados da associação e seus objetivos, como sobre o grupo das crianças que frequentam este espaço. Tivemos também oportunidade de ter acesso a um primeiro conhecimento da comunidade infantil Guineense, onde nos facultaram os nomes, idades e as escolas que frequentam. O primeiro consentimento foi dado pela direção desta associação. Duas professoras que pertencem a esta coletividade foram elementos facilitadores em todo o processo: no contato com as famílias e crianças, na disponibilidade do espaço e no caminho que percorremos.

Segundo Fernandes (2009) “*os facilitadores são os adultos responsáveis pelas crianças, com quem foi feito o primeiro contacto, depois da autorização para a entrada no terreno*” (p. 135).

A constituição do grupo obedeceu aos seguintes critérios: i) *disponibilidade de tempo* para participar regularmente nas reuniões, ii) *crianças com idade compreendida entre 8 e 13 anos*; iii) *a autorização dos pais*; e iv) *o desejo e compromisso de participar*. Estes pareceram-nos ser boas bases para estabelecer o compromisso e uma boa parceria.

Após a entrada no terreno deu-se início ao contacto com as crianças, enquanto sujeito coletivo. Neste primeiro encontro na associação Mon na Mon, recorrendo à observação participante, esclarecemos a razão da presença da investigadora, onde esta teve a oportunidade de explicar o projeto às crianças e fazer o convite para



participarem no mesmo. Como refere Quivy (2008), cit. por Moreira (2010), *“antes de mais há que ser aceite pelo grupo.”* (p.59), torna-se fundamental o seu consentimento para a participação e execução do projeto.

Quando confrontados com o nosso pedido a crianças mostraram-se interessadas em participar no projeto (Nota de campo 5) apresentando opiniões sobre o tema e a sua disponibilidade, como se pode constatar em algumas das suas afirmações:

- A: *“Eu quero participar”;*
- T: *“Parece interessante”;*
- P: *“ Sim, eu também quero”;*
- J: *“Eu também. Eu e a T. já participamos numa coisa na universidade”;*
- T: *“ Nós fomos falar dos espaços da cidade que são amigos das crianças” ;*
- C: *“ Eu não conheço muitos sítios da cidade, mas posso participar”;*
- L: *“ Eu quero participar, parece giro vamos tirar fotografias? Eu gosto de tirar”.*
- N: *“ Eu também quero, mas a que dias nos juntamos? Eu tenho fisioterapia todos os dias as 19H”.*

Pela análise das respostas dos participantes, anteriormente apresentadas verificámos que todos se mostraram bastante interessados em participar no nosso projeto de investigação. Os mesmos evidenciaram, desde o primeiro contacto, entusiasmo e disponibilidade em participar nas atividades a desenvolver, o que revela a vontade das crianças de serem ouvidas. Com este diálogo pudemos, ainda, verificar que a iniciativa CAC já era familiar para duas das sete crianças, tendo estas participado numa ação conjunta com a Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal, que pretendia compreender os locais da cidade onde se sentiam melhor. Deste modo podemos assistir a um caminho evolutivo do Programa Cidade Amiga das Crianças.

## **6.2 - Segunda etapa: A criação de espaços de diálogo e de ressonância da voz das crianças como turistas**

Após o primeiro encontro foi agendada a primeira sessão, que tinha como principal objetivo a criação de espaços de diálogo, de modo a ouvir a voz das crianças. Esta foi a forma que encontrámos para que pudessem assumir o seu estatuto de cidadania, como sujeitos plenos a quem são reconhecidos direitos próprios. Ao promover experiências que lhes possibilitavam exprimir as suas opiniões e pensamentos na relação com o meio que as rodeia, puderam adotar formas próprias de expressão. Nesta primeira sessão solicitámos às crianças a realização do seu



“Bilhete de Identidade”, nos blocos de notas fornecidos, com as informações que considerassem relevantes para a sua caracterização.

Nesta primeira sessão recorremos à observação participante e à realização de um *focus group*. Deste modo, auscultámos o conhecimento das crianças sobre a cidade de Aveiro e observámos a forma como elas se relacionavam entre si.

O recurso à técnica *focus group* foi importante para compreendermos os locais que as crianças conheciam em Aveiro, os que não conheciam, os que gostariam de conhecer e a forma como os conheceram. Antes de iniciarmos a sessão, os participantes foram informados sobre as questões que lhes iríamos colocar e o que pretendíamos: que identificassem as imagens na cidade de Aveiro e que dessem a sua opinião sobre o local e se conheciam o mesmo. As imagens apresentadas representavam o património construído e natural de Aveiro mais conhecido da cidade. Destaca-se a Biblioteca Municipal, a Ria de Aveiro, a Estação de Comboios, a Fábrica Campos, onde estão inseridos alguns pelouros da Câmara Municipal, a Capela de S. Gonçalinho, a Sé, o Museu de Santa Joana, o Mercado do peixe, o Parque Municipal, e as Salinas. Estes locais foram escolhidos pela sua relevância na cidade, uma vez que estão relacionados com a história e a cultura Aveirense. São locais indicados pelo posto de turismo, embora não estejam apenas direcionados para o público infantil. Os objetivos relativamente às questões colocadas centraram-se na exploração e identificação do património existente em Aveiro, percebendo que espaços os participantes frequentam na cidade e a sua opinião sobre os mesmos.

Categoria	Subcategorias	Participantes	Unidades de Registo
Ria de Aveiro	Identifica	A.; T.;P.;L;	<u>A</u> : “É a ria, onde podem andar de barco.” <u>T</u> : “É de Moliceiro” <u>L</u> : “Sim”
	Não identifica		
	Andou de moliceiro	P. ; A;	<u>P</u> : “Eu já andei de moliceiro com a escola.” <u>A</u> : “Eu também, andei uma vez e foi aí que vi as salinas, quando andei de moliceiro!”
	Não andou de moliceiro	T, J;	<u>T</u> : “ Eu já andei de barco, mas não de moliceiro, <u>J</u> : “ Nem eu, nunca andei de barco nem de moliceiro.”



	Com a Família	L;	<u>L</u> : "Não tinham falado daquela planta, das salinas, a salicórnia"
	Com a Escola	P; A;	<u>P</u> : "Eu já andei de moliceiro com a escola." <u>A</u> : "Também foi com a escola"
<b>Biblioteca Municipal</b>	Identifica	J; T; A;	<u>J</u> : "Eu conheço a biblioteca Municipal, já lá fui." <u>T</u> : "Eu também." "Dá para requisitar livros. Eu gosto de ler" <u>A</u> : "Já fui"
	Não identifica	P;	<u>P</u> : "Nunca fui à biblioteca."
	Com a Família	L;	<u>L</u> : "Eu já vim aqui com uma prima"
	Com a Escola	A; J;	<u>A</u> : "fui com a escola, no 1º ano" <u>J</u> : "Eu também"
<b>Estação de comboios</b>	Identificam	T; J; P;	<u>T</u> : "Toda a gente conhece! Vai lá para apanhar o comboio." <u>J</u> : "Já lá estive" <u>P</u> : "Sei onde é, mas nunca entrei"
	Não identificam		
<b>Sé de Aveiro</b>	Identificam	T; A;	<u>T</u> : "Eu conheço esta igreja, mas não sei o nome." <u>A</u> : "Uma vez eu vi lá uma senhora, tava a haver um casamento."
	Não Identificam	J;	<u>J</u> : "É mais uma igreja"
<b>Museu de Santa Joana</b>	Identificam	T; J;	<u>T</u> : "Esta imagem é ao pé da Sé. Também é ao pé do Fórum." <u>J</u> : "Eu sei onde é"
	Não Identificam	A; P;	<u>A</u> : "Eu nunca lá fui" <u>P</u> : "Eu também não."
<b>Capela de São Gonçalinho</b>	Identificam	A;	<u>A</u> : "São Gonçalinho, que até tiraram cabacas? Isso mesmo. Já Não me lembrava, mas conheço."
	Não Identificam	J; T; P;	<u>J</u> : "Eu não conheço" <u>T</u> : "Eu não Conheço." <u>P</u> : "Depois apanham do chão?"
<b>Parque de Aveiro</b>	Identificam	T; P; J; A; L; C ;	<u>T</u> : "É o parque da macaca, toda a gente conhece" <u>P</u> : "Sim. É ali, o parque." <u>J</u> – "Eu conheço" <u>A</u> : "Eu gosto de ir lá, <u>N</u> : "Nós conhecemos este





			<p>parque, porque já fizemos aqui espetáculos várias vezes e já viemos aqui também para fazer piqueniques.”</p> <p><u>L</u>: “ Também já ca estive a dançar e costume vir dar comida aos patos com o meu pai.”</p> <p>C - “Eu também”</p>
	Não Identificam		
Salinas	Identificam	A; P;	<p><u>A</u>: “ É as salinas, mais lá para o fundo, para o lado da barra”</p> <p><u>P</u>: “sei onde é”</p>
	Não Identificam	T; J;	<p><u>T</u>: “ Eu não.”</p> <p><u>J</u>: “Não. Eu gostava de ir às salinas”</p>
Centro de Congressos	Identificam	T; A;P	<p><u>T</u>: “é Centro de Congressos, eu conheço, já lá fui ver peças de teatro.”</p> <p><u>A</u>: “ Eu também já lá fui.”</p> <p><u>P</u>: “Sim, eu conheço.”</p>
	Não Identificam		
Mercado do peixe	Identificam	P;	<u>P</u> : “Sim, Já passei por lá”
	Não Identificam	T; J; A;	<p><u>T</u>: “ Eu não conheço este sítio aqui”</p> <p><u>J</u>: “ Não”</p> <p><u>A</u>: “Não conheço.”</p>
Oficina do doce	Identificam	L; A; T	<p><u>L</u>: “ Eu já provei e já tinha feito uma visita à cozinha”</p> <p><u>A</u>: “ Eu já conhecia, mas não este, fui com a escola”</p> <p><u>T</u>: “ Eu também já conheço”</p>
	Não identificam	C; J; N; P;	<p>C: “ também não conhecia”</p> <p>J: “ eu não nem nunca provei”</p> <p>N: “ Eu conheço os ovos moles, mas não a oficina do doce”</p> <p><u>P</u>: “ Eu também não”</p>

Quadro 5- Locais reconhecidos e não reconhecidos pelas crianças

Da análise das respostas participantes constatámos que três elementos já conheciam a ria de Aveiro, porque dois já tinham realizado a visita de moliceiro com a escola e um com a família; os sete participantes conheciam o parque municipal de



Aveiro; nenhuma criança conhecia o Museu da cidade e embora já tivessem ouvido falar das salinas, nenhuma as tinham visitado; quanto à Biblioteca Municipal apenas um elemento não conhecia este espaço público, os restantes já tinha frequentado este espaço com a escola, um elemento já tinha frequentado com um familiar; relativamente à oficina do doce, todas conheciam os famosos ovos-moles, e apenas duas crianças nunca tinham provado, três crianças já conheciam a oficina do doce nas antigas instalações, através de uma visita de estudo com a escola, as restantes quatro crianças frequentaram o local pela primeira vez.

De um modo geral pudemos verificar algum desconhecimento das crianças no diz respeito aos principais locais da cidade, o que nos leva a questionar a facilidade de acesso das mesmas a estes espaços urbanos. Para além disso, o contacto destas crianças com alguns destes espaços públicos foi incentivado pelas escolas que frequentam. Podemos concluir que as crianças conhecem com maior facilidade os locais associados ao Património natural, como é o caso do Parque Municipal e da Ria de Aveiro. Temos, ainda, de ter em consideração que estes são espaços públicos abertos a toda a comunidade, ao contrário de outros locais, como é o caso de museus, que requerem poder financeiro para serem visitados. Ficou claro que todas as crianças detinham algum conhecimento do património gastronómico da cidade.

Seguidamente inquirimos as crianças sobre os locais que gostariam de reconhecer ou conhecer da cidade (Nota de campo 6). Utilizámos a conversa como meio de recolher dados, o que permitiu, de certo modo, entregar a agenda às crianças, para que estas possam controlar a direção da conversa, explorando tópicos e com pouca participação por parte do investigador.

Categoria	Subcategoria	Participantes	Dados de registo
Locais que gostariam de visitar	Salinas	A; T; J;	<i>A: "Eu gostava de ir às salinas. A minha mãe já foi com a escola dela e eu nunca fui lá"</i> <i>T: "Eu também gostava (...)"</i> <i>J: "Sim, nunca fui"</i>
	Moliceiro	T; J;	<i>T: "(...)mas também podíamos andar de moliceiro"</i> <i>J: " Sim, Para andar de moliceiro é preciso pagar"</i>
	Fórum	P;	<i>P: " Eu gostava de ir ao Fórum."</i>
	Biblioteca Municipal	P; A	<i>P: " Eu nunca fui à biblioteca, vocês não gostam?"</i> <i>A: "Sim, só fui uma vez!"</i>



	Parque Municipal	T; A	<u>T</u> : “ Também podemos ir ao parque.” <u>A</u> : “Eu também gosto de estar na natureza”
	Museu do Brinquedo	L:	<u>L</u> : “Eu também gostava de ir ao Museu do brinquedo.”
	Outros	T	<u>T</u> : “ Também podemos a ir alguns sítios que não conhecemos”

Quadro 6- Locais que as crianças gostariam de visitar

Os locais indicados pelas crianças eram bastante diversificados, interessam-se tanto por espaços culturais como por espaços relacionados com o património natural. Deste modo, revelam interesse em conhecer a cidade em que habitam e a sua periferia (Museu de Brinquedo localizado em Vagos). Apresentam interesse em conhecer ou voltar a frequentar determinados locais que já conhecem, o que nos apresenta o seu gosto em serem participantes ativos nos espaços da cidade. No caso específico da viagem de moliceiro reconhecem a necessidade de ser necessário efetuar um pagamento para aceder. No diálogo entre as crianças verificámos que as mesmas tentam perceber os interesses uns dos outros questionando-os. Deste modo, consideramos que a forma como desenvolvemos esta sessão ajudou a construir o grupo como sujeito coletivo.

Após a definição dos locais a visitar, deu-se início à negociação do acesso aos diversos espaços. Para tal, entrou-se em contacto com as entidades que gerem cada um destes espaços, explicando o projeto que nos encontrávamos a desenvolver, solicitando a marcação das visitas de grupo e tentando negociar valores, no caso dos locais que necessitavam de pagamento. Desta forma, estabelecemos contato com a Câmara Municipal de Aveiro, para nos apoiar no financiamento das visitas, uma vez que este projeto de investigação se inseria na CAC. Conseguimos apoio financeiro apenas para a visita do moliceiro e para o Museu da Cidade, sendo que este último equipamento pertence à gestão da Câmara. A visita à Oficina do Doce foi suportada pela investigadora, conseguindo que os adultos não efetuassem pagamento. Os restantes locais não necessitavam de qualquer verba para conhecer e ou reconhecer o espaço. Ao apresentar este projeto às diversas entidades tentámos sensibilizar para a problemática do acesso de grupos minoritários a locais urbanos e a importância do reconhecimento destas crianças como sujeitos com direitos.



### 6.3 – Terceira etapa: A reconstrução do grupo como investigador-ator-participante na Cidade

Nesta etapa demos início às saídas de reconhecimento da cidade. Procurámos o caminho para que as crianças vivessem uma experiência significativa, experiência que implica a existência de três condições: a organização infantil, a participação infantil e a expressão infantil (Gaitán, 1998, cit. por Fernandes, 2005).

O investigador obtém informação em interação constante com os participantes, dá preferência à participação, através da manifestação dos seus desejos, dos seus interesses e necessidades. Desenvolvendo uma comunicação recíproca, através do diálogo, das conversas, de perguntas e respostas, que permitem suscitar a participação cidadã e desenvolver o pensamento crítico.

Relembramos Sarmiento (2002), no sentido do *“reconhecimento dos direitos de participação das crianças na construção do espaço público e pela mobilização expressiva da sua opinião, segundo modalidades e fórmulas imaginativas e diversificadas”* (p.276).

Na primeira saída pretendíamos realizar o reconhecimento da Ria de Aveiro, através do Passeio de Moliceiro. No entanto, devido a motivos externos à nossa investigação não foi possível o concretizar da mesma. Deste modo, reagendámos nova sessão para o fim-de-semana seguinte (Nota de campo 7).

Durante a realização da viagem de moliceiro as crianças puderam tirar fotografias, ouvir as explicações do guia e fazer os seus apontamentos no bloco fornecido pela investigadora (Nota de campo 8). No fim desta viagem solicitámos às crianças as suas opiniões.

Categoria	Subcategoria	Participantes	Dados de registo
Ria de Aveiro	Opiniões positivas	N; L; P; C; T; J	<i>N - “ Eu gostei de andar de moliceiro, mas gostei mais das salinas e dos montes de sal.”</i> <i>L - “ O que eu gostei mais foi de tirar fotografias e de dar outra vez um passeio de moliceiro, e também gostei porque aprendi coisas que não tinha na outra viagem aprendido.”</i> <i>P – “Gostei. Eu gostei de ver as salinas, aprendi coisas novas que na escola ainda não tinham dito. Passamos pela</i>



			<p><i>praça do peixe.”</i></p> <p><i>C: “ Gostei muito da visita e aprendi muito.</i></p> <p><i>T: “Gostei muito, mas gostei mais de ir às salinas e também aprendi que tem lá umas plantas chamadas salicórnias que se podem usar para fazer salada. Passamos pela ponte de S. João, e ponte principal de Aveiro e outras. Passamos pelo centro de Congressos, pelos barracões que tem aproximadamente cem anos. Nunca tinha feito esta visita, mas gostei muito.”</i></p>
	Opiniões negativas		
	Incentivo à visita ao local	N; L; A; P	<p><i>N – “Sim, ia ser uma experiência boa para eles, quem tivesse ainda a estudar, podia aprender novas coisas.</i></p> <p><i>L- “Sim, podiam aprender a história e fazer com que as capacidades deles ficassem melhores.”</i></p> <p><i>A – “ Eu dizia a um amigo meu para vir cá Aveiro andar comigo de barco.”</i></p> <p><i>P – “Provámos a salicórnia”</i></p>

Quadro 7- Opiniões sobre Ria de Aveiro

Ao analisar as respostas anteriormente mencionadas, podemos verificar que ria foi fotografada e apreciada claramente pelas crianças que efetuaram a visita. Todos os elementos consideraram esta saída positiva, dando realce a alguns pontos da cidade por onde passaram. Os aspetos mais valorizados pelas crianças foram as salinas, seguido da descoberta da planta salicórnia. No entanto, na saída de reconhecimento da ria de Aveiro através do passeio de moliceiro, podemos constatar que não foram dados coletes às crianças, como forma de segurança, tendo-nos deparado com falta de rigor nessa área.

Todas as crianças que efetuaram a visita referiram ter adquiridos novas aprendizagens nos locais visitados, o que nos demonstra o interesse das crianças em conhecer a história da cidade onde residem. Quando questionadas se incentivam a visita a outras crianças, estas respondem positivamente focando mais uma vez a possibilidade de efetuar novas aprendizagens.



Para reforçar a nossa análise efetuámos uma comparação entre os dados fornecidos pelo guia da visita, que se podem dividir em três categorias (natureza, trabalho e património), e as vozes das crianças após a visita.

Natureza	Trabalho	Património
Algas, Vento Flamingos Salicórnia	Salinas Pilhas/montes de sal Barracões Mercanteiros	Bairro-arquitetura Pontes Fábrica Fonte nova Praça do Peixe

Quadro 8 – Passeio de moliceiro: Narrativa do Guia

	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.
Andar de moliceiro		X			X	X	X
Montes de sal			X			X	
Lugares mencionados		Avenida	Praça do Peixe	Barracões Fábrica antiga	Rotunda com flores	Fórum/ McDonalds	C.Congressos Barracões c/ 100anos
Pontes		X		X	X		X
Salicórnia		X			X		X
Salinas		X	X	X	X	X	X
Tirar fotos					X		

Quadro 9 – Passeio de Moliceiro: narrativa das crianças

Fazendo a comparação dos dados, verificámos que as crianças, no que diz respeito às informações sobre a natureza fornecidas pelo guia, apreenderam com maior facilidade a experiência sensorial provocada pela planta salicórnia, tendo mencionado nas conversas desenvolvidas o conhecimento desta nova planta. No que diz respeito às informações sobre o trabalho, todas as crianças identificaram as salinas e duas salientaram os montes de sal e os barracões onde se guarda o mesmo. Relativamente às informações sobre o património transmitidas pelo guia, quatro crianças mencionaram as pontes por onde passaram e uma referiu a Praça do Peixe. Quatro das crianças focaram a experiência de terem andado de moliceiro e apenas uma valorizou a possibilidade de tirar fotografias.

A segunda visita realizou-se ao Parque Municipal de Aveiro. Todos os participantes demonstraram que tinham conhecimento sobre o local. (Nota de campo 8) No entanto, tentámos analisar com as crianças o que poderíamos alterar neste espaço para ser mais atrativo.



Categoria	Subcategoria	Participantes	Dados de registo
Parque Municipal	Opiniões positivas	C; A; P	<p><i>C – “ É bom que o parque tenha estes exercícios.”</i></p> <p><i>P – “ Acho bonito este espaço.”</i></p> <p><i>A – “ Gosto das árvores. Eu gosto da natureza.”</i></p> <p><i>A – “ Gosto da casa dos patos para eles se recolherem.</i></p> <p><i>A – “ Acho que é bonita esta gruta.”</i></p> <p><i>A – “ Acho esta zona linda, mas na fonte punha uma cara para sair água, como tem noutras, mas não sai água.”</i></p>
	Opiniões negativas	N; A; P; L; J; C	<p><i>N – “ Não estão muito seguros Quando chove não podem ser utilizados porque ficamos molhados, podia ter um telheiro..”</i></p> <p><i>A – “ Os paus estavam a abanar.”</i></p> <p><i>P – “ Podia estar mais limpo.”</i></p> <p><i>A – “ Achei que o lago estava muito sujo, tinha latas e plásticos.”</i></p> <p><i>A . “As pessoas que estivessem a passear tinham de passar pela água. Devia ter um passeio.”</i></p> <p><i>L – “A porta estragada e os mais pequenos podiam ir para lá e cair à água.”</i></p> <p><i>A – “Tinha uma parte que se passava de um lado para o outro que não tinha muita proteção.”</i></p> <p><i>J - “Os bancos para se sentarem não deviam estar estragados”.</i></p> <p><i>C - “A rede do campo de futebol não devia estar rota”.</i></p> <p><i>L- “Não entendo os desenhos e não sei como se faz o exercício”</i></p>
	Atividades que se podem realizar	A; T;	<p><i>A – “ Pode-se jogar futebol, fazer piqueniques e também podemos ver teatros.”</i></p> <p><i>T – “ Dá para fazer ginástica, tem ali um parque para crianças.</i></p>



			<i>A – “e pode-se correr à vontade.”</i>
	Sugestões	L; A;T;C	<i>L- “ Devia ter uma tabuleta a dizer que era proibido por lixo no chão e na água.” A - Podia-se desenhar uns patos para decorar e por uma cerca à volta da casa.” T – “O lago podia ter gaivotas” L- “ Podia ter uma zona para pescar” C – “ Podia ter insufláveis” A.- “Podia haver espetáculos com os patos para os adultos e as crianças assistirem” L- “O parque podia ter uma parte com relva para fazermos piqueniques mas com rede à volta para os cães não terem acesso”</i>

Quadro 10 – Opiniões sobre o Parque Municipal

Pela observação do Parque Municipal de Aveiro, mais conhecido pelo parque da macaca, as crianças puderam apontar aspetos positivos e negativos deste local. Apesar de todas as crianças considerarem este espaço um local bonito apontam, com grande facilidade, os aspetos negativos ao nível da segurança, limpeza e manutenção do jardim. Da mesma forma, conseguiram apresentar sugestões de melhoria do parque, que nas suas opiniões podem conduzir a um maior bem-estar e usufruto do mesmo. De um modo geral, foi sugerido pelas crianças que o parque pudesse ser mais dinâmico, tendo barcos ou gaivotas no lago para as pessoas poderem passear. Também foi apontado que uma parte do lago tivesse peixes para poderem pescar. Foi dada também a sugestão da existência de espetáculos com os patos, de forma a que motivasse as crianças e adultos a assistirem. Relativamente às outras áreas do parque, poderiam colocar insufláveis para as crianças brincarem e ter um parque de diversões, como forma de atração das crianças para este local.

Através destes dados podemos concluir que as crianças conseguem ter uma visão muito diferente dos adultos no que diz respeito aos espaços, à sua organização e dinamização. Deste modo, concordamos com Sarmento (2009) cit. por Julião (2010) “as crianças têm práticas que só elas praticam, não são praticadas nem visionáveis pelos adultos, têm formas de interpretação que só elas sentem, têm modos de pensar a cidade, efetivamente que só elas são capazes de comunicar (p. 31).”





A terceira saída realizou-se ao Museu da Cidade, onde fomos recebidos pela guia que nos acompanhou nas atividades desenvolvidas sobre a apanha do sal. (Nota de campo 10)

Categoria	Subcategoria	Participantes	Dados de registo
Museu da cidade	Opiniões positivas	A; N; L; T; C; J; P	A: <i>“Eu gostei muito desta visita, porque aprendi novas coisas sobre a salina de Aveiro”</i> N: <i>“ Eu gostei desta visita porque foi muito divertido e aprendi novas coisas.” “ Aprendemos as salineiras levavam as canastras com o sal à cabeça.”</i> L: <i>“ Eu gostei (...) tinham um modelo da salina e os objetos que não sabia como é que eram, e agora sabemos os nomes e para que é que servem”</i> T: <i>“Gostei, porque aprendi que as salinas têm uma bomba de água, que a água salgada entra por lá.”</i> C: <i>“ A visita foi boa, muito boa, e aprendi que os ciclos servem para alisar a argila. É parecido com meu nome”</i> J: <i>“Gostei, mas gostei mais de mexer no sal. Provamos o sal, mas não gostei muito.”</i> P: <i>“ Gostei da visita, aprendi coisas novas e provamos o sal.”</i>
	Opiniões negativas		
	Incentivo à visita ao local	J; C;	J: <i>“O Museu da cidade porque tem uma maquete das salinas e aprendemos como aparece o sal”</i> T: <i>“O Museu porque se aprende como se faz o sal, que é origem de cá.”</i>

Quadro 11– Opiniões sobre Museu da Cidade

No que diz respeito ao Museu da cidade, todas as crianças gostaram de conhecer este espaço cultural, apontando diversos aspetos positivos sobre o mesmo. Nenhuma das crianças apontou aspetos negativos. Concordam, também, que deve ser um local visitado pelas crianças, incentivando à sua visita. Os participantes



revelam interesse pela cultura da cidade e pela aquisição de novas aprendizagens que a visita a este museu pode trazer.

Natureza	Trabalho	Património
Sol, Vento Água Sal Argila	Montes de sal Marnoto/Salineira Rapão / Cícios Rodilha/Canastra	Salinas Museu da Cidade: Eco Museu, Marina da Troncalhada e Museu da Arte Nova

Quadro 12 – Visita ao Museu: Narrativa do Guia

	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.
Aprender coisas novas	X	X	X		X	X	X
Maquete da salina				X	X		X
Provar Sal		X	X	X		X	X
Montes de sal						X	
Instrumentos para apanha do sal	X	X			X		X
Utilização da Canastra	X			X	X	X	X

Quadro 13 – Visita ao Museu: Narrativa das crianças

Fazendo a comparação das informações fornecidas pela narrativa da guia com as opiniões das crianças após a visita, podemos concluir que todas as crianças valorizaram na visita a possibilidade de aprenderem novos conhecimentos e aquisição de novas experiências. Deste modo, verificámos que a cultura local e a nova informação lhes desperta atenção. As situações que envolvem novas experiências sensoriais, como a prova do sal, a utilização da canastra e dos instrumentos de apanha do sal, são as mais mencionadas pelos pequenos protagonistas. Assim, podemos concluir que as experiências sensoriais tendem a ser mais significativas, do que as informações transmitidas oralmente.

A quarta visita conduziu-se na Biblioteca Municipal de Aveiro, onde as crianças puderam observar e usufruir do espaço com crianças cidadãs, e não no papel de alunos. (Nota de campo 11)

Categoria	Subcategoria	Participantes	Dados de registo
-----------	--------------	---------------	------------------



Biblioteca Municipal	Opiniões positivas	L; A; T;	A - “ Se viermos com a escola a senhora conta uma história e faz teatros”. T – “ Gostei da parte dos pequeninos e de certeza que as crianças mais novas também gostam.” L- “ É adequado para as crianças e tem computadores.”
	Opiniões negativas		
	Incentivo à visita ao local	L; N	L.“ A Biblioteca é Importante, porque faz com que os meninos gostem de ler” N. “A biblioteca tem muitas coisas interessantes, podemos ler livros para nossa idade e podemos jogar”, L-“ Todas as crianças devem gostar deste espaço.”

Quadro 14 - Opiniões sobre a Biblioteca Municipal

Verificámos que todas as crianças gostaram e valorizaram este espaço por considerarem um local adequado para as suas idades, com atividades que lhes despertam atenção, nomeadamente, a utilização dos computadores e a quantidade de livros que têm à sua disposição. Nenhuma das crianças apresentou uma opinião negativa em relação a este espaço e segundo uma delas a biblioteca pode ajudar a desenvolver o gosto pela leitura e todas as crianças devem gostar de a visitar.

Todos participantes aconselhavam os amigos a virem à biblioteca porque apresenta elementos muito interessantes, podem ver livros da idade deles, jogar e se vierem com a escola podem ver teatros que a animadora desenvolve.

Espaço	Trabalho
Regras de utilização; Divisão de salas; Material disponível	Adequado a todas as idades; Atividades disponíveis; Livros; Os funcionários- funções.

Quadro 15 – Visita à biblioteca: Narrativa da Guia

	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.
Histórias e teatros	X		X	X			X



Leitura					X	X	X
Sala Infanto-juvenil						X	X
Exposição de postais					X	X	
Computadores/Jogos					X	X	
Divertido			X			X	

Quadro 16 - Visita à biblioteca: Narrativa das crianças

Comparando a narrativa da guia com os diálogos das crianças no fim da visita, podemos verificar que o que despertou mais atenção foi a possibilidade ouvir história e assistir a teatros, realizados pela animadora. Três crianças valorizam a leitura como ato lúdico. Dois dos participantes mencionaram como ponto positivo a exposição de postais e a possibilidade de utilização de computadores e jogos. Duas das crianças, nos seus diálogos, fazem referência à sala infanto-juvenil. Embora consideremos que todas as crianças gostaram da visita, apenas duas delas classificam-na nos diálogos como divertida.

A última saída de reconhecimento de espaços da cidade decorreu à Oficina do Doce (Nota campo 12). As crianças tiveram contato com a cultura gastronómica da cidade e puderam aprender a confeccionar o doce tradicional. Consentindo com Fortuna (2009) o direito à cidade não passa apenas por se instalar na mesma, mas sim pela garantia de poder usufruir do que a cidade oferece, tratando-se de uma questão de cidadania política e cultural.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Participantes</b>	<b>Dados de registo</b>
Oficina do doce	Opiniões positivas	A; T; J; C; L; P; N	<i>T: “Gostamos muito de aprender como fazer os ovos-moles”;</i> <i>N: “ Foi muito divertido”;</i> <i>A: “ Descobrimos onde começaram a ser feitos os ovos-moles, no Convento das freiras” “</i> <i>P: “Gostei muito de provar e de fazer”;</i> <i>C: “ Eu gostei mais do creme”;</i> <i>J: “ Foi a primeira vez que provei os ovos-moles, não sabia que a parte de</i>



			<i>fora se chamava hóstia”;</i>
	Opiniões negativas		
	Incentivo à visita ao local	J; L; P	<i>J: “qualquer criança deve conhecer a lenda dos ovos-moles” L: “acho que as crianças iam gostar de provar” P: “ensinaram-nos a fazer ovos-moles e podemos provar.”</i>

Quadro 17- Opiniões sobre a oficina do doce

Pela escuta das opiniões das crianças, podemos verificar que consideraram esta visita à Oficina do Doce positiva pelo seu caráter prático, pelo facto de terem realizado parte da confeção dos ovos moles (recheio, colagem e recorte das formas). Mais uma vez, verificamos que a experiência sensorial tem grande impacto na importância dada às visitas. Não foram identificados aspetos negativos. Todos os elementos apreciam este espaço e têm a mesma opinião sobre a importância de participação das crianças no mesmo.

<b>Ingredientes</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Património</b>
Gema Açúcar- conservante natural Água Farinha	Doces Conventuais Hóstia Formas Pedra Mármore	Antigo Convento _ Atual Museu de Santa Joana Ovos-moles

Quadro 18 – Visita à oficina do doce: Narrativa da Guia

	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.
Aprender fazer ovos-moles	X		X		X		X
Ingredientes necessários	X	X		X	X	X	X
Recheiar as formas			X	X	X	X	X
União das formas		X	X			X	
Recortas as formas			X	X	X		X
Prova dos ovos moles	X	X	X	X	X	X	X
Convento das freiras	X			X			
Museu Santa Joana		X					
Divertido					X	X	
Instrumentos confeção do				X			



doce							
Hóstia				X	X	X	X

Quadro 19 - Visita à oficina do doce: Narrativa das Crianças

Podemos analisar que os participantes reconhecem a informação transmitida pela guia e assimilaram com facilidade esta experiência. Mostraram-se muito ativos na participação e todos alegam a prova dos ovos-moles como o ponto forte da saída. Praticamente todos os elementos fazem referência aos ingredientes necessários para a confeção deste doce tradicional, assim como identificam claramente os passos de recheio, colagem e recorte do doce mais conhecido da cidade. Duas das crianças reconhecem os ovos moles como um doce conventual (produzido em conventos). Todas as crianças referiram ter gostado da visita, classificando-a como divertida.

### 6.3.1 Para além dos diálogos

Os diálogos foram conduzidos de forma a proporcionar uma participação enquanto cidadãos às crianças, podendo ser protagonistas e gozando dos Direitos que lhes confere a Convenção sobre os Direitos das Crianças. Para a recolha dos elementos os meios audiovisuais estiveram sempre presentes e é possível compreender a sua capacidade mobilizadora em várias sessões. A partir da segunda sessão, criámos um espaço de diálogo sobre as fotografias tiradas pelos participantes na sessão anterior (Nota de campo 9, 10, 11 e 12). No entanto, tivemos a preocupação em ouvir para além dos diálogos, ou seja, em gerar dados diversificados e complementares, como é o caso do uso de fotografias, desenhos e blocos de notas.

De acordo com a recomendação de Christensen e James (2005), estes meios são cada vez mais usuais na investigação, por se tratarem de uma forma de relacionamento que cativa as crianças, desde que sejam usadas de forma complementar a outras, como por exemplo a observação participante.

#### - A fotografia

Analisámos as fotografias na procura de apreender os locais visitados e os critérios críticos que as crianças tinham mobilizado nas justificações e opiniões que lhes foram pedidas durante a atividade. Esta análise serviu para transmitir às crianças a importância das suas opiniões, enquanto cidadãos da cidade e da sua participação na mesma.



Com o uso da fotografia pretendíamos captar preferências e experiências, pontos de vista diversos, valorizando-a como suporte de memória, estímulo e suporte a conversas.

Uso da fotografia								
Locais	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.	Quant.
Ria Moliceiro	-	4	-	-	1	3	2	10
Jardim/Parque	2	2	1	-	3	3	-	11
Biblioteca	1	-	-	1	1	1	-	4
Museu	1	2	-	-	1	1	2	7
OfDoce/ovos moles	1	1	1	1	2	1	2	9
Totais	5	9	2	2	8	9	6	41

Quadro 20 – Uso da fotografia

Podemos concluir que as fotografias foram o recurso mais utilizado para estimular a criação de conversas. As crianças revelaram um elevado nível de participação no uso da fotografia como recurso de pesquisa e suporte de memória. A ria de Aveiro foi fotografada com satisfação pelo grupo, embora o local mais fotografado tenha sido o jardim municipal. No entanto, verificamos que a Oficina do Doce provocou maior envolvimento do grupo, uma vez que todos recorreram ao registo fotográfico. A Biblioteca foi o espaço menos fotografado pelas crianças.

Reparamos que alguns elementos do grupo tiveram maior envolvimento na utilização da imagem, observamos que apenas duas crianças utilizaram este instrumento duas vezes. Por outro lado, outros dois elementos serviram-se nove vezes desta ferramenta.

### - O desenho

Sendo os desenhos considerados uma forma de expressão, também foram, utilizada pelos participantes Ao utilizar o desenho pretendíamos captar preferências e experiências, valorizando a expressão gráfica das mesmas.

Uso do desenho								
Locais	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.	Quant.
Ria	-	-	1	-	1	1	1	4



Moliceiro								
Jardim/ Parque	-	-	1	-	-	-	-	1
Biblioteca	1	-	-	-	1	-	-	2
Museu	-	1	-	-	-	-	-	1
Oficina do doce	-	-	-	-	1	-	1	2
Totais	1	1	2	0	3	1	2	10

Quadro 21 – Uso do desenho como forma de expressão

O quadro acima revela-nos que uma criança considerou importante registar, sob a forma de desenho, três momentos significativos vivenciados ao longo das visitas, duas crianças efetuaram dois registos gráficos e três crianças reproduziram apenas uma experiência.

Verificamos, também, que quatro crianças desenharam a Ria, duas crianças a Biblioteca Municipal, duas crianças optaram por reproduzir a visita à oficina do doce, uma escolheu o jardim Municipal e outra o Museu da Cidade.

Apuramos que apenas uma criança não utilizou o desenho como forma de expressão e que a maioria dos participantes utilizou apenas uma vez este formato. Duas participantes utilizaram este modelo de expressão duas vezes e apenas um elemento recorreu três vezes ao desenho.

#### - Bloco de notas

As notas de campo efetuadas nos blocos de notas, fornecidos aos participantes, foram também um elemento recolhido e analisado, de modo a captar preferências, experiências e pontos de vista diversos, assim como fonte de suporte de memória.

Uso do bloco de notas								
Notas	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.	
Bilhete Id.	1	1	1	-	1	-	1	5
Ria Moliceiro	-	1	1	-	1	1	1	5
Jardim/ Parque	1	-	-	-	-	-	-	1
Biblioteca	1	-	-	-	-	-	-	1
Museu	1	1	-	-	1		1	4
OfDoce/ ovos moles	1	1	-	-	1	1	1	5





Totais	5	4	2	0	4	2	4	21
--------	---	---	---	---	---	---	---	----

Quadro 22 – Utilização do bloco de notas

Analisando o quadro anterior, verificámos que apenas uma criança não utilizou o seu bloco de notas. Este instrumento foi bastante utilizado para a construção dos “Bilhetes de identidade”, sendo verificado em 5 crianças. Foi utilizado, também, para suporte de memória durante o passeio de moliceiro e na visita à Oficina do Doce por cinco crianças e por quatro crianças na visita ao Museu da Cidade. Constatámos que foi pouco utilizado nas visitas ao Parque Municipal e à Biblioteca Municipal, tendo apenas uma criança recorrido a este instrumento. Podemos verificar que a questão da idade não interferiu com a utilização do bloco de notas. A criança mais velha (13 anos) utilizou esta ferramenta quatro vezes. Uma criança com doze anos usou o bloco de notas e o recurso à escrita cinco vezes. A criança mais jovem (9 anos) deu utilidade a esta ferramenta por duas vezes.

#### - Lendas

Utilizámos as lendas existentes como ancoragem da memória das experiências. Nas visitas efetuadas apresentámos a lenda do moliceiro e dos ovos moles.

Uso de Lendas								
Lendas	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.	
Lenda do Moliceiro	-	-	-	1	1	-	-	2
Lenda dos ovos moles	-	-	-	1	-	-	-	1
Totais	0	0	0	2	1	0	0	3

Quadro 23 – Uso de lendas

Através da observação do quadro 23, podemos concluir que apenas duas crianças fizeram referência às lendas, como ancoragem de memória das experiências. Duas reconhecem a lenda do moliceiro e apenas uma a lenda dos ovos moles. As crianças que valorizaram as lendas apresentam dez anos e as mais velhas não fizeram referências às mesmas. Salienta-se que a criança que mencionou as duas lendas não efetuou qualquer registo no seu bloco de notas.



### 6.3.2- Construção do roteiro da cidade como porta de chegada e ponto de partida

No fim das visitas agendámos uma nova sessão na associação Mon na Mon, que tinha como principal objetivo propor ao grupo o desafio de construir um roteiro da cidade para crianças com fotografias tiradas pelos participantes (Nota de campo 13 e 15), com a intenção de ser apresentado à Câmara Municipal de Aveiro e a outras crianças da cidade. As crianças como protagonistas elaboraram o itinerário que entenderam. Seis crianças estiveram presentes e a trabalhar em grupo na realização desta tarefa.

A participação conduziu à possibilidade das crianças poderem pensar de forma criativa e crítica, de aprenderem a trabalhar em grupo, de expor as suas ideias e de partilhar decisões e responsabilidades. Neste sentido, concordamos com a perspetiva de Alderson (1995), cit. por Christensen e James (2005), quando refere que uma das estratégias mais adequadas para se estabelecer o discurso da cidadania infantil é ter em conta a visão das crianças acerca das suas realidades sociais e culturais, a partir do seu próprio contexto e através das suas vozes.

As crianças em grupo dividiram as tarefas a realizar, sendo que J. ofereceu-se para desenhar a capa com uma imagem de um moliceiro. As restantes crianças protagonistas escolheram alguns locais da cidade para mencionar no itinerário turístico, por terem visitado os locais e se terem sentido satisfeitos ao frequentar os mesmos. Seleccionaram, também, as fotos que deveriam utilizar no roteiro, que foram tiradas por eles no momento em que fizeram o reconhecimento dos locais.

Os locais escolhidos para integrar o roteiro são a Ria de Aveiro, que segundo J. “ (...) *Na ria de Aveiro conhecem a lenda do Moliceiro*” e também T. acrescenta que “ *Passamos por muitos locais*”; a Oficina do Doce, em que J. justifica que “ *Qualquer criança deve conhecer a lenda dos ovos-moles*”, e L. é da opinião que “ *Qualquer criança ia gostar de provar os ovos-moles*”; a Biblioteca Municipal, porque consideram um local com atividades dirigidas às suas idades, como refere T. “ *Podemos ler, ouvir música e ver filmes*” e como cita L. “ *Gostei de ver o espaço Juvenil, que é para nós*”; O Museu Municipal também foi selecionado como T. indica “ *Aprende-se como se faz o sal, que é origem de cá*”; e o Parque D. Pedro V porque as crianças demonstram interesse por atividades ao ar livre e de natureza como constatamos ao escutar A. “ *Gosto de animais, coisas verdes e pode-se correr à vontade*”, e ao ouvir P. “ *No parque podemos fazer piqueniques*”.

Embora o grupo tenha destacado estes locais de Aveiro, planearam mencionar outros pontos da cidade, que também reconheciam, apesar de não ser conhecido por



todos os elementos. Concordaram em citar o Parque da Balsa, o Museu de Santa Joana, o Parque de Azurva, o Centro de Congressos e a Fábrica da Ciência. Segundo as crianças protagonistas os locais referidos devem ser dirigidos para o público mais novo, e não apenas, para os adultos.

Consideramos que o facto das crianças terem escolhido integrar no roteiro os locais visitados durante a fase do reconhecimento, deveu-se a terem visitado a cidade como cidadãos e não como alunos. Assim, podemos considerar que estes foram descobertos com um olhar diferente, tornando-se mais significativos e por isso imprescindíveis no roteiro efetuado.

Durante a elaboração do roteiro produzido pelas crianças pudemos constatar que estas reproduziram algumas das informações transmitidas pelos guias durante as visitas efetuadas, tais como, o conhecimento da planta salicórnica, os barracões onde guardavam o sal, as pontes ao longo do passeio de moliceiro. No entanto, podemos concluir que muitas das informações apresentadas no roteiro estavam relacionadas com as experiências e observações efetuadas. Na elaboração do roteiro considerámos que os participantes pretenderam desafiar e convidar outras crianças a gozar das experiências vivenciadas, tentando despertar curiosidade e cativar a novas aprendizagens:

*“Se queres conhecer melhor a cidade de Aveiro, podes começar por andar de moliceiro e poderás fazer muitas descobertas”;*

*“Se gostas de ler, de visitar a biblioteca não te podes esquecer”;*

*“Se os ovos moles queres comer à Oficina do Doce vais ter de ir fazer”.*

*“Podes aprender os instrumentos utilizados para a recolha do sal”;*

*“Nós gostámos de aprender a fazer os ovos moles”.*

Com a elaboração deste roteiro não pretendíamos apenas a obtenção de um ponto de chegada, mas principalmente de um novo ponto de partida de uma viagem que tenha como objetivo a transformação concreta da realidade. Assim, não pretendíamos apenas o reconhecimento das crianças no espaço público e a sua valorização, enquanto cidadãos e sujeitos de direitos, mas também a inclusão das suas vozes numa cidade que tem vindo a traçar o seu caminho como facilitadora da participação ativa das crianças.



#### **6.4 - Quarta etapa: A exploração de possibilidades de protagonismo do grupo na Cidade Amiga das Crianças**

Como forma de divulgar os resultados obtidos no contacto com as crianças e no âmbito da comemoração do 64º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos foi desenvolvido um encontro com crianças de várias escolas para pensar os direitos da criança no diálogo entre crianças e adultos, intitulado “Os direitos das crianças são direitos humanos”. Este evento tinha como objetivo promover a comunicação através de um encontro inter-geracional e tinha como público-alvo os autarcas, dirigentes, animadores sociais e educadores e profissionais que participam na inclusão social das crianças na comunidade e na construção de cidades mais amigas da criança.

Enquanto participantes neste evento, as crianças do presente projeto apresentaram comunicações, assim como outras crianças investigadores de outros projetos, nomeadamente “Portal dos direitos das crianças” e do “Bissauné - o mensageiro dos direitos” e o presidente do parlamento infantil da Guiné. Os protagonistas fizeram uma breve apresentação dos seus projetos de investigação.

Com este evento iniciámos o processo de escuta do grupo de crianças, que embora de curta duração, procurou criar as condições para que o vivido pudesse ser apropriado e reconhecido por elas e pelos adultos, como aprendizagem emergente que abria caminho para futuros estudos no âmbito dos direitos das crianças. As crianças investigadoras deste projeto apresentaram o mesmo, iniciando pela exposição de fotografias selecionadas e foi sobre estas que se pronunciaram, explicando o caminho percorrido durante o conjunto das ações desenvolvidas. Expuseram o roteiro da cidade que elaboraram, justificando as escolhas dos locais sugeridos, nomeadamente, a ria de Aveiro, a Biblioteca Municipal, O Museu da Cidade, a oficina do doce e o Parque D Pedro V, mais conhecido pelo Parque da Macaca (Nota de campo 16).

Fernandes, Sarmento e Tomás (2007) referem que *“é possível mobilizar e implicar efetivamente as crianças em processos de participação nos assuntos que lhes dizem respeito, considerando-as como atores sociais com competências para desenvolver ações sociais dotadas de sentido, nas distintas interações que vão estabelecendo com os outros indivíduos, sejam eles adultos ou crianças”*(p.196).

Posteriormente, uma das crianças ofereceu um exemplar do roteiro da cidade ao elemento representativo da Câmara Municipal de Aveiro e do projeto CAC, como



forma de incluir a “voz” das crianças dos grupos minoritários nesta mesma iniciativa. Esta entrega teve como objetivo promover o (auto) conhecimento e reconhecimento das crianças como sujeitos de direito e atores sociais a respeitar e valorizar, contribuindo para realçar o seu direito de acesso à cultura.

## 6.5 A participação das crianças

Após as quatro etapas deste projeto considerámos relevante analisar os níveis de participação das crianças envolvidas no mesmo.

No primeiro encontro solicitámos o apoio de duas crianças (M. e T.) para a construção do grupo, uma vez que estas apresentavam conhecimento das crianças da associação e tinham já experiência de participação em projetos relacionados com o CAC. Deste modo, tentámos reconhecer as suas competências enquanto atores sociais envolvidos em projetos desta natureza. Torna-se importante referir que uma destas crianças (M.) sugeriu elementos para o grupo, no entanto, por falta de disponibilidade não participou no projeto.

Sessões/visitas	A.	C.	P.	J.	L.	N.	T.	M.
1º Encontro: Procura de elementos para formação de grupo							X	X
1ª Reunião: Convite para formação de grupo	X	X	X	X	X	X	X	
2º Reunião: Escuta	X		X	X			X	
1º Saída: Passeio moliceiro/ não realizada	X	X	X	X	X	X	X	
Passeio de Moliceiro		X	X	X	X	X	X	
Parque D. Pedro VI	X	X	X	X	X	X	X	
Museu da Cidade	X	X	X	X	X	X	X	
Biblioteca Municipal	X		X	X	X	X	X	
Oficina dos ovos-moles	X	X	X	X	X	X	X	
Narrativa / memória	X	X	X	X	X	X	X	
Roteiro	X		X	X	X	X	X	
Apresentação na Escola	X			X	X			

Quadro 24 - Participação das crianças – assiduidade/intensidade da experiência

Analisando o quadro anterior podemos aferir que o grupo demonstrou-se ativo durante o projeto, considerando que na sua maioria foi assíduo. Um elemento esteve



presente em todas as sessões desenvolvidas, podendo assim considerar a sua participação intensa. Quatro elementos não estiveram presentes em apenas uma sessão. Um elemento não esteve presente em duas sessões e apenas um elemento não esteve presente em mais de duas sessões, o que nos leva a avaliar que foi o elemento com menor assiduidade e com uma experiência menos intensa no projeto de investigação.

	A	C.	P.	J.	L.	N.	T.	M.
Constituição do grupo							X	X
Aceitação como elemento do grupo	X	X	X	X	X	X	X	
Presença em reuniões	X	X	X	X	X	X	X	
Comunicações e Opiniões	X	X	X	X	X	X	X	
Documentação Fotográfica	X	X	X	X	X	X	X	
Expressão através do desenho	X	X	X	X	X	X	X	
Bilhete de identidade	X	X	X		X		X	
Construção do roteiro	X		X	X	X	X	X	

Quadro 25 - Tipo de participação: compromisso

Observando o quadro podemos averiguar, numa análise geral, que um elemento esteve envolvido em todas as fases do projeto, sendo um participante muito ativo e dinâmico. Três participantes também contribuíram com a sua participação em todas as ações desenvolvidas, exceto na formação do grupo. Três elementos não cooperaram em apenas uma ação.

Podemos aferir, ainda, que dois elementos não participaram na construção do seu bilhete de identidade e que uma criança não colaborou na construção do roteiro, por motivos de saúde.

Verificámos assim, que os mais assíduos foram os que participaram mais, contudo os elementos que não estiveram presentes em todas as sessões também se mostravam ativos nas sessões em que estiveram presentes.

Consideramos que as crianças assumiram o compromisso de participação, revelaram capacidade de o executar e que o grau de envolvimento e participação foi elevado por parte destes atores sociais.



## 6.6. Contributos e sugestões para o projeto CAC

Para além da criação de um roteiro da cidade de Aveiro, destinado a crianças, produzidos por elementos de um grupo minoritário, ao longo do projeto efetuado fomos recolhendo opiniões sobre a cidade de Aveiro, nomeadamente, aspetos positivos, aspetos negativos e sugestões de mudança. Tentámos, ainda, perceber se as crianças consideram esta cidade uma CAC. No quadro seguinte apresentamos algumas destas opiniões.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Participantes</b>	<b>Dados de registo</b>
Cidade de Aveiro	Aspetos Positivos	N; J; C;	<i>N- "Sim, ia ser uma experiência boa para eles, quem tivesse ainda a estudar, podia aprender novas coisas." J- "É uma cidade bonita, e tem prédios bonitos. Tem parques e tem jornais com as notícias do dia-a-dia e os filmes que vão dar." C. "É uma cidade bonita, é um bocadinho pobre, porque está em crise". J. - "Gosto, porque tem sítios que gosto de ir, onde posso brincar, onde posso estudar e onde podemos comer". C. "Gosto de viver em Aveiro porque é uma cidade grande e linda".</i>
	Aspetos Negativos	C;J;	<i>C- "por causa que a maior parte é um bocadinho sujo, há parques um bocadinho sujos." J. "Não gostei de ver a poluição que existe na ria, dos papéis que as pessoas poem à água. A água parece suja".</i>
	Modificações	J; T;C; P; A;L	<i>J. "Alguns prédios que estão quase a demolir. As casas velhas. Podiam construir um skate parque que desse para bicicleta, patins e trotinetes." T. " As estradas porque estão cheias de buracos. Alguns prédios antigos porque estão rachados e é perigoso para as pessoas que vivem lá." C. "Deviam mudar o gradeamento da linha do comboio. A automotora é muito perigosa porque já morreu uma senhora." N."Podiam construir novos prédios, lojas nas partes desertas." P. " O parque infantil no meu bairro". J. " A Cidade deveria ter novas construções, um parque bem arranjado, com rede nos campos. As estradas deviam</i>



			<p><i>estar sem buracos e devia ter mais passeadeiras e mais segurança à noite.”</i></p> <p><i>T. “ A cidade podia ter um parque de diversões para pessoas até aos 17 anos. Devia ter muitos brinquedos para as crianças de todas as idades se entreterem.”</i></p> <p><i>L. “ Acho que quando acabassem as obras não deixassem as pedras. No parque da macaca estavam lá um monte de pedras. Deveriam arranjar coisas que estivessem estragadas como alguns parques. Gostava que houvesse um parque de diversão porque há pessoas que querem levar os filhos e é longe, noutras cidades.”</i></p> <p><i>A – “ Deveria haver outro parque mais perto da minha zona e em Esgueira um parque foi destruído. Devia ter uma proteção para o vandalismo.”</i></p>
	Aveiro CAC	J; L; P; A;	<p><i>J-“ Aveiro é uma CAC porque tem sítios onde podem brincar, estudar, fazer atividades”</i></p> <p><i>L-“ (::)podia ser mais amiga das crianças, porque às vezes há perigos e devem arranjar, como os buracos, as redes”</i></p> <p><i>P- “ É porque tem alguns sítios para as crianças irem, mas podia ter mais. Mas há outros sítios que não podem como as discotecas.”</i></p> <p><i>A - “ Sim, mas podia ser mais há poucos sítios onde as crianças se possam divertir. E os pais trabalham muito e tem pouco tempo para os filhos. Podiam ter um ATL para ajudar nos TPC.”</i></p>

Quadro 26- Opiniões sobre a cidade de Aveiro enquanto CAC

É possível observar que grupo de crianças escutado teve facilidade em especular sobre aspetos positivos e negativos da cidade de Aveiro. No que diz respeito a aspetos positivos as crianças consideram esta uma cidade *linda*, uma vez que é grande, tem muitos locais diversificados onde se pode fazer de tudo um pouco (brincar, estudar e comer) e apresenta edifícios *bonitos*. Relativamente a aspetos negativos, apenas duas crianças reforçam que esta é uma cidade *suja*, que apresenta poluição nos pontos mais centrais como é caso da ria de Aveiro e do parque.

Verificou-se, ainda, que os participantes tiveram facilidade em enumerar um conjunto de sugestões para melhoria da cidade. As crianças reforçaram a necessidade de reconstruir prédios, estradas e vias férreas que se encontram degradados, colocando em perigo a vida das pessoas. Deste modo, chamam a atenção para a necessidade de maior segurança em diversos locais, o que por vezes não encontram.





Salientam, também, a necessidade de construção de novos parques de diversão dirigidos a crianças de todas as idades.

Quando questionadas se Aveiro é uma cidade amiga das crianças, os participantes responderam de forma positiva, mas no seu entender ainda existem alguns aspetos a melhorar. Mais uma vez, reforçaram a necessidade de maior segurança e de espaços dirigidos a crianças, que as apoiem nas suas atividades escolares e de lazer.

Com esta análise constatámos, mais uma vez, a disponibilidade das crianças para pensarem e agirem como os adultos em questões sobre as quais raramente são consultadas.

## **6.7 - O Papel do investigador e Animador Sociocultural**

As várias intervenções desenvolvidas neste projeto, como já mencionámos anteriormente, adotaram a metodologia de investigação-ação participativa e recorreram a técnicas participativas provenientes da Animação Sociocultural, visando a melhoria das práticas sociais. A opção pela investigação-ação participativa exige ao animador social uma postura reflexiva e uma relação dialógica com o grupo, pretendendo escutar os sujeitos e criando atores sociais com visibilidade. Desta forma, ambicionámos melhorar condições da comunidade, a socialização, motivar o exercício do direito a participar através de iniciativas para o envolvimento ativo e comprometido, assim tem em vista o desenvolvimento de competências participativas. Aspirámos também, revitalizar a identidade grupal fomentando o sentimento de pertença na comunidade, visando a transformação pelo desenvolvimento da prática. Neste sentido, a animação sociocultural e a ação do animador foram conduzidas através de ações que ao incitar um contexto de participação ativa, fomentaram uma democracia participativa e colaborativa; de forma a fortalecer o tecido social para responder a problemas do grupo, educando na e para a comunidade.

Utilizámos a animação comunitária como estratégia de ação que visa promover o desenvolvimento e a transformação da realidade social, na sua vertente cultural, social e educativa. Consideramos que a Animação Sociocultural e a Educação Social deram contributos ao presente projeto, tendo em conta o esforço para melhorar as condições de vida daqueles que habitam na cidade. Permitiu-nos criar nas crianças a motivação para a intervenção e participação na vida comunitária. Carvalho e Baptista (2004) referem-nos que é necessário promover e ajudar "*a encontrar sentido entre os*



*itinerários pessoais, promovendo a capacidade de decisão e participação dos indivíduos.” (p.92)*

No desempenho deste papel de investigador-animador procurámos proporcionar ao grupo e a cada elemento, de uma forma informal, a descoberta e a experiência através de situações que estimulassem a exploração do meio circundante e servissem como oportunidade de valorização dos pontos de vista dos próprios sujeitos. Procurámos também promover a observação e o questionamento de diversos locais da cidade. Este processo de interação estabeleceu como ferramenta a escuta ativa de opiniões e pontos de vista emergentes.

No fim de cada sessão elaborámos um registo, que foi adotando cada vez mais as características das notas de campo. Estas constam de um relatório escrito do que ouvimos, vimos, experienciámos no desenvolvimento da recolha. Tivemos o cuidado de fazer um registo detalhado de cada sessão, descrevendo os locais e de reconstruir os diálogos, utilizando as próprias palavras das crianças.

Depois de transcritos os conteúdos verbais dos mesmos, seguindo as orientações de Bardin (1977), examinámos estes dados através da análise de conteúdo, que se define como um “*conjunto de técnicas de análises de comunicações*” (p.31).

Foi a partir dos dados gerados que chegámos a este ponto do nosso trabalho com novos recursos para repensar criticamente o nosso próprio olhar e disposição de escuta das crianças.

## **6.7 – De turistas a protagonistas**

*“...escutar as crianças é algo central para reconhecer e respeitar o seu valor como seres humanos” (Christensen & James, 2005).*

Desenvolvemos a nossa investigação como recurso para a construção de um projeto de educação e intervenção comunitária que contribuísse para a mudança das condições de reconhecimento e de participação das crianças enquanto grupo social minoritário, levando à promoção dos seus direitos instituídos pela CDC e na sua condição de participantes na iniciativa *Aveiro Cidade Amiga das Crianças*.

No decorrer deste projeto consideramos que as crianças não foram meros participantes, meros turistas no contexto em análise, mas protagonistas de um projeto com vários pontos de partida. Verificámos, desde o primeiro momento, a disponibilidade da nossa amostra em participar no projeto, como elementos ativos e conscientes do seu papel. Para tal, consideramos que a associação que nos acolheu



teve um papel fundamental. Apoiou-nos na mediação e contatos com famílias/crianças; autorizações e formação do grupo; no espaço; nas máquinas fotográficas utilizadas; no acompanhamento das crianças e na disponibilidade para cooperação.

Numa primeira análise as crianças revelaram algum conhecimento da cidade onde residem. No entanto, verificámos que este conhecimento tinha sido obtido principalmente através de ações de educação formal, promovidas pela escola que frequentam. Neste sentido, consideramos que esta entidade não pode ser a única forma de acesso das crianças a um maior conhecimento da cidade em que vivem.

Ao longo deste processo, as crianças demonstraram interesse em conhecer novos locais, reconhecer locais já visitados e, principalmente evidenciaram uma predisposição a novas experiências e aprendizagens.

A análise das visitas efetuadas permitiu-nos, ainda, constatar que embora tenham apreendido os conhecimentos transmitidos pelos guias envolvidos no processo, os conhecimentos resultantes das experiências sensoriais são os mais significativos. No entanto, consideramos que os guias também tiveram um papel importante, através da utilização de uma linguagem acessível a este grupo e de uma atitude de respeito perante o mesmo. Deste modo permitiram às crianças usufruir do seu direito de participação e o direito à informação. As próprias crianças mencionaram este sentimento de aceitação e de preocupação dos guias, no que diz respeito às suas necessidades. Entendemos que as instituições da cidade que nos receberam também contribuíram para este estudo através da sua abertura e cooperação.

Verificámos, ainda, que as crianças apresentaram grande facilidade em observar e propor sugestões e mudanças para os espaços urbanos que visitaram, o que revela, mais uma vez, o seu interesse em serem cidadãos participativos com uma voz ativa. Não se limitaram apenas ao seu papel de meros participantes mas tentaram utilizar todos os instrumentos colocados ao seu dispor (fotografias, desenhos, bloco de notas) para produzir dados e como suporte de conhecimento.

Com os dados recolhidos as crianças não tiveram qualquer dificuldade em construir, de um modo autónomo, o roteiro da sua cidade, dirigido a crianças e com os locais mais significativos.

Estando este projeto inserido na CAC, considerámos importante efetuar a apresentação deste roteiro a outras crianças e membros envolvidos nesta iniciativa. Esta apresentação possibilitou, no nosso entender, a obtenção de um novo protagonismo destas crianças. Podemos comprovar que os protagonistas mostraram um grande envolvimento no projeto ao defender a sua posição acerca do roteiro da cidade de Aveiro, efetuado pelo grupo. Segundo Alderson (2001) cit. por Ferreira



(2012), “*as crianças podem ser advogados eficazes na defesa dos seus projetos*” (p.56).

Podemos adiantar que um dos elementos da Câmara Municipal de Aveiro, envolvido na Iniciativa CAC, contactou-nos mostrando interesse em apresentar o roteiro realizado por este grupo de crianças protagonistas ao departamento de Turismo da Autarquia. Deste modo, podemos concluir que atingimos um dos objetivos do nosso trabalho ao conseguir inserir as vozes destas crianças nesta iniciativa local.

Como refere Sarmento (1999) cit. por Tomás & Soares (2004) a promoção de uma imagem de criança cidadã deve desenvolver-se no âmbito do “*aprender a viver juntos*” e “*aprender a relacionar-se*”, no sentido de uma participação como uma ação coletiva, relacional, que acentua a indispensabilidade da promoção da sua inclusão no processo de cidadania o que implica para além de outros aspetos a aceitação da sua voz e a participação nos seus quotidianos.

Com este projeto pudemos verificar que a iniciativa CAC já era familiar para algumas crianças. Quando questionadas se a cidade de Aveiro era amiga das crianças, resultaram observações muito interessantes que foram defendidas pelos protagonistas com convicção e ânimo. Segundo os mesmos, Aveiro é uma cidade amiga das crianças mas poderá ainda reforçar o seu papel neste âmbito. Com facilidade as crianças apresentaram a suas sugestões, demonstrando que a sua visão não é a mesma dos adultos, não sendo por isso menos importante. Desta forma concordamos com Tomás e Gama (2011) quando afirmam que as crianças e os jovens possuem capacidades e competências para darem um contributo inovador para melhorar os espaços sociais em que vivem e para isso necessitam de ser ouvidos (Chawla, 1997; Willow, 2002; Percy- Smith e Thomas, 2010).

Enquanto investigadores deparamo-nos com alguns problemas, que no nosso entender constituem entraves à participação ativa destas crianças no espaço público.

No caso da biblioteca municipal não podemos compreender o horário de funcionamento cujo encerramento diário é às 19 horas. Muitos alunos terminam o seu período letivo às 18 horas e 30 minutos durante a semana, não tendo possibilidade de frequentar a biblioteca. Ao sábado, que seria o dia em que tanto as crianças como os pais teriam mais tempo livre para usufruir deste espaço, está encerrada da parte da tarde. Devido a este fator, foi difícil conseguir um horário para visitar e observar este espaço de cultura. Ao sábado, como os funcionários são reduzidos, não existia possibilidade de nos receberem. Com alguma colaboração dos Encarregados de Educação conseguimos agendar um dia da semana ao fim da tarde.



Salientamos que para aceder a alguns locais foi necessário proceder ao pagamento das entradas das crianças, embora tenha sido conseguido uma redução do valor em certos casos.

De um modo geral, podemos considerar que todo este percurso foi vivido como uma requalificação do nosso próprio olhar e na forma de produzir um conhecimento assente na própria participação social das crianças, na sua qualidade de Cidadãos. Concordando com Fernandes, Sarmento & Tomás (2004) é “*fundamental considerar a participação das crianças até ao momento final de qualquer processo do qual elas sejam parceiras*” (p.15).



## Capítulo VII – Conclusões e sugestões de investigação futuras

O projeto “*As crianças de origem africana na cidade: de turistas a protagonistas*” que nos propusemos realizar pretendia escutar as crianças de descendência africana sobre a cidade de Aveiro, entendendo se estas se sentem como cidadãos da cidade, o conhecimento que têm sobre a mesma e despertá-las para o direito de participação na sociedade em que vivem.

Este projeto justifica-se por razões que incluem o facto de Aveiro ter-se proposto como uma das Cidades Portuguesas Amigas das Crianças. Além disso, também a tomada de consciência da necessidade de se estudar e de se intervir no sentido de criar condições de escuta e compreensão das perspetivas das crianças foi uma realidade. Neste percurso de textos e contextos, no encontro e diálogo com o grupo que convidámos a participar nesta investigação, pensámos ter conseguido escutar o que as crianças sentem, o que pensam e o que sabem sobre a comunidade em que estão inseridas.

Com este processo investigativo sobressai a vontade, a predisposição e competência das crianças em participar em projetos de investigação. Neste processo a participação infantil foi pensada e investida a partir das próprias experiências de vida das crianças, dos seus contextos sociais e culturais, das suas opiniões e pontos de vista. Nesta perspetiva, consideramos que foi dado um pequeno contributo para a consciencialização das crianças face aos seus próprios direitos de participação.

A investigação foi conduzida tendo por base a de forma a pensar na inclusão e na exigência de que as crianças sejam reconhecidas e investidas como atores sociais, como protagonistas da inserção das suas próprias experiências, narrativas e percursos de vida na comunidade e para além dela.

A nossa preocupação foi garantir condições para um processo contínuo de escuta das crianças, em que a sua perspetiva sobre a realidade pudesse ganhar audiência e visibilidade social. Pretendíamos que as crianças de origem africana pudessem ser reconhecidas como atores competentes e capacitados a participar num movimento local, onde a CDC é invocada como fundamento de outros instrumentos políticos importantes, para a melhoria da situação da infância e do estatuto da criança, entre os quais referimos as recomendações do Comité dos Direitos da Criança.

Podemos afirmar que a importância do direito de participação é reconhecido por estas crianças, o que nos leva a pensar no futuro, na realização de outras iniciativas e de outros projetos que continuem a valorizar a voz das crianças e onde o seu estatuto de cidadã participante seja reconhecido.



A participação das crianças e a realização de um roteiro turístico da cidade são dois elementos importantes na construção de uma CAC, para que este grupo social tenha maior atenção na vida da sua cidade e que não tenha desvantagens no acesso a eventos culturais e sociais, assim como alguns equipamentos da cidade.

Pensamos ter conseguido atingir o objetivo principal a que nos propusemos, uma vez que proporcionámos a igualdade de direitos a um grupo de crianças de origem africana relativamente a outras crianças residentes, através das ações efetuadas, contribuindo assim para o enriquecimento da experiência e o alargamento do ponto de vista destes cidadãos.

No que concerne a objetivos específicos, considerámos que impulsionámos a participação das crianças e identidade social das mesmas como atores sociais competentes, capazes de analisar e apresentar as suas opiniões. Envolvendo-as na CAC, através da apresentação do roteiro construído, promovemos a escuta das suas “vozes”, valorizando as suas opiniões, da sua comunidade, e, também, defendendo os seus direitos enquanto sujeitos e Cidadãos no espaço público.

Concordando com Madeira (s.d) *“quando pensamos na participação das crianças devemos pensar nas realidades que estão ao seu alcance e na necessidade de promover experiências que lhes permitam aprender a intervir no meio que as envolve, que elas conhecem através da experiência imediata e sobre o qual tem direito a receber informação suficiente para darem opinião ou agir sobre a realidade, com que estão em contacto direto a cada dia.”*

Se nos reportarmos à escala de participação de Robert Hart podemos considerar que o nível de participação das Crianças na realização do projeto insere-se no sexto degrau de participação, entendendo assim que existiu real participação dos participantes, uma vez que houve partilha de decisões com as crianças e estas participaram de forma ativa. O contato com os locais públicos que necessitavam de marcação por ser um grupo e pagamento foi efetuado por nós, o que não nos permite classificar a participação das crianças no penúltimo degrau de participação. Embora os locais a identificar fossem em concordância com os participantes, tivemos de tomar algumas decisões sem os consultar, uma vez que em alguns pontos pretendidos, não nos acolhiam ao sábado e não conseguimos encontrar um horário que fosse compatível com todos os participantes e com os equipamentos públicos.

Projeta-se construir novas formas de relação entre adultos e crianças, onde cada um seja visto como parte integrante da sociedade e como sujeito de direitos. Deve-se compreender a infância como um fenómeno social, como uma realidade social que se expressa e sobressai na experiência individual de ser criança.



Pretendíamos que este projeto fosse significativo para as Crianças para que se sentissem estimulados a procurar e descobrir, sem que lhes fosse preciso ensinar, o sentido, a razão de ser da vida social e do processo educativo em que se encontram igualmente implicados.

Ao longo deste projeto verificámos a preocupação das crianças relativamente à segurança na cidade, nomeadamente, à segurança rodoviária e à segurança noturna, pelo que poderia ser uma temática a abordar numa futura investigação, inserida na iniciativa CAC.

Desejamos que o nosso projeto contribua para a promoção dos direitos das crianças e para a reflexão sobre a sua participação nos espaços públicos.





## Bibliografia

- Ander-Egg, E. (1989). *Introducción a la planificación*. Buenos Aires: Humanitas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boutinet, J.-P. (1990). *Antropologia do Projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Brigeiro, A. L. O. (2006). *Imigração em Portugal: Desafios de Integração e Cidadania numa Sociedade Multicultural*. Dissertação de Mestrado em Gestão Pública. Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas, Universidade de Aveiro: Aveiro.
- Cabanas, J. M. Q. (2000). *Pedagogia social*. Dykinson: Madrid.
- Caliman, G. (2006). *Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social na Europa (Ítalia)*. Brazil: I Congresso Internacional de Pedagogia Social.
- Christensen, P., & James, A. (2005). *Investigação com Crianças. Perspectivas e práticas*: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Díaz, A. S. (2006). *Uma aproximação à Pedagogia. Educação Social*: Revista Lusófona de Educação.
- Dubar, C. (1997). *A Socialização- Construção de Identidades Sociais e Profissionais*: Porto Editora.
- Esteves, M. C. (1991). *Portugal, País de Imigração*: Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Fernandes, N. S. (2005). *Infância e Direitos: participação das crianças nos contextos de vida - representações, práticas e poderes*. Universidade do Minho.
- Fernandes, N. S. (2006). *A investigação participativa no grupo social da infância.*, Currículo sem fronteiras.
- Fernandes, N. S. (2009). *Infância, Direitos e Participação. Representações, Práticas e Poderes*: Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, A. I. F. (2012). *Direitos das Crianças: Do Abstrato ao Concreto*. Projecto de Investigação de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Social e Intervenção Comunitária. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Hendrick, H. (2005). *A criança como actor social em fontes históricas*. Capítulo II. In Christensen, Pia e James, Allison. *Investigação com Crianças: Perspectivas e Práticas*.: Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Julião, L. I. B. (2010). *Construindo a Acção Cidadã das Crianças em Contexto Institucional*. Projecto de Investigação de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Social e Intervenção Comunitária, Universidade de Aveiro



- Lima, R. J. S. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão...com pés assentes na terra. Desenvolvimento local. Animação Comunitária. Investigação Participativa*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade
- Lopes, F. D. (2009). *Putos do Pombal...Uma Narrativa Social*, Projecto de Investigação de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Social e Intervenção Comunitária Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Lopes, M. d. S. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção - Associação para a promoção e divulgação Cultural.
- Machado, F. L. (1994). *Luso Africanos em Portugal: Nas margens da etnicidade: Sociologia - Problemas Práticos*.
- Madeira, R. (s.d). As Crianças como Participantes na Reconstrução de Contextos e Processos de Intervenção na Família e na Comunidade. Departamento de Ciências da Educação: Universidade de Aveiro.
- Martinez, M. (2003). *De la Participación al Protagonismo infantil, propuestas para la acción*. Plataforma de Organizaciones de Infancia: Madrid.
- Moreira, S. A. F. (2010). *O Tempo das Crianças...silêncios vividos e ruídos sentidos* Projecto de Investigação de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Social e Intervenção Comunitária. Univesidade de Aveiro, Aveiro.
- Muñoz, M. (2008). *Informe técnico sobre experiencias de participación social efectiva de niños y adolescentes*. Madrid: Secretaria General Técnica.
- Petrus, A. (2000). *Pedagogia Social*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A.
- Pinto, F. (1995). *Etnia Cigana – Realidade Sócio-Cultural Múltipla e Dinâmica*. in CORTESÃO, Luiza et al., (1995). *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra*: Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, C. F. d. (2010). *Crianças e Direitos de Participação: A Construção de um Percurso*. Projeto de Investigação de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Social e Intervenção Comunitária, Universidade de Aveiro,
- Santos, I. (2004). *Quem habita os alunos? A socialização de crianças de origem africana*: Educa organizações.
- Sarmento, M. J. (2002). *Infância, Exclusão Social e Educação como Utopia Realizável*, n.17.
- Sarmento, M. J. (2009). prefacio in Fernandes Natália: *“Infância, Direitos e Participação”. Representações, Práticas e Poderes”*, Porto: Edições Afrontamento.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais: Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- Soares, L. D. (2009). *Os direitos das crianças*: Livraria Civilização Editora.



- Tomás, C. (2007). *Participação não tem idade. Participação das crianças e cidadania da infância*, in Contexto & Educação.
- Tomás, C., & Gama, A. (2011). *Cultura de (Não) Participação Das Crianças em Contexto Escolar*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Trilla, J. (1998). *Animação Sociocultural - Teorias, Programas e Âmbitos*. Porto: Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.

#### WEBGRAFIA

<http://www.unicef.org>

[http://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf)

[http://www.ciudadesamigas.org/etc/guia\\_alcaldes.pdf](http://www.ciudadesamigas.org/etc/guia_alcaldes.pdf)

[http://www.ciudadesamigas.org/etc/guia\\_planes.pdf](http://www.ciudadesamigas.org/etc/guia_planes.pdf)

<http://monnamon.net/2012/03/23/hello-world/>

[http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE\\_Armenio/TESE\\_Armenio/vti\\_cnf/TESE\\_Armenio\\_web/cap3.pdf](http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/vti_cnf/TESE_Armenio_web/cap3.pdf)

<https://woc.uc.pt/fpce/getFile.do?tipo=2&id=3159>.

#### Documentos Consultados

Aveiro, C. M. d. (2008). Relatório de Gestão. Aveiro

Aveiro, C. M. d. (2009). Relatório de Gestão. Aveiro.

Aveiro, C. M. d. (2010). Relatório de Gestão. Aveiro.

Aveiro, C. M. d. (2011). Relatório de Gestão. Aveiro



## **Anexos**



## **Anexo I – Pedido de Consentimento Informado e Esclarecido aos Pais**

### **CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

No âmbito de estudos de Mestrado em Ciências da Educação na área de Especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro, encontro-me a desenvolver um projeto de investigação intitulada “Crianças de origem africana na cidade: De turistas a protagonistas.” Neste sentido, convidamo-lo a participar neste projeto de investigação.

Salienta-se que a qualquer momento da investigação pode tomar a decisão de desistir de participar sem qualquer prejuízo.

É garantida a confidencialidade e a proteção do anonimato durante toda a investigação assim como nos resultados que serão veiculados através do projeto de mestrado.

Em qualquer fase da investigação é dada a garantia de acesso para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Obrigada!

Atenciosamente

---

(Vera Lúcia Vidal Fernandes)

Investigadora: Vera Fernandes

Contacto telefónico: 910405272

E-mail: v.fernandes.es@gmail.com



## **Anexo II – Pedido de Consentimento para a Utilização de Vídeo, Fotografia e Gravação Áudio**



## CONSENTIMENTO

(Vídeo, Fotografia, Gravação áudio)

Consinto que o meu educando \_\_\_\_\_ seja gravado ou fotografado durante a sua participação nesta investigação. Percebo que sou livre de aceitar que o meu educando participe ou não nesta parte da investigação.

Assinatura                      do                      Encarregado                      de                      Educação

\_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_



### **Anexo III – Consentimento Informado e Esclarecido das Crianças**





## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ anos de idade, confirmo que fui informado dos procedimentos da investigação para a qual fui convidado a participar. Foi garantido o acesso à informação em qualquer fase da investigação.

Foi dada a garantia da confidencialidade e anonimato e certificaram-me que as informações recolhidas serão utilizadas apenas no projeto de mestrado.

Informaram-me que a qualquer momento posso retirar-me da investigação se assim o desejar.

Eu aceito participar nesta investigação.

A Criança Investigadora \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_



## **Anexo IV – Notas de Campo**



### **Nota de campo nº 1 – Primeira contato com a instituição**

Após contacto telefónico com um elemento da Associação Mon na Mon informar dos objetivos do trabalho a entrada no terreno foi facilitada. Fui recebida por dois elementos da direção, que após à minha apresentação se mostrou recetiva à minha presença, mostrando disponibilidade para colaborar no que fosse necessário. Conversámos um pouco sobre a dinâmica da instituição e das atividades desenvolvidas na mesma. Foi-me dada a informação da existência de dois grupos de dança com o nome, “estrelinhas”, e “Bambaram”. Existe também um grupo de escrita criativa e foi-me fornecido o contato das professoras das duas áreas para através delas ser mais fácil o contato com as crianças.

Como expliquei como surgiu o projeto e a intenção de dar continuidade ao grupo que já tinha estado envolvido no Seminário “Abrir portas onde conversávamos entre janelas”, uma vez que esse já estava inserido no projeto da cidade amiga das crianças, foi-me também apresentado o projeto do peixinho bissauné, que tinha sido desenvolvido em parceria com a Universidade de Aveiro.

Foi-me informado, que no mês de Agosto, a associação iria estar encerrada para férias, mas que no início de Setembro, poderia apresentar o meu projeto a todos os elementos da direção e iniciar o meu projeto.

Despedi-me com a certeza de que a porta da associação estava aberta, o primeiro passo tinha sido dado, e foi com uma sensação de alívio que voltei para o meu carro onde registei estas primeiras impressões.

### **Nota de campo nº 2 – Primeira contato com uma criança da associação Mon na Mon.**

Após o contato telefónico com a professora de dança da associação com o objetivo de me apresentar e a informar dos objetivos do meu trabalho, foi-me fornecido o contato do Encarregado de Educação do M.. A mesma estabeleceu o primeiro contato com a Encarregada de Educação da criança, a fim, de assentar uma data para me reunir com a criança.

Quando me encontrei com o M., apresentei o meu projeto, inserido na cidade amiga das crianças, e convidei-o a participar, no qual ele aceitou alegando que parecia interessante.



Pedi ajuda ao convidado para elaborar um grupo de investigação comigo, sugerindo alguns nomes de crianças com idade próximas que frequentassem a associação, para fazerem parte do grupo de trabalho.

Ele indicou o J., a T., a sua irmã, Ju, a N. e a Joy. Eram necessários mais dois elementos, mas o M., de momento não se lembrava e referiu que iria pensar nos restantes.

Pedi a colaboração do M. para convidarmos em conjunto numa data a marcar, a T., a participar no projeto. Como este aceitou fiz uma auscultação da sua disponibilidade, para nos encontrarmos com a Tanise. Acertamos também, que as sessões para a realização do projeto seriam ao sábado da parte da manhã, por volta das nove horas e trinta minutos.

Nesta conversa informal, o M. referiu conhecer alguns pontos referenciais da cidade como, o Museu de Santa Joana, a Biblioteca Municipal, a Fábrica da Ciência Viva, locais onde efetuou visitas de estudo.

Referi que entraria em contato com ele, quando soubesse a data para nos encontrarmos com a T. para procedermos ao convite.

Ao despedir-me, reforcei que voltaria a entrar em contato com a Encarregada de Educação dele, referindo que ele seria meu parceiro na investigação e me ajudaria com o grupo.

### **Nota de campo nº 3 – Segundo contato com uma criança da associação Mon na Mon.**

Com a colaboração da professora de dança da associação, entrei em contato com a Encarregada da T., para agendar um encontro para poder apresentar o meu projeto.

Após esse contato e a marcação da data, entrei em contato com a Encarregada de Educação do M., para este me acompanhar para procedermos ao convite do outro elemento do grupo.

Em conjunto com o Marcos fizemos o convite a Tanise, que também já tinha conhecimento do projeto da Cidade Amiga das Crianças e mostrou interesse em participar.

Depois do Marcos ter referido os nomes que sugeri para formar o grupo de investigadores, a T., indicou o C., a S. e a A..

Nesta conversa tentei perceber se a nova participante conhecia a cidade, e quais os locais que já tinha visitado. Nomeou a Biblioteca Municipal, o Parque



Municipal, a Fábrica da Ciência Viva. O M. questionou-a sobre a festa de S. Gonçalinho, onde esta respondeu que não.

Disponibilizou-se para participar aos sábados de manhã, antes das aulas de dança.

Despedi-me dizendo que ia convidar os outros elementos e que depois entraria em contato com eles para agendarmos a primeira sessão. Vim embora satisfeita por ter já dois elementos no grupo de pesquisa.

#### **Nota de campo nº 4 – Reunião com Direção Da Associação Mon na Mon**

Cheguei à associação pelas 17 horas, para a reunião de início de atividades, onde estavam presentes todos os elementos da direção da associação. Deu-se início à ordem de trabalhos, onde relataram que as atividades da associação iriam iniciar a 22 de Setembro e estabelecemos horários para todas as atividades.

Tive oportunidade de expor o meu projeto a todos os elementos da associação, onde expliquei que nas saídas que sugeria, tinha parceria com a escrita criativa, o que sairiam dois adultos com as oito crianças.

Após ter explicado em que consistia o trabalho, expliquei de que forma foi criado o grupo de investigação, explicando que pretendia trabalhar com crianças com idades entre os 8 e os 13 anos, desta forma, mencionei os nomes dos elementos do grupo.

Como tinha intenção de utilizar como metodologia photovoice, questionei se a associação tinha máquinas fotográficas para as crianças poderem utilizar. Foi-me informado que a associação tinha apenas uma máquina fotográfica que estaria à disposição, no entanto, outros elementos da direção prontificaram-se a emprestar mais três máquinas fotográficas, para conseguirmos desenvolver as saídas como planeado.

Foi-me pedido para as crianças utilizarem as máquinas fotográficas com a supervisão de um adulto para evitar acidentes.

Como não houve mais questões despedi-me de todos os elementos e retirei-me da associação. Saí com a sensação de que mais um passo teria sido dado e que o processo estava a ser bem encaminhado.



### **Nota de campo nº 5 – Primeira ida à Associação Mon na Mon (22/09/2012)**

Foi a primeira vez que estive na instituição com as crianças. O ambiente é simpático e fui muito bem recebida na instituição. As crianças estão habituadas a contatar com pessoas exteriores à instituição, pelo que a minha presença não causou qualquer distúrbio entre elas.

O grupo é heterogéneo, estavam presentes 11 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 13 anos. Como era o primeiro dia, após as férias, as crianças estavam agitadas e desconcentradas.

Comuniquei a um elemento da associação, que não tinha conseguido entrar em contato com o Encarregado de Educação da Joy, mostrando a minha preocupação em iniciar o trabalho com as crianças. A professora responsável pela associação prontificou-se a tentar contatar a encarregada de Educação, no entanto, informou-me de outro elemento, a L., que tem por hábito frequentar a associação e que não estava inserida no grupo. Forneceu-me o contato da Encarregada de Educação da mesma, para poder contatar no caso de não conseguir a presença da J.

Tentei entrar em contato com a Encarregada de Educação de Ju e do M., quando verifiquei que ainda não estavam na associação, mas não consegui obter numa resposta.

Tinha intenção de convidar as crianças para participar no projeto e posteriormente, a todas as formalidades, realizar a primeira sessão *focus group*.

Embora só estivessem presentes 5 elementos que pretendia inserir no grupo, estavam outras duas crianças, com idades semelhantes, que não me tinham sido referidas. Apresentei o meu projeto e convidei as crianças a participar na investigação. As crianças mais velhas mostraram-se entusiasmadas e aceitaram participar, embora não dialogassem muito, talvez por não me conhecer.

*A: “Eu quero participar”*

*T: “Parece interessante”*

*P: “ Sim, eu também quero”*

*J: “Eu também. Eu e a T. já participamos numa coisa na universidade”*

*T: “ Nós fomos falar dos espaços da cidade que são amigos das crianças”*

*C: “ Eu não conheço muitos sítios da cidade, mas posso participar”*



N: *“ Eu também quero, mas a que dias nos juntamos? Eu tenho fisioterapia todos os dias as 19H”*

A: *“ Tem de ser ao sábado de manhã, mas às onze temos dança”*

C: *“ Também pode ser à tarde”*

L: *“Eu quero participar parece giro, e vamos tirar fotografias? Eu gosto de tirar.”*

T: *“ Quando é que começamos? Mais para frente vou ter catequese ao sábado.”*

Eu: *“ Qual o dia desta semana que tem possibilidade de vir à Associação?”*

N: *“ Eu tenho fisioterapia as 19h, só se for antes”*

A: *“ Eu acho que pode ser quinta-feira, mas tenho de confirmar com o meu pai”*

P: *“ Eu saio da escola todos os dias as 17:30H”*

T: *“Pode ser na quinta ao final da tarde, eu o J: e o C. estamos em casa”*

J: *“ Pode ser as 18:00h”*

L: *“ Eu não sei, tenho de perguntar aos meus pais.”*

Eu: *“ Vamos apontar quinta-feira e depois confirmamos se podemos estar presentes.”*

Eu: *“ Concordam que nos encontremos aos sábados de manhã às 9:30H?”*

T: *“ Sim”*

N: *“ Pode ser”*

L: *“ Eu acho que sim”*

P: *“ É cedo, mas pode ser”*

J: *“ Sim”*

C: *“ Tá bem”*

A: *“ Depois Já vamos para a dança?”*

Apesar de verificar motivação por parte das crianças, estava preocupada, uma vez, que o M. e a irmã não compareceram, como tinha sido acordado com eles e com o Encarregado de Educação.

Como a organização da associação esteve a acertar alguns pormenores, e as crianças estavam inquietas não desenvolvi o que tinha planeado, ajustando uma data com os participantes a realização da sessão.



Programamos a mesma para a próxima quinta-feira, dia 27 de Outubro pelas 18h. Comprometi-me a entrar em contato com os Encarregados de Educação, para a confirmação da data e com os restantes elementos do grupo. Conversamos também sobre a saída de campo da próxima semana e confraternizamos um pouco.

As crianças pelas onze horas dirigiram-se para a aula de dança.

No fim, estive a conversar com um dos elementos da associação, que indicou e facultou o número de telefone dos encarregados de educação, para convidar os seus educandos a participar no projeto.

### Nota de campo nº 6 – Sessão Focus de group

Inicialmente foi feita a receção aos participantes e feita a preparação da sala. Compareceram quatro elementos do grupo. Tentei contatar os restantes elementos, mas não o consegui fazer. Embora não estivessem todos presentes, decidi realizar a sessão com os elementos que se encontravam na associação.

Antes de iniciarmos a sessão, os participantes foram informados sobre as questões que lhes iríamos colocar e o que pretendíamos: que identificassem as imagens na cidade de Aveiro e que dessem a sua opinião sobre o local, se conheciam o mesmo. Os objetivos relativamente as questões colocadas centraram-se na exploração e identificação do património existente em Aveiro, percebendo que espaços os participantes frequentam na cidade e a sua opinião sobre os mesmos.

Foram espalhadas várias imagens da Cidade de Aveiro, cada elemento recolhia a que preferisse, e posteriormente, aleatoriamente, identificava a imagem e falariam sobre a mesma.

Quando terminamos, despedi-me dos participantes, alertando que no próximo sábado, dia 29 de Setembro, nos voltaríamos a encontrar pelas 9 horas e trinta minutos, para a realização de uma saída, passeio de moliceiro na ria. Estes mostraram-se entusiasmados e confirmaram a sua presença. No entanto, comprometi-me em comunicar aos encarregados de Educação.

Verificamos que conseguem identificar os locais na sua maioria, por terem realizado visitas de estudo.

Locais apresentados	Relatos dos participantes
Ria de Aveiro	<u>A:</u> “É a ria, onde podem andar de barco.” “ Passa no Fórum, onde tem lojas e cinema.”  <u>T:</u> “É de Moliceiro”





	<p><u>P:</u> “Eu já andei de moliceiro com a escola.”</p> <p><u>A:</u> “ Eu também, andei uma vez e foi aí que vi as salinas, quando andei de moliceiro!”</p> <p><u>T:</u> “ Eu não.”</p> <p><u>J:</u> “ Nem eu, nunca andei de barco nem de moliceiro.”</p> <p><u>T:</u> “ Eu já andei de barco, mas não de moliceiro, mas gostava.”</p> <p><u>J:</u> “ Eu também gostava”</p>
Biblioteca Municipal de Aveiro	<p><u>J:</u> “ Eu conheço a biblioteca Municipal, já lá fui.”</p> <p><u>T:</u> “ Eu também.” “ Dá para requisitar livros. Eu gosto de ler”</p> <p><u>P:</u> “Nunca fui à biblioteca.”</p> <p><u>A:</u> “ Já fui com a escola, no 1º ano”</p> <p><u>T:</u> “ Acho que também tem filmes.”</p> <p><u>A:</u> “ Sim, é como na escola, também tem lá aquelas coisas de ouvir música.”</p>
Estação de comboios	<p><u>T:</u> “Toda a gente conhece! Vai lá para apanhar o comboio.”</p> <p><u>J:</u> “ Já lá estive”</p> <p><u>P:</u> “ Sei onde é, mas nunca entrei”</p>
Sé de Aveiro	<p><u>T:</u> “ Eu conheço esta igreja, mas não sei o nome.”</p> <p><u>A:</u> “ Uma vez eu vi lá uma senhora, tava a haver um casamento.”</p> <p><i>Eu: Mencionei que era a Sé de Aveiro.</i></p> <p><u>T:</u> “ É isso”</p> <p><u>J:</u> “ É mais uma igreja”</p>
Museu de Santa Joana	<p><u>T:</u> “ Esta imagem é ao pé da Sé. Também é ao pé do Fórum.”</p> <p><i>Eu: “ Este edifício é o Museu de Santa Joana.”</i></p> <p><u>A:</u> “ Eu nunca lá fui”</p>



	<p><u>P:</u> “ Eu também não.” “ Tiraram a foto com um carro ali a passar.”</p> <p><u>T:</u> “Só fui ao Museu Marítimo de Ílhavo.”</p> <p><u>J:</u> “ Eu sei onde é”</p>
Capela de São Gonçalinho	<p><u>J:</u> “Não sei!”</p> <p><u>A:</u> “ São Gonçalinho, que até tiraram cabacas? Isso mesmo. Já Não me lembrava, mas conheço.”</p> <p><u>T:</u> “ Eu não Conheço.”</p> <p><u>A:</u> “ Não conheces, que até atiram cabacas!”</p> <p><u>P:</u> “ Depois apanham do chão.”</p> <p><u>J:</u> “Eu não conheço”</p> <p><u>A:</u> “ Mas se calhar também não iam gostar. È como outras capelas”</p>
Parque Municipal	<p><u>T:</u> “ É o parque da macaca, toda a gente conhece. Vão lá fazer ginástica.”</p> <p><u>A:</u> “ Esse é o parque da macaca?”</p> <p><u>P:</u> “ Sim. É ali, o parque.”</p> <p><u>T:</u> “ Tem um estaleiro teatral.”</p> <p><u>A:</u> “ Eu gosto de ir lá, gosto de passear nos parques”</p> <p><u>J:</u> “ Eu também gosto”</p>
Salinas	<p><u>A:</u> “ É as salinas, mais lá para o fundo, para o lado da barra.”</p> <p><u>P:</u> “ Sim, conheço, sei onde é”</p> <p><u>T:</u> “ Eu não.”</p> <p><u>J:</u> “Não. Eu gostava de ir às salinas”</p> <p><u>T:</u> “ Eu também”</p>
Centro de Congressos	<p><u>T:</u> “ Esta imagem é Centro de Congressos, eu conheço, já lá fui ver peças de teatro.”</p> <p><u>A:</u> “ Eu também já lá fui.”</p> <p><u>P:</u> “Sim, eu conheço.”</p>



	<u>T:</u> “ Já fomos lá dançar, danças africanas.”
Mercado do peixe	<u>T:</u> “ Eu não conheço este sítio aqui, vocês conhecem?” <u>J:</u> “ Não” <u>Eu:</u> “ Não conhecem a praça do peixe e o mercado do peixe?” <u>P:</u> “Sim, Já passei por lá” <u>A:</u> “Não conheço.” <u>T:</u> “ Não estava a conhecer na imagem.”

Seguidamente, lancei uma questão:

Quais os locais que gostariam de reconhecer e conhecer da cidade?

*A: “Eu gostava de ir às salinas. A minha mãe já foi com a escola dela e eu nunca fui lá”*

*J: “ Sim, nunca fui”*

*T: “ Eu também gostava, mas também podíamos andar de moliceiro”*

*J: “ Sim, Para andar de moliceiro é preciso pagar.”*

*P: “ Com a escola também pagámos.”*

*P: “ Eu gostava de ir ao Fórum.”*

*T: “Ao Fórum?”*

*T: “ Também podemos ir ao parque.”*

*A: “Eu também gosto de estar na natureza”*

*P: “ Eu nunca fui à biblioteca, vocês não gostam?”*

*A: “Sim, só fui uma vez!”*

*T: “ Também podemos ir a alguns sítios que não conhecemos”*

Nesta fase, senti algumas dificuldades, na medida em que é complicado reunir todos os elementos, pois pensava que iriam estar presentes sete elementos e só compareceram quatro.

Terminei a sessão e tentei mais uma vez entrar em contato com a Encarregada de Educação do M. e da J., mas mais uma vez, uma tentativa falhada.



## **Nota de campo nº 7 – Primeira Saída**

O meu dia começou com uma chamada telefónica, por volta das 9:00h, efetuada pela Tanise, uma criança participante, a questionar a que horas tinham de estar no local marcado, e se era a professora Maria José que a ia buscar. Com o telefonema senti-me alegre, pois esta criança demonstra interesse no trabalho de investigação.

Cheguei a Associação por volta das nove horas e trinta minutos, onde nos reunimos antes de nos deslocarmos para o passeio de moliceiro. No dia anterior, tinha acertado com a Dr<sup>a</sup> Ana Paula da Câmara Municipal de Aveiro, encontrar-me por volta das dez horas junto ao cais dos moliceiros, para esta fazer as correspondências necessárias com responsáveis da empresa turística de passeios na ria, para que esta saída fosse gratuita, uma vez que é inserida num projeto de investigação.

Estavam presentes apenas seis crianças. Reuni-me com as crianças e entreguei um caderno e uma caneta a cada uma, para ser o bloco de notas, e apontaram tudo o que considerarem interessante e relevante.

Dei a conhecer às crianças o local que iramos visitar e para contextualizar a saída, foi lida “a lenda do moliceiro”.

Dirigimo-nos para o centro da cidade, onde faríamos o passeio na ria de Aveiro. Quando chegamos, encontrei a Dr<sup>a</sup> Ana Paula, na qual me transmitiu que a empresa turística não tinha atendido o nosso pedido e não foi possível efetuar a marcação da visita, mas que se responsabilizava pelo custo dos bilhetes das crianças.

Deparamo-nos com outra situação, os barcos não ponderaram iniciar a sua atividade regular, porque foi encontrado um corpo na ria e as autoridades tinham dado indicações de que não podia sair nenhum barco.

Como os percursos turísticos começaram mais tarde, as marcações atrasaram e não conseguiram ter disponibilidade para quem pretendia efetuar a visita sem marcação.

Desta forma, desloquei-me a outra empresa de passeios turísticos na ria, para analisar a possibilidade de realizar a saída. Após ter explicado o meu projeto e pedido a colaboração da empresa, esta apresentou-me a proposta de reduzir o valor dos bilhetes por criança e cobrar o mesmo valor para os adultos acompanhantes. Mostrei interesse na realização do passeio, no entanto, só tinham disponibilidade pelas 11 horas e trinta minutos. Já não era possível efetuar a visita, pois as crianças



frequentam o grupo de dança da associação, que ensaia as 11 horas. Assim sendo, efetuei a marcação para o próximo sábado dia 6 de Outubro de 2012.

Expliquei a todos os elementos o sucedido, assim como aos encarregados de educação, e comunicando que a visita estava marcada para o próximo sábado.

Despedi-me de todos com a sensação de que foi uma sessão mal aproveitada, embora por motivos além das minhas responsabilidades.

### **Nota de campo nº 8 – Passeio de Moliceiro (dia 6 de Outubro)**

O encontro do grupo foi no Rossio junto à ria, por volta das 9 horas e trinta minutos. Depois da receção aos sete participantes e explicar o que iríamos fazer, sugeri que fossem escrevendo nos cadernos tudo aquilo que considerassem importante, que questionassem o guia sempre que surgisse alguma dúvida, e que tirassem fotografias daquilo que despertasse atenção.

Após a introdução da sessão, dirigimo-nos para a responsável da empresa de embarcações da ria, onde tinha feito a marcação.

Entramos no moliceiro, para iniciar a viagem, as crianças demonstravam satisfação e alegria. Foi-nos dada as boas vindas e iniciamos o percurso em direção às salinas. O guia principiou o nome do barco, o moliceiro, que apanhava o moliço, explicando que o moliço eram umas algas que se apanhavam no fundo da ria, que servia para fertilizar os terrenos. Narrou, que antigamente, quando o tempo era ventoso, colocavam um mastro com uma vela, para o barco andar a favor do vento, quando o tempo não permitia utilizavam umas varas compridas para fazer deslocar o barco. Informou que o percurso era feito em águas salgadas, em canais naturais e com o nível de água é praticamente a mesma em todos eles. Referiu a existência das comportas, que faz com que a água se mantenha sempre ao mesmo nível e com as marés muito altas evita que a baixa da cidade, como acontecia à muitos anos atrás.

Após esta introdução, parámos junto das salinas, onde podemos sair do barco e observar mais de perto a zona de extração do sal. Nesta zona o guia fez uma breve explicação sobre o local. Pediu para repararem nos retângulos que separava as salinas e explicou que a água passava de retângulo em retângulo. Referiu que quando a água evapora é que se extrai o sal.

Pediu para reparar para os montes de sal que estavam cobertos por uma rede verde para proteger da chuva, porque se o sal apanha chuva fica negro.



O guia pediu para observarmos a paisagem enquanto foi apanhar uma erva junto à água.

O guia deu a planta, a provar aos participantes, alegando que tinha um trago salgado e que estas ervas eram colocadas em vinagre para ficar idêntico aos pickles. Indicou que a época de apanha do sal este ano já tinha terminado, que por norma a apanha ocorre em Junho e Setembro, dependendo das chuvas. O sal é retirado de três em três dias e o primeiro sal que é retirado chama-se flor do sal.

Explicou também, que por vezes aparecem flamingos na zona das salinas.

Após a paragem nas salinas, continuamos o passeio pelo canal de S. Roque, passando pelo bairro Beira mar, onde vive toda a classe social. Passamos por uma ponte que retrata uma arquitetura portuguesa, conhecida pela ponte dos solteirões. Mais á frente, encontramos uma ponte circular pedonal que dá acesso às duas margens da ria, onde podemos observar o mercado do peixe.

O guia fez referência aos barracões, um pouco degradados, mais conhecidos pelos armazéns do sal, mas atualmente só um se encontra ativo, a aveirense, que recebe e armazena o sal.

Uma das participantes perguntou ao guia “ os barracões foram feitos mais ou menos em que altura?” Este respondeu que teriam aproximadamente cem anos.

A parte de cima dos barracões seria a habitação e a parte de baixo o armazém do sal. Os mercanteiros, outro tipo de barcos, transportavam barro para as cerâmicas.

Passamos pelo museu arte nova, também com a função de salão de chá. Tem a fachada caracterizada pela arte nova e foi construída em 1904, foi mandada fazer por dois arquitetos de Aveiro. Foi-nos pedido atenção para o Mercado Manuel Firmino, considerado o mais antigo de Aveiro, dirigimo-nos para a fonte nova, que foi construída em 1832, onde podemos observar a fábrica campos, onde estão sediados alguns serviços, como alguns departamentos da Câmara Municipal.

Quando chegamos foi pedido a cada participante para comentar a saída, dando a sua opinião sobre a mesma. Passo a citar o parecer de cada elemento.



Opiniões dos participantes

*N - “ Eu gostei de andar de moliceiro, mas gostei mais das salinas e dos montes de sal.”*

*L - “ O que eu gostei mais foi de tirar fotografias e de dar outra vez um passeio de moliceiro, e também gostei porque aprendi coisas que não tinha na outra viagem aprendido.”*

*P – “Gostei. Eu gostei de ver as salinas, aprendi coisas novas que na escola ainda não tinham dito. Passamos pela praça do peixe.”*

*C -“ Gostei muito da visita e aprendi muito.*

*T- “Hoje fomos andar de moliceiro, gostei muito, mas gostei mais de ir às salinas e também aprendi que tem lá umas plantas chamadas salicórnias que se podem usar para fazer salada. Passamos pela ponte de S. João, e ponte principal de Aveiro e outras. Passamos pelo centro de Congressos, pelos barracões que tem aproximadamente cem anos. Nunca tinha feito esta visita, mas gostei muito.”*

*Eu – “Já tinhas andado de moliceiro?”*

*N – “Já.”*

*P – “Já, na visita com a escola.”*

*L- “Sim”*

*Eu- “O que falaram nesta viagem que não te falaram na outra?”*

*L – “Não tinham falado daquela planta, das salinas, a salicórnia. Eu gostei de passar pela ponte, pela rotunda, porque está coberta de flores e, é gira por dentro.”*

*Eu – “O que aprendeste?”*

*C – “Aprendi que as salicórnias são feitas de sal, tem sabor salgado e também podemos juntar com vinagre e faz um bom tempero.”*

*Eu – “Lembraste por onde passamos?”*

*C – “Pelas pontes de Aveiro, pela ponte principal de Aveiro. Também passamos pela avenida e pronto foi bom, porque nunca andei.”*

*J - “Fomos às salinas, passamos nos barracões, fomos até ao Centro de Congressos, passamos por uma fábrica antiga, passamos por muitas pontes.”*



Vocês aconselhavam os vossos amigos a fazer o passeio de Moliceiro?

N – “Sim, ia ser uma experiência boa para eles, quem tivesse ainda a estudar, podia aprender novas coisas. “

L- “Sim, podiam aprender a história e fazer com que as capacidades deles ficassem melhores.”

P – “ Eu dizia a um amigo meu para vir cá Aveiro andar comigo de barco.”

Qual é a vossa opinião sobre a cidade de Aveiro?

N – “ Eu acho que é uma cidade linda e que todas as pessoas deviam visitar, também podiam andar de moliceiro, porque é uma boa experiencia.”

J- “ É uma cidade bonita, e tem prédios bonitos. Tem parques e tem jornais com as notícias do dia-a-dia e os filmes que vão dar”.

L – “ Acho que todas as pessoas deviam andar de moliceiro, porque os senhores, às vezes explicam coisas que as pessoas não sabem.”

T – “ As pessoas deviam passear pela cidade de Aveiro, andar de moliceiro, ir ao Fórum fazer compras e outras coisas, que não me lembro.”

C – “ Deviam vir cá muitas pessoas passear, porque a cidade é muito bonita, um bocadinho limpa, tem muitas feiras, lojas.

Eu - Porque é que achas que a cidade é só um bocadinho limpa?

C – “ Por causa que a maior parte é um bocadinho sujo, há parques um bocadinho sujos.”

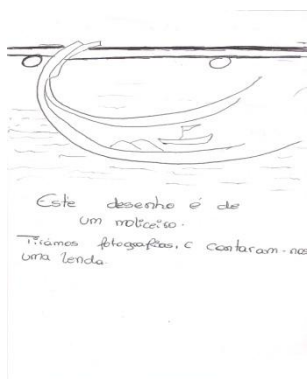




Eu – Falaste que há muitas feiras. Que feiras conheces?

C – Feira do peixe, de carnes, dos vinte oito.

As notas de campo das crianças participantes durante a saída:



Hoje estamos a andar  
de moliceiro.  
Agora estamos a ver as  
salinas.  
Estas plantas chamam-se  
salicornias. Pode-se ver  
na Salada Brã dispersas  
o sal.  
Aqui também aparecem flamingos.  
O primeiro sal é retirado  
por de sal (sal virgem).  
Passamos pela ponte de São João.  
Estamos a passar pela  
ponte dos Rêis.

Ponte de Carcavelos é uma  
ponte feita de escadarias e  
tem um símbolo de Aveiro.  
Salineta Aveirense é o  
único da cidade.  
Estas a passar pelos buracos  
têm aproximadamente de 100 anos.  
Antigamente havia  
passava um.

Aproveitamos e tocamos  
no óguro. Os barcos  
mercanteiros transporta-  
vam o sal e o barro  
de barro.  
A primeira cerâmica foi  
em 1882.




Este banco é típico e conhecido por  
banco multicórnio -  
Vimos pescadores e outros pescadores  
a ponte principal de Aveiro  
Conhecemos dois pontos um chama-se  
Zé e o outro chama-se Zé  
Passamos salicórnia -  
Se juntarmos salicórnia e salicórnia do  
um tempo bom -  
Ela do sal é salicórnia é salicórnia das  
salicórnia e a Zé -  
E também a passar na ponte de  
bancos e a ponte de cascadas em  
cascadas e tem um banco de Aveiro  
(um tempo bom).  
A salicórnia aparece agora  
é o único de Aveiro -  
Então a ver um banco de Aveiro  
que dizem tem mais de 100  
anos.

Hoje vamos andar de  
moliceiro. O moliceiro não  
umos algas. Passamos e  
vimos os moliceiros. Segamos  
em mal e tirar um  
fotografia. E também pegamos  
em o ilicórnio. e provamos  
é salgado e usa-se para  
a salicórnia. O formeiro sal  
que se tira chama-se  
flor-de-sal e é muito  
bom. Passamos pela ponte  
de S. João. Estamos na  
canal de S. Roque. Passamos  
pela ponte dos bolteiros e  
pela ponte de Carcavelos. É  
muito bonito o rio e tem o  
símbolo de Aveiro.  
Esta é a única Aveiro de  
de sal.







### Nota de campo nº 9 – Reconhecimento do parque Municipal de Aveiro (dia 13 de Outubro)

O ponto de encontro de hoje foi na associação Mon na Mon, por volta das nove horas e trinta minutos.


Inicialmente mostrei as fotografias da sessão anterior, e foi criado um diálogo sobre as imagens tiradas pelos participantes.

 C (9 anos)	<p>C. – “Eu tirei esta foto, porque o senhor Zé estava a pegar e a mostrar a salicórnia.”</p> <p>L. - “Nós provamos, é salgado e usa-se para saladas.”</p> <p>N. – “Eu gostei de provar.”</p> <p>P. – “Eu também.”</p> <p>T. – “Eu adorei esta visita”</p>
 L (10 anos)	<p>L. – “É debaixo da rotunda. É o olho de Aveiro.”</p> <p>T. – “Eu gostei de passar lá.”</p> <p>P. – “É junto ao Fórum”</p>
 P (9 anos)	<p>P. – “Nunca tinha passado aqui.”</p> <p>N. – “É o Mélia Ria.”</p> <p>T. – “Fica junto ao Centro de Congressos.”</p> <p>P. – “Eu achei bonito”</p> <p>T. - “No outro lado tinha um campo de futebol e de basquete”</p> <p>J. – “Também dá para passear a pé”</p>



 <p>T (13 anos)</p>	<p>T. – “ Neste sítio tinha sal em pirâmides.”</p> <p>P. – “ É um lugar onde tem sal e eu gostei de ver e mexer no sal.”</p> <p>N. – “ É um lugar calmo.”</p> <p>C. – “ Achei muito bonito.”</p> <p>L. – “ O primeiro sal que é tirado é a flor do sal.”</p>
 <p>C. (9 anos)</p>	<p>C.- “ Eu gostei de passar nas pontes.”</p> <p>T. – “ É a ponte de S. João.”</p> <p>J. – “ Eu gostei desta ponte.”</p> <p>L. – “Também passámos noutras pontes”</p>
 <p>J (10 anos)</p>	<p>N. – “ Nós passámos nesta ponte.”</p> <p>T. – “ Esta ponte é a ponte de Carcavelos”</p>
 <p>N. (12 anos)</p>	<p>N. – “ Foi engraçado por ter um carro em cima de um moliceiro.”</p> <p>A. – “ Tinha um carro no barco.”</p> <p>C. – “ Isto foi a passar nos ovos-moles.”</p> <p>L.- “ É junto ao Rossio.”</p>
 <p>N. (12 anos)</p>	<p>N. – “ Apetecia-me comer no MC Donald’s.”</p> <p>T. – “ Isto é dentro do Fórum.”</p> <p>P. – “ O fórum tem mais lojas.”</p>
 <p>N. (12 Anos)</p>	<p>N. - “ Foi um passeio divertido.”</p> <p>T. – “ Foi quando passamos pelo fórum.”</p> <p>L. – “ O Senhor tava a falar.”</p> <p>C.- “Gostei muito.”</p>
 <p>J. (10 anos)</p>	<p>J. – “ Eu gostei deste barco.”</p> <p>T. – “ Foi junto ao barracão do sal.”</p> <p>L. - “ Tem mais ou menos cem anos.”</p> <p>L- “No outro lado da ria havia pessoas a andar a pé”</p> <p>J- “ Eu achei os barcos e a ria bonitos”</p>



	<p>A. – “É lindo.”</p> <p>N. – “É centro de Congressos.”</p> <p>T. – “Perto do hotel.”</p> <p>J.-“ Tem uma estátua na água”</p>
T. (13 anos)	

Seguidamente partimos em direção ao parque Municipal de Aveiro, mais conhecido pelo parque da macaca, onde os participantes puderam observar aquilo que mais os agradou, tirar fotografias e apresentar sugestões para melhoramento do espaço.

Com esta saída pretendíamos reconhecer o parque municipal como património natural da cidade de Aveiro, por ser rico em algumas árvores que são consideradas arte e história, como um velho cedro, que dizem existir em tempos da santa Princesa, de uma vetusta Araucária, digna de ser “monumento nacional”. Ambicionávamos, também, analisar o que se poderia fazer no local, auscultar a opinião dos mais novos sobre este espaço, descobrir o que as crianças pensam relativamente aos momentos de brincadeiras no jardim e o que o parque poderia ter para atrair mais crianças a usufruir do mesmo.

Todos os participantes referiram que já tinham ido ao parque da macaca, alguns deles mencionaram que já fizeram espetáculos de dança contemporânea e danças africanas.

Eu – Quem é que conhece este parque?

J – “Eu”

C - “Eu”

N – “ Nós conhecemos este parque, porque já fizemos aqui espetáculos várias vezes e já viemos aqui também para fazer piqueniques.”

L – “ Também já ca estive a dançar e costumo vir dar comida aos patos com o meu pai.”

T – “Conheço, também já vim aqui fazer espetáculos de dança contemporânea e africana.”

A – “Conheço.”

Eu – Costumas frequentar?

A – “Às vezes.”








Eu – Que podemos fazer neste espaço?







A – “Pode-se jogar futebol, fazer piqueniques e também podemos ver teatros.”

T – “Dá para fazer ginástica, tem ali um parque para crianças.”

Durante o percurso as crianças investigadoras puderam fotografar o que as despertou, comentando os locais por onde passávamos. Seguem-se alguns retratos tirados pelos participantes.

Imagem	Comentário
 C.(9 anos)	C – “É bom que o parque tenha estes exercícios.” N – “Não estão muito seguros.” A – “Os paus estavam a abanar.” T – “Alguém pode cair.”
 C.(9 anos)	C – “Pode-se fazer ginástica no parque.” P – “Podia ter mais coisas para fazer.” N- “Quando chove não podem ser utilizados porque ficamos molhados, podia ter um telheiro.”
 N.(12 anos)	N – “Deviam melhorar o jardim e ser mais prolongado.” A – “É bonito, mas falta alguma coisa.” P – “Acho bonito este espaço.”
 L.(12 anos)	L – “É bonito, mas a água estava com umas bolinhas verdes.” A – “Gosto das árvores. Eu gosto da natureza.” P – “Podia estar mais limpo.” N – “Eu gosto deste sítio, mas a segurança devia mudar.”
 N.(12 anos)	N- “Acho que deviam fazer limpeza a água, para os patos viverem bem.” P – “Eu gosto que o parque tenha lago dos patos.” A – “Achei que o lago estava muito sujo, tinha latas e plásticos.”



	<p>L- “ Devia ter uma tabuleta a dizer que era proibido por lixo no chão e na água.”</p>
 <p>P.(9 anos)</p>	<p>P – “ É bonita, mas a cerca poderia estar melhor.”</p> <p>A – “ Gosto da casa dos patos para eles se recolherem. Podia-se desenhar uns patos para decorar e por uma cerca à volta da casa.”</p>
 <p>A.(12 anos)</p>	<p>A – “ Tirei esta foto porque as pessoas que estivessem a passear tinham de passar pela água. Devia ter um passeio.”</p> <p>N- A cerca é que devia ser outra.”</p> <p>L – “ A água não devia passar para o caminho.”</p>
 <p>L.(12 nos)</p>	<p>L – “A porta estragada e os mais pequenos podiam ir para lá e cair à água.”</p> <p>P – “ A porta devia estar fechada.”</p> <p>N – “ Os patos também podiam sair.”</p>
 <p>N.(12 anos)</p>	<p>N- “ Tirei a gruta, e os meus colegas estavam a ver, mas a água podia ser mudada e ter peixes.”</p> <p>A – “ Acho que é bonita esta gruta.”</p>
 <p>A.(12 anos)</p>	<p>A – “ Gosto do parque, mas poderia ter mais coisas. Tinha uma parte que se passava de um lado para o outro que não tinha muita proteção.”</p> <p>C – “ Eu gosto de brincar no parque.”</p> <p>P – “ Não era muito seguro.”</p> <p>T – “ O piso já podia ser mudado.”</p>
 <p>L.(12 anos)</p>	<p>L – “ Tirei esta fotografia porque gosto da fonte.”</p> <p>A – “ Acho esta zona linda, mas na fonte punha uma cara para sair água, como tem noutras, mas não sai água.”</p> <p>N – “ Limava as pedras do chão.”</p> <p>P – “ Eu gosto da fonte.”</p>



Durante este percurso foram efetuados algumas chamadas de atenção relativamente a este espaço, nomeadamente, os bancos do jardim que se encontravam estragados, o circuito de manutenção também não se encontrava em boas condições, alguns deles quando as crianças se empoleiravam abanavam, o que não lhes transmitia segurança. Por outro lado também apontaram que alguns dos desenho dos exercícios de manutenção não eram explícitos e que não entendiam como se desenvolvia o exercício.

Na opinião deste grupo poderiam colocar sinais para alertar para a poluição, sinalizando e sensibilizando para não se colocar lixo no chão e na água.

As crianças investigadoras referiram que no parque se poderia fazer ginástica, correr, jogar futebol, jogar à apanhada, dar comer aos patos, fazer piqueniques e brincar no parque infantil. No entanto, consideram que o campo de futebol poderia ser de relva sintética e poderia existir. Ponderaram a existência de um local relvado próprio para fazer piqueniques, mas sem acesso para os animais, para não correr o risco desta conter as necessidades dos cães.

No que diz respeito ao parque infantil, as crianças são da opinião que poderia ser melhorado, ter outros brinquedos e ser maior e cuidar das condições do mesmo. Foi sugerido por T – “O lago podia ter gaivotas” e por L- “Podia ter uma zona para pescar”, que o parque pudesse ser mais dinâmico, tendo barcos ou gaivotas no lago para as pessoas poderem passear. Também foi apontado que uma parte do lago tivesse peixes para poderem pescar. Foi dada também a sugestão da existência de espetáculos com os patos de forma, a que motivasse as crianças e adultos a assistirem. Relativamente às outras áreas do parque como tem muito espaço, poderiam colocar insufláveis para as crianças brincarem e ter um parque de diversões, porque ia atrair muitas crianças, como refere C. “Podia ter insufláveis”.

### Algumas notas de campos elaboradas pelas crianças:

Sábado - 13 de Outubro

- Tiramos fotos à barreira que ficam vandalizadas. (estragadas)
- O que poderiamos melhorar nos espaços físicos e tiramos fotos (também)
- Encontáramos um lago com patos a mergulhar, o que é grande porque pode prejudicar os animais que ficam lá (como os mergulhos).
- No mesmo lago vimos uma casa onde os patos vivem! Tiramos fotos porque os patos poderiam-se assustar (casa destruída).
- Eu tirei uma foto perto de um lago onde não tinha passeio e as pessoas poderiam ficar na água.





P. “Somos nós a passear no parque”.

### **Nota de campo nº 10 – Visita ao Museu da Cidade (dia 20 de Outubro)**

O encontro do grupo foi junto ao museu da cidade pelas catorze horas. Depois de alguns atrasos e preparados para iniciarmos a visita, questionámos quem conhecia o museu e se já tinham ouvido falar:

A: “*Eu não conheço*”

T: “*Eu nunca vim aqui*”

L: “*Eu conhecia isto, mas não sabia que era um Museu. Eu também gostava de ir ao Museu do brinquedo.*”

Os restantes elementos também afirmaram não conhecer o Museu da Cidade.

ao museu da cidade, fomos recebidos por uma senhora que nos acompanhou para uma sala dentro do museu, onde iniciou a atividade.

Fez a sua apresentação e referiu que o Museu da cidade era constituído por vários núcleos museológicos, nomeadamente, pelo Eco Museu, a Marinha da Troncalhada, que é onde se produz o sal e o Museu Arte Nova. Indicou que naquele espaço retratavam a temática da cidade de Aveiro e trabalhavam com exposições das mesmas temáticas. De momento, tinham exposto uma apresentação de fotografia.

Procedemos à atividade de serviço educativo do museu, que consiste numa explicação do processo da apanha do sal, através da maquete da marinha da troncalhada.

A guia do museu começou a atividade questionando os participantes: “Vocês já pegaram/utilizaram o sal? Onde?”

A maioria das crianças respondeu em coro que sim, foram referindo que se utiliza nas comidas, nas saladas para temperar. Referiram também, que já tinham pegado no sal, quando paramos nas salinas, no dia que fizeram o passeio de moliceiro.

Começou a explicar quais os ingredientes necessários para produzir o sal, e são eles, a água salgada, sol e o vento, no entanto, existem alguns pormenores que temos de ter em atenção, como não temos estes ingredientes o ano inteiro só conseguimos produzir sal no Verão, porque precisamos do calor para originar o sal. Na zona de Aveiro utilizamos a água do mar, mas existem outras salinas que a água salgada utilizada não é do mar, utilizam outro processo, é a água que está debaixo do subsolo.

A água do mar chega às salinas através da ria, o que vem uma mistura de água doce com água salgada, mas a que permanece em maior quantidade é a água





salgada. Chega às salinas através da bomba de água, que é como se fosse um poço que tem um canal/ um tubo que comunica com a ria que está sempre aberto. Consoante as marés da ria, a água entra pelo tubo, ou seja, se a maré da ria estiver cheia, a bomba de água vai estar cheia, quando a maré começar a vaziar a água também sai pelo percurso inverso para o lado da ria. Como esse tubo está completamente aberto, também passa algas, peixes, caranguejos e tudo aquilo que conseguir passar, por isso temos de separar para ficar apenas com a água salgada. Para procedermos à separação utilizamos o viveiro, assim as algas e os peixes que passarem pelo tubo ficarão a viver no viveiro. Depois do viveiro a água vai para a parte mais baixa da marina, depois vais circulando pelo espaço chamado de algibés.

Após a água passar no algibés passa para os tanques de evaporação e seguidamente para os tanques cristalizadores.

Pediu atenção para a maquete que se encontrava em cima da mesa e perguntou que diferenças notávamos nos espaços representados.

Os participantes foram respondendo, que algumas zonas estavam separadas em diferentes formas. A guia conclui que os espaços vão ficando com compartimentos cada vez mais pequenos, quer isto dizer, que cada espaço vai levar cada vez menor quantidade de água. Este processo acontece porque a água vem do mar fria e com sal, mas vamos precisar de aumentar a temperatura da água e o nível do sal, por isso é que existe a técnica de quanto menos água estiver no compartimento, mais depressa o sol aquece a água e mais depressa vamos atingir concentração do sal mais alta. À medida que a temperatura da água vai subindo a quantidade de sal vai ser cada vez maior, vai chegar a um ponto que temos muita quantidade de sal, mas pouca quantidade de água. Assim, a água evapora, a água encontra-se num estado líquido e vai ser levada para a atmosfera e vai se transformar em estado gasoso. A água vai desaparecendo pelo processo de evaporação. Quando a água já é pouca e tem uma boa quantidade de sal, consideramos que atinge o ponto de saturação, desta forma, a quantidade de sal é tanta que vai cristalizar. O sal vai aparecer como se fosse um lençol branco nas nossas camas, ou seja, em placa, para nós depois recolhermos o sal. Desta forma, vamos precisar de transformar a placa em cristais, como estes.

A guia mostrou um cesto com sal aos participantes e desafiou-os a provar, explicando que este já não tem cheiro, porque já se encontrava no cesto algum tempo e já não está muito húmido, mas quando sai da marinha tem cheiro.

Nos cristalizadores vai aparecer uma camada branca e uma camada preta, de forma intercalada, como vamos ter que fazer a água circular, temos de ter uma fila que permita abastecer a água.



Com o sol, o vento e a água salgada a natureza encarrega-se de produzir sal, no entanto, como pretendemos produzir em grandes quantidades temos a ajuda da mão do Homem.

A orientadora questionou as crianças sobre o nome do homem que trabalha nas salinas. Uma das participantes mencionou “saleiro”, outras pronunciaram “Salineiro”.

A guia narrou que salineiro em Aveiro tem outro nome, conhecido por marnoto, enquanto as mulheres que trabalhavam nas salinas eram chamadas de salineiras.

Voltando à maquete e com vários utensílios espalhados, vamos apreender como se recolhe o sal. O que utilizamos para recolher o sal é o rapão, mostrando como se utiliza este objeto, pedindo a um elemento pegasse no rapão e experimentasse. Quando se recolhe o sal fazemos pequenos montes, como estavam exemplificados na maquete, seguidamente precisa de o transportar o sal. Utilizam a rodilha para equilibrar a canastra e também para não magoar. Por vezes as salineiras utilizam uma fita amarrada para não deixar cair as canastras. Para realizar essa função utilizam a rodilha e a canastra e transportam à cabeça. Uma vez exemplificada como se coloca a canastra na cabeça, todos os participantes tiveram possibilidade de experimentar colocar a canastra à cabeça e tentar equilibra-la. Algumas crianças foram expondo as suas dificuldades, principalmente, o equilibrar a canastra sem segurar com a mão.

É desta forma que se transporta o sal e se formam os montes grandes de sal que se vem junto à marina.

Antigamente, a salineira usava uma saia comprida, avental, camisa normalmente três quartos, e um lenço à cabeça. Para facilitar o andar nas salinas, como as saias delas eram compridas pegavam numa borda da saia e prendiam.

O marnoto usava um calção largo, chamados manaias, e usavam uma camisa feita de linho.

Como foi referido anteriormente, as salinas produzem sal no verão, no resto do ano fica inativa. De momento já não produzimos sal porque já estamos no Outono, mas quando chegar o Verão, o Marnoto vai alagar as salinas, mas como o espaço é descoberto, a água da chuva também vai ficar presa durante todo o Inverno. Quando chegar a primavera é que ele vai retomar os seus trabalhos. O primeiro trabalho que o marnoto vai ter que fazer é deixar retirar a água da chuva e como essa água esteve parada durante muito tempo começa a criar lodo, portanto, tudo isso é preciso limpar. Também é necessário fazer outra tarefa, cada uma destas divisões é feita com uma terra muito especial, com características muito próprias, pois não deixa a água furar o solo, ou seja, esta terra tem de ser impermeável, que é a argila. A argila que utilizamos



é uma argila escura, por isso é que nesta maquete, estas partes são representadas a preto.

Os marnotos misturam a essa argila um bocadinho de areia, que se dá o nome de torrão. Assim, eles utilizam o torrão para construir cada um dos compartimentos.

Como na fase de Inverno a água da chuva fica muito tempo em contato com a argila, o torrão vai ficar mole, algumas partes vão-se desfazer, por isso quando chega a primavera, o marnoto retira a água, limpa o verdete, ele vai ter de construir novamente as divisões. Após a conclusão destas tarefas, para meados de Junho, é que se deixa entrar a água salgada.

Depois de terminar a visita, despedimo-nos da senhora que nos recebeu, agradecendo por nos ter recebido.

Após a saída conversei um pouco com as crianças sobre as atividades desenvolvidas no Museu, onde lhes foi permitido expressar a sua opinião.

O parecer das crianças sobre esta experiência foi positiva

A- *“Eu gostei muito desta visita, porque aprendi novas coisas sobre a salina de Aveiro e como não provei as salicórnias gostaria de provar.”*

N – *“ Eu gostei desta visita porque foi muito divertido e aprendi novas coisas.” “Aprendemos as salineiras levavam as canastras com o sal à cabeça.”*

L – *“ Eu gostei, além de termos ido no outro dia às salinas, aprendemos outras coisas. Tinham um modelo da salina e os objetos que não sabia como é que eram, e agora sabemos os nomes e para que é que servem”*

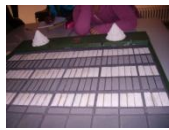





T – *Gostei, porque aprendi que as salinas têm uma bomba de água, que a água salgada entra por lá.”*

C – *“ A visita foi boa, muito boa, e aprendi que os ciclos servem para alisar a argila. É parecido com meu nome”*

J – *“Gostei, mas gostei mais de mexer no sal. Provamos o sal, mas não gostei muito.”*

P – *“ Gostei da visita, aprendi coisas novas e provamos o sal.”*



Fotografias	Comentários
 N.(12 anos)	<p>N – “Esta foto mostra os montes de sal.”</p> <p>T- “É a maquete das salinas”</p> <p>L- “Da salina da troncalhada”</p> <p>C – “ Não conhecia este museu!”</p>
 C.(9 anos)	<p>J- “ O sal no cesto em que é transportado”</p> <p>C- “Podemos tocar no sal e experimentar”</p>
 A.(9 anos)	<p>T – “ Era difícil, mas foi bom experimentar.”</p> <p>J – “ Era a maneira que as salineiras levavam o sal. Punham uma almofada debaixo do cesto para não se magoarem.”</p> <p>A - “ Todos experimenta-mos pôr o cesto à cabeça”</p> <p>N – “ eu gostei que nos deixassem experimentar.”</p>
 C.(8 anos)	<p>T – “ Eram instrumentos para alisar a terra.”</p> <p>C - Experimentamos pegar nos instrumentos”</p>
 T. (13 anos)	<p>L- “ São instrumentos utilizadas na apanha do sal.”</p> <p>T-“ É o rapão.”</p> <p>A – “Eu gostei de experimentar os instrumentos”</p> <p>T – “É o rapão para tirar os restos.”</p> <p>C – “ Eu achei giro os instrumentos em miniatura”</p>
 T.(13 anos)	<p>T – “ Era um projeto das salinas.”</p> <p>J – “ Mostrava como se fazia o sal. No fim puseram a casa do marnoto e no outro lado da maquete também puseram uma casa que servia para guardar o sal. Também poem uma rede verde por cima dos montes de sal para proteger.”</p>
	<p>J – “ Estava a mexer no sal, era grosso e não estava refinado. Provei</p>

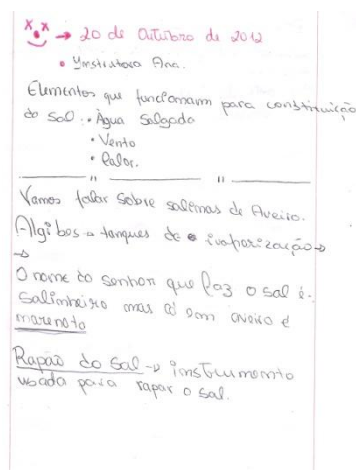
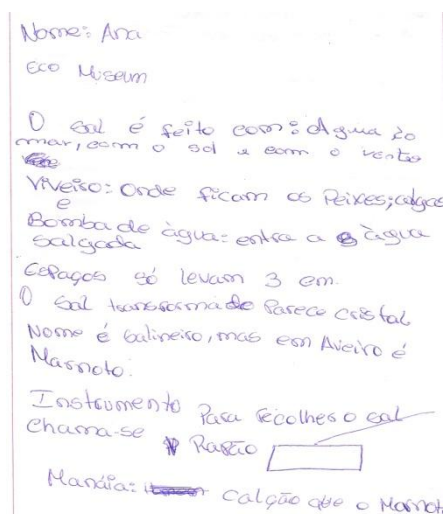
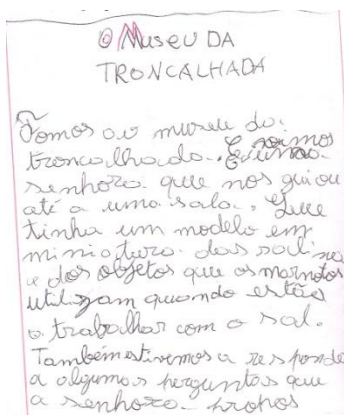
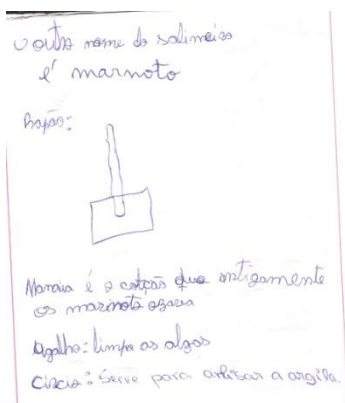


T.(13 anos)

e era muito salgado. Deu-me fome.”

T – “ Não sabia muito bem o sal, mas pareciam diamantes.”

### Algumas das notas de campo das crianças investigadoras:



### Nota de campo nº 11 – Visita à Biblioteca Municipal de Aveiro (dia 24 de Outubro)

No dia 24 de Outubro encontrei-me com as crianças junto à biblioteca Municipal de Aveiro para partimos no reconhecimento deste edifício como património cultural e construído da cidade.

Antes de explorarmos este equipamento escutei o grupo de crianças das suas vivências relativamente à biblioteca. Apenas um elemento nunca tinha entrado na



Biblioteca, o restante grupo já tinha frequentado este espaço com a escola, embora um elemento, também já tivesse utilizado com um familiar, como indica “L: *Eu já vim aqui com uma prima*”. Também conclui que só dois elementos possuem o cartão de utilizador da Biblioteca.

Quando entramos na biblioteca fomos recebidos pela Animadora que nos acompanhou durante a visita e explicou os procedimentos em cada local e as suas regras de utilização.

Foi-nos apresentado o hall de entrada e informado que era um local de passagem, mas também, onde se faziam exposições muito diferentes, de momento estava montada uma exposição de postais ilustrados. Seguidamente, dirigimo-nos à receção onde se requisita e devolve livros, e também se pode pedir informações do que necessitamos, ou até mesmo fazer o cartão de utilizador da biblioteca.

Foi-nos apresentado o auditório, onde se pode projetar filmes, realizar reuniões, apresentar livros, serve para fazer sessões de poesia, serve para fazer diversas atividades, considerada uma sala polivalente.

Podemos observar também uma pequena sala do pessoal trabalhador, equipada com micro-ondas e frigorífico, onde os trabalhadores podem fazer a pausa para almoçar ou lanchar.

Passamos pela sala de audiovisuais, este local serve para ver filmes e ouvir músicas de todos os géneros, também existem alguns livros relacionados com estes temas.

Fomos em direção ao depósito, onde guardam os livros que não são usados, jornais antigos, que são todos arquivados, e livros que pertencem à carrinha itinerante. Uma das crianças referiu que conhecia a carrinha itinerante. Foi-nos informado a sobre a existência de uma sala de formação equipada com computadores.

No primeiro andar, encontra-se a sala infanto-juvenil, de um lado a parte juvenil, do outro a parte infantil, apetrechada com material dedicado a cada idade. Foi-nos explicado que cada livro continha uma cota para ser mais fácil a arrumação de cada livro. Desta forma, o livro não estava perdido e é mais fácil e procurar e encontrar. Assim sendo, pede-se aos utilizadores que não arrumem os livros para que os funcionários o coloquem no sítio certo, consoante a sua cota. Fomos também ao cantinho mágico das histórias, onde a animadora dinamiza a hora do conto para as escolas que visitam a Biblioteca. De momento, neste espaço são contadas três histórias, “A princesa do pior”, “A guerra dos mundos”, e o “Senhor Libertador”.

O segundo andar é o lugar dedicado aos adultos, onde podem encontrar livros de variadíssimos assuntos, tem uma parte dedicada às revistas, e outra dedicada aos



jornais. Contem também dicionários, enciclopédias, entre outros. Chamou-nos a atenção para alguns livros que tem uma bola vermelha na capa, que significa que estes exemplares só podem ser consultados na biblioteca e não podem ser requisitados para levar para casa.

Subimos ao terceiro andar, que é apenas para os trabalhadores da biblioteca, tem o gabinete da bibliotecária, a sala de trabalho da animadora, a sala dos técnicos da biblioteca, onde fazem todo o trabalho para os livros poderem estar nas estantes para serem consultados pelos utilizadores, e uma sala de arquivo onde trabalham duas pessoas que ajudam os utilizadores a consultar livros que são muito antigos, e é necessário ter muito cuidado com eles. Esta secção tem livros e revistas que pertencem a Aveiro e ao concelho de Aveiro, e alguns livros de escritores da nossa região.

Existe também, outra sala que apenas uma funcionária lá pode entrar, porque tem documentos importantes e muito antigos, as pessoas não podem manusear esses livros, porque algumas das folhas estão muito gastos.

Quando terminou a visita a animadora, convidou as crianças a frequentarem a biblioteca, reforçando o horário da mesma.

As crianças puderam conversar e dialogar sobre este espaço, concluindo que, quem conhecia a biblioteca tinha apenas estado no hall de entrada e na parte infantil e juvenil, e o cantinho dos contos já esta mudada, não tinham percorrido os outros espaços. Neste sentido, consideram que a biblioteca tem boas condições, embora algumas salas do terceiro andar necessitassem de melhorias, e tem materiais para todas as idades, mas que era bom ter mais atividades na parte infanto-juvenil para os pais levarem lá os seus filhos.

O elemento que não conhecia a biblioteca referiu que gostou de conhecer este espaço, porque só conhecia a biblioteca da escola, e o que mais chamou a atenção foi o cantinho da hora do conto, porque estava decorado e parecia divertido.

Durante a visita um elemento referiu que o que mais a chamou atenção foram os livros, porque gosta de ler, no entanto, só costuma ir à biblioteca da escola requisitar livros, outro elemento gostou de conhecer o gabinete da animadora, porque é lá que são preparadas as histórias para a hora do conto.

Todos participantes aconselhavam os amigos a virem à biblioteca porque tem coisas muito interessantes, podem ver livros da idade deles, jogar e se vierem com a escola podem ver teatros que a animadora faz, conforme N. *“A biblioteca tem muitas coisas interessantes, podemos ler livros para nossa idade e podemos jogar”*, A. completa *“Se viermos com a escola a senhora conta uma história e faz teatros”*.



Consideram a biblioteca, um ponto importante da cidade, porque faz com que as crianças frequentem e comecem a gostar de ler, como refere L. *“A Biblioteca é Importante, porque faz com que os meninos gostem de ler”*

Com o decorrer da conversa com as crianças levantei a questão relativamente à cidade de Aveiro, se consideravam Aveiro uma cidade Amiga das crianças.

As crianças foram dando as suas opiniões, onde todas as crianças concordaram que a cidade era amiga das crianças, mas na opinião de alguma poderia ser mais.

J- *“Aveiro é uma CAC porque tem sítios onde podem brincar, estudar, fazer atividades”*

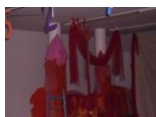

L- *“Acho que podia ser mais amiga das crianças, porque às vezes há perigos e devem arranjar, como os buracos, as redes”*

P- *“É porque tem alguns sítios para as crianças irem, mas podia ter mais. Mas há outros sítios que não podem como as discotecas.”*

A- *“Sim, mas podia ser mais há poucos sítios onde as crianças se possam divertir. E os pais trabalham muito e tem pouco tempo para os filhos. Podiam ter um ATL para ajudar nos TPC.”*



N- *“Nem tanto, porque na escola aprendemos que não devíamos poluir e depois fora vimos muita poluição.”*

Com este diálogo escutamos as crianças sobre a cidade onde moram e a perspectiva que tem da mesma.

Fotografia	Comentários
 A.(13 anos)	<p>A – <i>“Esta é parte de contar histórias, estava muito bonito.”</i></p> <p>T – <i>“Gostei da parte dos pequeninos e de certeza que as crianças mais novas também gostam.”</i></p> <p>L- <i>“Todas as crianças devem gostar deste espaço.”</i></p> <p>J – <i>“É na parte infantil, onde fazem teatro e contam histórias às crianças.”</i></p>
 N.(12 anos)	<p>N – <i>“É parte infanto-juvenil, é onde as pessoas podem vir cá não só estudar, mas também divertirem-se.”</i> <i>“Parece divertido.”</i></p> <p>L- <i>“É adequado para as crianças e tem computadores.”</i></p> <p>T- <i>“É para jovens também.”</i></p>
	<p>L - <i>“Era a exposição de postais que estava no hall de entrada.”</i></p>





 L.(10 anos)	N – “Eram postais que estavam no início da biblioteca.”
 J.(10 anos)	J – “É a entrada da biblioteca de Aveiro, onde fizemos uma visita.” L - “É um edifício grande.” N- “Chama a atenção porque logo à entrada tem exposição de postais.”

Um desenho que uma criança A. decidiu elaborar sobre a biblioteca.



### Nota de campo nº 12 – Visita à Oficina do doce (dia 27 de Outubro)

No dia 27 de Outubro estava planeado a visita à oficina do doce, com o objetivo de identificarmos o património cultural e gastronómico da região.

O encontro foi pelas dez horas junto da galeria onde está instalada a oficina do doce.

Quando já se encontrava o grupo completo, fomos recebidos na oficina, onde a funcionária explicou o que se iria fazer, mas inicialmente tentou perceber se os participantes já conheciam os famosos ovos-moles de Aveiro e se já tinham provado.

Todos os participantes conheciam os ovos-moles, e a sua maioria já tinha provado.



Os participantes revelaram quem conhecia este local:

A: *“ Eu já conhecia, mas não este, fui com a escola”*

T: *“ Eu também já conheço”*

J: *“ eu não nem nunca provei”*

C: *“ também não conhecia”*

L: *“ Eu já provei e já tinha feito uma visita à cozinha”*

N: *“ Eu conheço os ovos moles, mas não a oficina do doce”*

P: *“ Eu também não”*

Começamos por assistir a um pequeno filme com o objetivo de aprendermos as histórias dos ovos-moles, porque estes doces estão em Aveiro à mais de quinhentos anos.

O filme mostra a fábrica dos ovos-moles a trabalhar, uma vez que a partir de 2010, foi proibida a visita à cozinha por questões de segurança e higiene alimentar.

O filme, também nos relata a origem deste doce e a sua história, assim como também faz referência a outros doces conventuais. Os participantes tiveram conhecimento que estes doces foram produzidos pelas freiras no antigo convento, atual museu de Santa Joana.

Quando terminou o pequeno vídeo, a senhora dialogou com os participantes sobre as imagens e realçou que as freiras utilizavam as claras dos ovos como goma, para colocarem nos chapéus que usavam no seu dia-a-dia para estes ficarem rijos e com a forma que pretendiam. Desta forma sobrava a gema do ovo, que muitas vezes acabava por se estragar. Até que chegou ao convento uma doação de muita quantidade de açúcar da madeira. As freiras aprenderam que se misturassem a gema do ovo com o açúcar não estragavam com tanta facilidade, porque o açúcar é um dos melhores conservantes naturais, e para além disso, ficavam com um creme que era muito nutritivo e utilizavam como medicamento a quem se encontrava acamado e se sentia um pouco mais fraquinho. Como a mistura da gema e do açúcar era considerada um medicamento, tiveram de lhe dar uma película, que é conhecida por hóstia, a parte de fora dos ovos-moles.

Puderam ainda observar a exposição de alguns objetos utilizados na confeção dos ovos-moles, como por exemplo as formas que são utilizadas para fazer as hóstias dos ovos-moles. As hóstias são feitas por duas empresas para fornecer a todos os produtores dos ovos-moles.

Após as explicações, passamos ao segundo dia de produção da fábrica dos ovos-moles, que consiste em encher as formas dos ovos-moles e cortar as mesmas.

Foram indicadas as regras de funcionamento da sala, nomeadamente, as de higiene, as mãos não podem tocar na mesa, uma vez que se encontram sem luvas.



Foi iniciado o processo demonstrativo da confeção dos ovos-moles, começando por explicar que este doce demora três dias a ser confeccionado, o creme que se coloca dentro das hóstias tem de estar em repouso para ficar uma consistência mais dura e amadurecer a cor dos ovos. Como as hóstias já estão feitas, e são feitas com farinha e água. Atualmente existem 22 formas que estão protegidas pela certificação dos ovos-moles, assim, estas formas só podem ser utilizadas em Aveiro e pelos produtores autorizados. Para confeccionarmos os ovos-moles necessitamos de gemas, açúcar e água.

O segredo na confeção dos ovos-moles está nas temperaturas, assim sendo, o cozinheiro utiliza um termómetro de cozinha para medir a temperatura da calda d água com açúcar. O primeiro passo é a junção da água com açúcar e deixar cozer até entrar em ponto espadana, isto é quando chega a 117º, pegamos na calda e juntamos à gema, deve colocar sempre em fio e sempre a mexer e depois vai coser em lume brando sempre a mexer. Retiramos do lume e fica a repousar um dia. Existem duas maneiras de o fazer, verter o creme para uma pedra de mármore, porque o mármore vai deixar o creme arrefecer sem ganhar gomas, assim vai ficar cremoso, ou também podemos ficar a mexer durante algum tempo para arrefecer um bom bocado.

Uma vez que a receita está apresentada, seguiremos para o segundo dia de confeção destes doces. A primeira tarefa é molhar a hóstia, porque vai ajudar a colar as nossas formas. Seguidamente, vamos encher as formas com o creme com a ajuda de um saco descartável, colamos as formas, separam-se todas elas e recortam-se pelas figuras.

Após a explicação todos os elementos foram lavar as mãos e colocaram luvas para poder fazer o processo da confeção dos ovos-moles no segundo dia.

Todos os participantes puderam experimentar cada tarefa, com a ajuda da guia. Durante este processo todos os participantes revelaram motivação e empenho.

Quando todos acabaram de fazer as tarefas propostas foi-nos referido que os ovos-moles têm uma validade de quinze dias, que se começa a contar a partir do dia de confeção do creme, portanto, para o cliente consumir são só doze dias, umas vez que estes demoram três dias para estarem à venda. Deve-se guardar os ovos-moles sempre à temperatura ambiente. Embora os ovos-moles devam estar um dia em repouso após o enchimento, os participantes puderam provar os ovos-moles que estiveram a fazer, mas comendo com algum cuidado, para estes não abrirem e partirem.

Todas as crianças gostaram de provar os ovos-moles, principalmente quem nunca tinha provado.



Algumas delas, pediram à guia se podia dar a receita com as quantidades para apontarem no bloco de notas.

Assim sendo, foi indicado: 1kl de açúcar

1kl de gemas

1,5 kl de água

Realizada a visita despedimo-nos, agradecendo a pela atenção e pela oferta dos saquinhos dos ovos-moles, ofereceram um saquinho com dois ovos-moles a cada participante.

Após a saída da oficina estivemos a conversar sobre esta ação, em que cada participante teve oportunidade de expressar a sua opinião. A opinião geral foi positiva, seguem-se alguns pareceres:

*T. “Gostamos muito de aprender como fazer os ovos-moles”;*

*N. “ Foi muito divertido”;*

*A. “ Descobrimos onde começaram a ser feitos os ovos-moles, no Convento das freiras” “*

*P. Aprendi que antigamente, quando os comboios paravam havia sempre uma senhora que vendiam ovos-moles e água fresca”;* “

*Foi estranho descobrir que as claras se usavam para passar a ferro”;*

*J. “ Temos de juntar gema, açúcar e água a 180ºgraus e depois metemos em cima de uma pedra de mármore”;*

*P. “Gostei muito de provar e de fazer”;* “

*C. Eu gostei mais do creme”;*

*J. “ Foi a primeira vez que provei os ovos-moles, não sabia que a parte de fora se chamava hóstia”;*

*C. “ Os ovos-moles sabem um bocado a açúcar e a ovo”.*

Com esta saída de campo atingiu-se o objetivo, apercebendo-me que este grupo de crianças identifica a cultura da cidade de Aveiro.

Durante a conversa final e como seria a última saída de campo coloquei uma questão às crianças: *O que consideram que devia mudar na cidade de Aveiro?*

Depois de alguns minutos começaram a responder.

*J. “Alguns prédios que estão quase a demolir. As casas velhas porque é difícil arranjar dinheiro para as sustentar. Podiam construir um skate parque que desse para bicicleta, patins e trotinetes.”*

*T. “ As estradas porque estão cheias de buracos. Alguns prédios antigos porque estão rachados e é perigoso para as pessoas que vivem lá.”*







C. “Os edifícios velhos porque se existir um sismo tinha menos probabilidade de cair. Deviam mudar o gradeamento da linha do comboio. A automotora é muito perigoso porque já morreu uma senhora.”

T. “ O campo de futebol do parque da macaca, o chão e cimento e podia ser relva sintética”.






N. “ Podiam construir novos prédios, lojas nas partes desertas.”

J. “ A comida da escola”.

P. “ O parque infantil no meu bairro”.

Fotografia	Comentários
 J. (10 anos)	<p>J – “ Eram instrumentos antigos, onde faziam ovos-moles no convento”.</p> <p>L- “ Foi depois de vermos o filme.”</p> <p>N- “ No museu de Jesus.”</p> <p>C – “ Agora é o museu de Santa Joana.”</p> <p>T- “Tinha exposto algumas formas”</p> <p>P – “ Eu gostei de poder ir à oficina do doce.”</p>
 T. (13 anos)	<p>T- “ Quando estava tudo preparado para a senhora começar a explicar”.</p> <p>L- “ A senhora ia dizer como depois nós tínhamos de fazer para rechear as formas.”</p>
 C. (9 anos)	<p>L- “ Quando a hóstia já tem gema.”</p> <p>N- “ Dentro de um saco, que estava furado a parte de baixo e apertávamos o saco para sair o molho para as formas”.</p> <p>C- “ Metia-se um bocadinho em cada forma”.</p> <p>T- “ Não podíamos exagerar se não saia fora”.</p>
 T. (13 anos)	<p>T- “ Tirei esta foto porque a senhora estava a ensinar a molhar a hóstia.”</p> <p>J- “ é a fase de molhar a hóstia para depois meter a gema.”</p> <p>L- “ Tivemos de pôr luvas para não passar micróbios.”</p> <p>P- “ Eu gostei de fazer tudo”.</p>



 L.(10 anos)	<p>L- “Esta foto mostra quando os ovos-moles estão mais ou menos prontos.”</p> <p>J- “Depois de unir os ovos-moles, separam-se e recortam-se. Falta recortar melhor.”</p>
 N.(12 anos)	<p>N- “Tirei esta foto porque todos tiramos à parte que gostamos mais e eu gostei de pôr o creme.”</p> <p>C- “Eu gostei de colar as formas.”</p> <p>J- “Antes disto, a hóstia tinha de se molhar primeiro para depois rechear.”</p>
 P.(9 anos)	<p>L- “Esta foto foi antes de recortarmos.”</p> <p>N- “é depois de juntarmos as formas”.</p> <p>T – “Para mostrar como saem das formas”.</p> <p>P- “Ei tirei esta foto, gostei de ver que saiam assim das formas”</p>
 A. (12 anos)	<p>L- “Estou a recortar os ovos-moles”.</p> <p>T- “Esta foto quando já tínhamos acabado de rechear as formas, e era para recortar.”</p> <p>J- “Era para mostrar como se corta os ovos-moles, porque não se pode cortar muito junto.”</p>
 L. (10 anos)	<p>J- “Quando acabámos de fazer os ovos-moles, provámos. Gostei da parte de fora, a hóstia.”</p> <p>T- “Eu gostei mais da gema”.</p> <p>C- “Só gostei do doce de dentro”.</p> <p>L- “Eu acho que são bons”.</p>

Algumas das notas de campo das crianças:



=> Próxima paragem =>  
Fabrica do doce de azeite.  
gostei muito desta receita porque  
sempre gostei de fazer doces com  
a minha mãe e já tinha  
feito ovos moles mas gostei  
mais desta vez.  
Ingredientes:  
1kg de gemas } Gemas  
1kg de Açúcar } ovos moles  
1,5 l de água }  
E gostei muito do sabor  
eudi foram feitos os ovos  
moles e porque. " " "  
• Os primeiros ovos moles foram  
criados em azeite no convento.  
As famílias usavam as claras para  
passar a fôrca os seus chapéus e  
adornava a grama antiga para não  
enfiarem a fôrca na pasta de dentes.

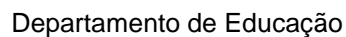
Como fazer ovos  
moles?  
Receita  
1kg de gemas  
1kg de Açúcar  
e 1,5 l de Água  
Hoje dia 22 de outubro  
fomos à oficina do doce  
e nos umos um bolo  
que nos ficou este bolo  
bolo que tinha um  
televisão e nesse  
televisão vimos um vídeo  
de meninos a fazerem  
os ovos moles e outros doces  
Também vimos um  
menino a dizer:  
"Quem quer ovos moles  
a água fresca, quem quer  
ovos moles?"

Foi muito divertido  
porque além disso  
também ajudamos a fazer  
os ovos moles por mim  
fui fixe. Ho! Nós  
também ajudamos a  
comer e ainda levamos  
dois ovos moles para  
casa. ~~se~~!!!  
Adorei ovos moles!!!  
E adorei ir a oficina de  
ovos moles foi muito  
muito divertido.

O que eu gostei  
#I mais foi o  
instrumentos todo. fazer  
ovos moles  
Biblioteca Municipal de Aveiro  
Medeiros

Como fazer ovos  
moles? RECEITA  
1kg de gemas  
1kg de Açúcar  
1,5 l de Água  
ADOREI  
DE COMER  
R O VOS  
Moles

Freguesia de Eixo  
Gosto:  
- Lugar dos abetos, porque  
temático dos sentimentos, consti-  
tuído por 8 cores cheias de  
fantasia e afetividade criada pela  
escritora Górgia Gonçalves.  
- Parque da balda, parque de  
mexendas, espaço de lazer e  
convívio - Tem muitas cores  
(sombra e espaço piquenique)  
junto ao rio  
- Campo de milho, caminho terra  
batida (Caminhadas, amigos de  
laúdela)  
O que gostei de mudar  
em Eixo?  
Eu não gostei muito  
em Eixo.

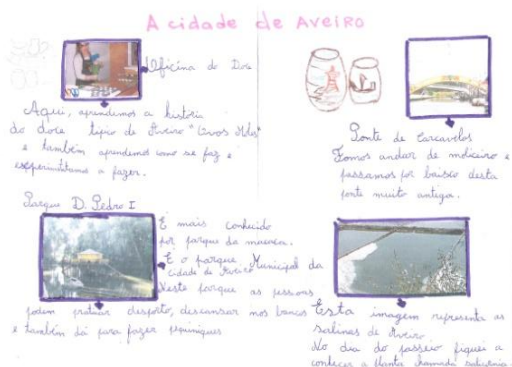


125

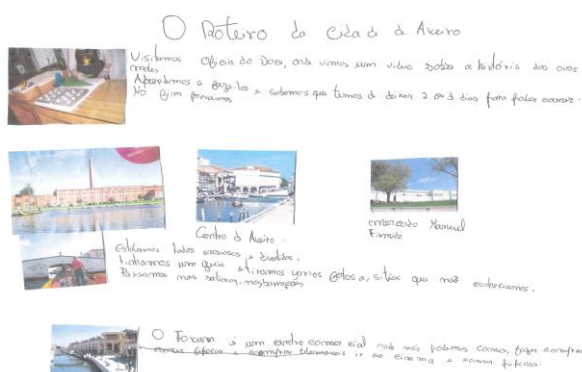




Seguidamente exponho os roteiros das crianças:

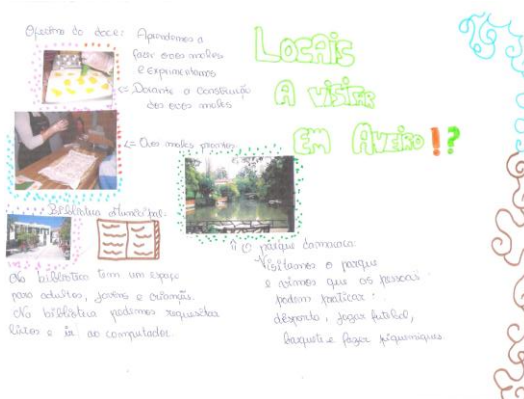


P. “ Eu escolhi a oficina do doce porque aprendemos coisas novas e ensinaram-nos a fazer ovos-moles e podemos provar. As salinas porque vimos o sal e as salicórnias e provámos. O parque porque se pode fazer piqueniques e vimos peixes e a casa dos patos. Escolhi a imagem da ponte porque quando andamos de moliceiro passamos por esta ponte que é muito antiga.”



N- “ Eu escolhi estas imagens no roteiro porque podemos facilmente ir visitar estes lugares porque são perto de nós. São sítios fantásticos onde podemos ver e aprender novas coisas.”

A.“ Eu escolhi a oficina do doce porque gostei muito de ir lá e porque provámos. Foi bom aprender para que servia a pasta do ovo-mole. Também escolhi a biblioteca Municipal porque tinha uns postais muito interessantes e tem a parte infantil. Depois o parque municipal porque gosto de animais. De coisas verdes e pode-se correr à vontade.”

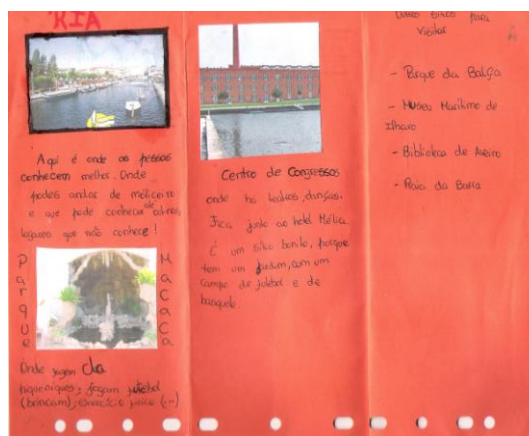
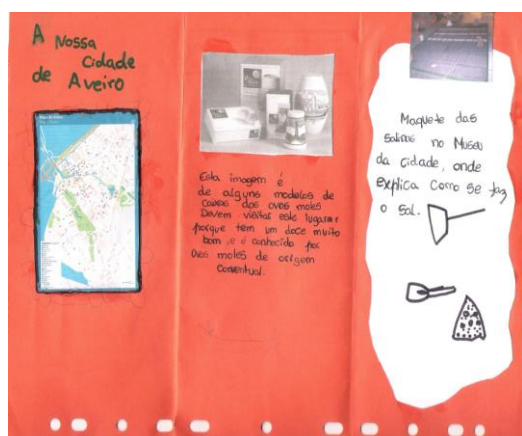




L. " Pus estes sítios porque gostei de ir visitá-los, e também gostei das fotos. Quando fomos à biblioteca gostei de ver o espaço juvenil. Nas salinas gostei de conhecer as salicornias. No moliceiro passamos por muitos sítios e os ovos-moles acho que as crianças iam gostar de provar."



J- " Escolhi a oficina doce porque qualquer criança deve conhecer a lenda dos ovos-moles. A biblioteca porque qualquer criança tem direito a ler. A ria de Aveiro porque é a ria de Aveiro e para saberem a lenda do moliceiro. O Museu da cidade porque tem uma maquete das salinas e aprendemos como aparece o sal. Escolhi o mapa para demonstrar Aveiro."





T- “ Eu escolhi estas imagens porque na ria passeamos por muitos locais de Aveiro, as salinas, onde gostei muito de estar quando andamos de moliceiro, escolhi a imagem dos ovos-moles porque gostei muito de ir fazer os ovos-moles e prová-los. Acho que deviam fazer esta visita porque é muito bom. O Museu porque se aprende como se faz o sal, que é origem de cá. O Parque da macaca é bonito, podem brincar e ver o lago com patos e o Centro de Congressos, eu gostei de lá ir, as crianças devem ir lá porque perto tem um jardim com campos. O Parque da balsa é em eixo, é um espaço de natureza com um campo, um palco e um café. Pode-se fazer piqueniques e tem muitas árvores. A Biblioteca porque podem ler, fazer atividades, ver filmes e ouvir músicas. O Museu Marítimo de Ílhavo aprende-se mais coisas sobre o sal, barcos, peixes e especialmente o bacalhau. A praia da barra porque podem nadar, brincar na areia e apanhar sol.”

#### **Nota de campo nº 14 – Visionamento do material produzido nas sessões anteriores**

Uma das formas encontradas para devolver as crianças os produtos realizados foi a ideia de apresentar às crianças um conjunto de slides com os vários momentos fotografados de todo o processo, no qual as crianças podem visualizar as ações desenvolvidas. De seguida, promover momentos de escuta das crianças através de entrevistas realizadas a duas crianças ou a uma criança de cada vez, para que tenham oportunidade de falar sobre os momentos vividos durante o projeto.

Para este encontro, a realizar junto das suas casas, preparamos um contexto mais estruturado e semi-diretivo, pois as questões colocadas eram sugeridas pelo powerpoint construído por mim, contendo fotografias, ordenadas cronologicamente, das atividades. As fotografias incluíam imagens de cada uma das ações desenvolvidas pelo grupo. Foi fácil gerar os contextos de interação positiva a partir da proposta de realização da entrevista.

No início das entrevistas, perguntei se consentiam a gravação áudio da entrevista, depois de as esclarecer sobre o propósito da gravação. Todas deram o seu consentimento. As crianças pareciam verdadeiramente disponíveis e motivadas para participar, na sua qualidade de sujeito individual de ator social participante no processo.



A A. iniciou por dizer que “ A Vera convidou-nos a participar no projeto e entregou-nos uma carta para dizer que queríamos participar e outra para os nossos pais darem autorização”. Quando os slides iniciaram a T. referiu “ no primeiro encontro onde falamos sobre locais de Aveiro, a A. adicionou “ Escolhemos uma imagem e falamos sobre ela, onde era e o que podíamos fazer lá”; a P. acrescentou “ Cada um de nós escolheu uma imagem diferente”.

A A. continuou “ Depois fizemos várias visitas e tiramos fotografias e a Vera também ia pedindo para fazermos algumas coisas como descrever o bairro onde morávamos e fazer o desenho da visita que gostamos mais”.

Conforme as fotografias iam passando as crianças iam fazendo alguns comentários:

L. “ Entramos no barco e fomos passear, paramos nas salinas e mostraram-nos o sal e a salicórnia e mexemos e provámos. Passamos por várias pontes e ao pé do fórum.”

P. “ Foi quando andamos de moliceiro, e quando provámos a salicórnia.”

L. “ Não conhecia a marina da troncalhada, gostei de ir lá.”

J. “ Foi quando fomos às salinas de Aveiro e vimos sal e a planta salicórnia que não conhecíamos, passamos pelas pontes, pela praça do peixe e fomos até centro de Congressos. Os moliceiros podiam estar mais arranjados por dentro.”

N. “Quando fomos fazer a visita foi divertido porque estávamos todos ansiosos e porque a maioria não tinha andado de moliceiro e ao longo do caminho tivemos um senhor que nos ia explicar as coisas e também apontámos as coisas mais importantes. Tirámos várias fotografias e explicamos porque tirámos as fotografias quando andamos de moliceiro. No fim da visita sentámo-nos a conversar com a Vera que esteve a gravar sobre a visita, o que gostámos, sobre o moliceiro.

A. “ Adorei esta saída, tinha muitas coisas estragadas, mas o parque é muito bonito. O lago estava poluído.”

T. “No parque da macaca falámos dos espaços onde podíamos brincar, também tem um estaleiro teatral. Eu gostei e senti que foi divertido”.

C. “ Neste parque tem um lago com a casa dos patos e passamos na ponte de madeira”.

J. “ Eu gostei de ir ao parque porque gosto das formas da natureza e vi que há musgo nas pedras.”



P. “ Os exercícios de madeira no parque abanavam. Tinha água do lago nos passeios”.

L. “Experimentamos os exercícios de ginástica e os paus abanavam, tiramos fotos e uma em grupo, vimos a gruta com peixes. Eu tentei fechar a porta dos patos, mas estava estragada.”

L. “ Não sabia que os bancos do parque da macaca estavam tao estragados.”

N. “Na visita do Parque Municipal observámos que era espaçoso e que deveriam remodelar alguns sítios que estão velhos ou estragados. Tiramos fotografias aos sítios que estavam em pior estado e depois tivemos uma pequena conversa com a Vera em que ela esteve a gravar.”

J. “Foi quando fomos ao Museu da cidade, que foi representada senhora Ana, tinha uma maquete das salinas a mostrar o sal fino e o sal grosso”.

L. “ No Museu experimentámos usar os objetos em miniatura que os salineiros usam e tentamos usar o cesto à cabeça”.

A. “Fomos ao Museu da cidade e explicaram-nos as ferramentas em miniatura que usam”.

P. “ Vimos a imagem das salinas em miniatura, tocamos no sal, pegamos no cesto com sal e pusemos à cabeça”.

N. “No Museu da Cidade aprendemos algumas coisas que não sabíamos e também tivemos uma guia que explicou as funções das salinas e os instrumentos que eram utilizados. Tiramos várias fotografias e falámos sobre elas.”

L. “ Foi quando fomos à biblioteca e na entrada tinha postais. Fomos à parte da juventude da biblioteca.”

T. “ A biblioteca tinha muitas divisões, tem um espaço para jovens e crianças. A parte das crianças tinha uma parte de teatro.”

A. “ Adorei os posters, postais da biblioteca. Gostei do lugar das histórias. Já lá tinha ido uma vez no 1º ano com a escola.”

P. “ Eu gostei da parte das crianças mais pequeninas porque podiam mexer nos livros e não arrumar.”

N. “Na Biblioteca Municipal foi giro porque podemos fazer várias coisas e não só estudar. Tivemos uma guia e observámos os sítios que poderiam mudar, visitámo-la toda e tiramos fotografias aos sítios que gostámos mais.”

J. “ Fomos à oficina do doce onde vimos um filme sobre os ovos-moles, aprendemos a fazer e provámos. Eu nunca tinha provado.”

T. “ Senti-me feliz na oficina do doce.”

L. “ Na oficina do doce vimos um filme, a senhora ensinou-nos a fazer os ovos-moles e provámos e comemo-los.”



C. “ Enquanto passeava por Aveiro sentia-me feliz por conhecer novas coisas, os moliceiros, as salinas, a oficina do doce”.

P. “ Fomos à oficina do doce e aprendemos a fazer os ovos-moles e vimos um filme. Aprendemos os ingredientes.”

N. “Na oficina do doce foi uma coisa que nos queríamos à muito tempo. No início vimos um filme a explicar a existência dos ovos-moles. Aprendemos a fazê-los, tivemos uma pequena conversa. Toda a gente gostou e tomámos nota da receita. Por fim provamos.”

J. Senti-me muito feliz por ir a muitos sítios, por ter andado de moliceiro e termos feito uma grande atividade na oficina do doce. De ter visto toda a biblioteca de Aveiro e não só o espaço infantil. Gostei de passear no parque da macaca e ver o que gostava e não gostava”.

T. “ Senti-me bem a fazer as visitas, eu gostei, fiquei contente por poder andar de moliceiro”.

L. “ Senti-me bem, por poder passear ao ar livre”.

A. “Senti-me muito bem, fiquei feliz por ir à oficina do doce. A minha mãe falava muito, mas nunca me levou lá. Senti-me bem por ir ver as salinas em miniatura e as ferramentas de trabalho.”

P. “ Quando saímos todos senti-me bem, gostei de andar de moliceiro e senti-me muito bem.”

N. “ Senti-me confortável, divertida e ansiosa porque queria saber o que íamos fazer, ver e aprender.”

T. “ A cidade de Aveiro parece pequena, mas é grande. Se passearmos pela cidade vimos que tem muita coisa.”

J. “Acho que correu bem. Tem espaços que gostámos de conhecer. Temos uma estação de comboios pequena.”

C. “ No parque da macaca não gostei da rede dos patos, e da casa dos patos. Podiam melhorar. Eu não gostei da parte de fora dos ovos moles, porque tinha um sabor esquisito.”

J. “ Não gostei de ver a poluição que existe na ria, dos papeis que as pessoas poem à água. A água parece suja. Não gostei no Museu de ver que a casa do salineiro é de um lado e a casa de guardar o sal é do outro. No jardim não gostei de ver a rede do campo estragada nem os bancos para nos sentarmos.”

T. “ Fomos bem recebidos nos locais que visitamos, porque nos explicaram bem, porque nos trataram bem. Acho que gostaram de nós.”

J. “ todos se apresentaram e disseram o nome, deixaram-nos à vontade e experimentar as coisas.”



A. “ Fomos bem recebidos, gostei da guia da oficina do doce, era muito simpática.”

L. “ Fomos bem recebidos, todos nos trataram bem e foram simpáticos connosco. Falavam calmamente e tem preocupação connosco.”

N. “ Fomos bem recebidos por toda a gente, por isso gostei, mas senti um pouco de medo quando andamos de moliceiro.”

P. “ O senhor do moliceiro recebeu-nos bem e disseram-nos muitas coisas novas. Mostraram-nos as salicórnias.”

C. “ Gosto de viver em Aveiro porque é uma cidade grande e linda.”

J. “ Eu também gosto porque tem sítios que gosto de ir, onde posso estudar onde posso brincar e onde podemos comer.”

T. “ Gosto de viver na cidade de Aveiro porque é bonita, porque no meu dia-a-dia posso visitar alguns sítios que são perto uns dos outros.”

L. “ Gosto de viver cá, porque tenho aqui os meus amigos, familiares, gosto da minha casa e sinto-me confortável em Aveiro.”

A. “Adoro, mas gostava de viver no Porto. A cidade que vim viver quando vim para Portugal foi Coimbra, mas meus pais vieram trabalhar para Aveiro e gosto mais de Aveiro que Coimbra.”

N. “ Eu gosto de viver aqui, nasci aqui”.

P. “ Eu gosto porque tenho cá a minha família e os meus amigos.”

C. “ Eu gostava que a cidade tivesse um parque aquático para virem mais pessoas de fora. Que os Parques tivessem mais luz e estivessem mais arranjados, e mais postes em algumas ruas.”

J. “ A Cidade deveria ter novas construções, um parque bem arranjado, com rede nos campos. As estradas deviam estar sem buracos e devia ter mais passeadeiras e mais segurança à noite.”

T. “ A cidade podia ter um parque de diversões para pessoas até aos 17 anos. Devia ter muitos brinquedos para as crianças de todas as idades se entreterem.”

L. “ Acho que quando acabassem as obras não deixassem as pedras. No parque da macaca estavam lá um monte de pedras. Deveriam arranjar coisas que estivessem estragadas como alguns parques. Gostava que houvesse um parque de diversão porque há pessoas que querem levar os filhos e é longe, noutras cidades.”

P. “ Podia ter um parque novo no meu bairro”.

A. “ Na cidade deveria haver outro parque mais perto da minha zona e em Esgueira um parque foi destruído. Devia ter uma proteção para o vandalismo, porque muitas pessoas fazem asneira e escrevem nas paredes.”



*N. “Para mim a cidade podia ter um parque de diversões, porque Aveiro está pouco movimentado e se houvesse um parque gratuito, com direito a podermos ir lá, ia tornar-se uma cidade melhor.”*

As crianças lembravam-se de vários momentos e de particularidades de cada uma das atividades, à medida que visualizavam o powerpoint.

### **Nota de campo nº 15 – Construção de um roteiro da cidade em grupo**

Encontrei-me com os meninos do grupo na associação Mon na Mon, como habitual e começamos a preparar a sala para começarmos a trabalhar. Ainda faltavam dois elementos do grupo. O C. hoje não podia estar presente porque se encontrava doente. Juntámos duas mesas e colocámos as cadeiras à volta da mesa. Os meninos começaram a sentar-se e eu fui colocando o material em cima da mesa.

Comecei por explicar que pretendíamos fazer um roteiro da cidade de Aveiro para crianças, segundo o olhar delas, com sugestões de locais a visitar e frequentar que elas considerassem que se adequasse para outras crianças.

Chegaram os outros dois elementos, quando esta a colocar as várias fotografias em cima da mesa, voltei a expressar o que íamos fazer.

*T- “Vamos fazer como? Podemos fazer tipo folheto?”*

*L- “Também podia ser como livro? Fazíamos a capa, depois o índice, os livros depois viramos e tem os guardiões”*

*N- “Eu também acho, gosto dessa ideia L. , mas não precisamos fazer mesmo um livro, pois não?”*

*L- “Dobramos as folhas a meio para fazer como um livro.”*

*A “Eu gosto do livro”*

*J- “Na capa posso desenhar um moliceiro na ria?”*

*T- “Sim, fica giro”*

*N- “Sim....”*

*J- Posso ir ao computador procurar uma imagem para tentar desenhar o moliceiro?*

*Eu – “Sim, J. podes, já ligo o computador”.*

*T- “J. faz primeiro numa folha a parte”.*

*N- “Podíamos colar as imagens d’alguns sítios”.*

*T- “A seguir à capa podíamos colocar alguns sítios a visitar, algumas ideias”.*

*L- “Boa...quem escreve?”*





- N- *“Escrevemos todas num papel depois escolhemos a letra mais gira.”*
- T- *“Eu gostava de escrever”,*
- A- *“Eu também”.*
- P- *“Podíamos por o mapa de Aveiro”*
- T- *“Eu acho que todas podemos escrever”.*
- L- *“E o que escrevemos?”*
- T- *“Podíamos pôr o título: Locais a visitar”*
- N- *“Podemos dizer a Ria de Aveiro, porque passámos por muitos sítios.”*
- L- *“Oficina do doce e o Parque da Macaca.”*
- N- *“As salinas e o Museu da Cidade”*
- A. *“A Biblioteca Municipal”*
- T- *“Parque da balsa”*
- L- *“Museu de Santa Joana”*
- N- *“Parque de Azurva, eu tenho um parque lá ao pé da minha casa, dá para brincar, fazer piqueniques e tal...”*
- L- *“A Fábrica da Ciência Viva”*
- N- *“Ah também tenho um parque com baloiços, escorregas e dá para andar de patins”*
- P- *“Eu não sei mais lugares”*
- T- *“Centro de Congressos, e mais?”*
- A- *“Não me lembro de mais.”*
- T- *“Eu também não”*
- L- *“Eu gostava de visitar o museu do brincar”*
- T- *“Eu não conheço”*
- N- *“Deixamos só estes”*
- L- *“Podemos colar este mapa de Aveiro aqui.”*
- T- *“Sim, tem espaço.”*
- L- *“A cola?”*
- N- *“Tá aqui...toma”*
- P- *“E na outra folha?”*
- L- *“podíamos por várias imagens de Aveiro”*
- N- *“De vários sítios”*
- T- *“Sim, mas devias pôr um título”*
- A- *“Eu também acho”*
- N- *“Mas o que podemos escrever.”*
- P- *“Sítios de Aveiro”*
- N- *“Locais de Aveiro”*



- A- *“Sonhos de Aveiro”*
- T- *“Podia ser Riquezas de Aveiro”*
- P- *“O desenho de J. está ficar muito giro”*
- T- *“Pois está, ele tem muito jeito”*
- L- *“Tive uma ideia: e se puséssemos Encantos de Aveiro?”*
- T- *“Eu gosto desse nome”*
- P- *“Gostam das imagens assim? Podemos colar?”*
- A- *“Depois de colar vou passar à volta com caneta de filtro para ficar mais bonito.”*
- T- *“Então, vou escrever os encantos de Aveiro?”*
- N- *“Sim escreve, mas faz em curva, assim.” (N. demonstra num papel)*
- L- *“E na folha a seguir falamos de quê? Da Ria?”*
- A- *“Também pomos algumas imagens e escrevemos a dizer o que é.”*
- N- *“Podemos por estas imagens da ria!”*
- P- *“Eu gosto muito dessa do moliceiro.”*
- T- *“E escrevemos o que? Pomos Ria de Aveiro.”*
- N- *“Podemos dizer o que vimos, quando andamos de moliceiro, que passamos pelas pontes, pelas salinas e que podem conhecer as salicórnias.”*
- L- *“Podemos dizer que devem andar de moliceiro para conhecer a cidade”*
- N- *“Que descobrem novas coisas”*
- T- *“Sim, podemos escrever: Se queres conhecer a cidade de Aveiro”*
- N- *“Passámos pelo canal de S. Roque”*
- A- *“Isso e pomos, podes andar de moliceiro...”*
- J- *“Mas isso é pouco”*
- L- *“Nós vamos completar, vamos dizer o que podemos descobrir”*
- N- *“E...se for...E fazeres novas descobertas”*
- P- *“Podemos falar nas pontes que atravessam a ria”*
- T- *“As salinas, o centro de congressos”*
- P- *“O Fórum”*
- T- *“O Rossio”*
- L- *“Temos de dizer que gostámos de descobrir a planta...a salicórnica, nas salinas”*
- N- *“E provámos”*
- T- *“Preciso da borracha!”*
- J- *“Tá aqui”*
- P- *“E que a salicórnica sabe a sal e que é utilizada em saladas e temperos”*
- L- *“Podemos dizer que foi o que gostámos mais foi as salinas”*



- A- *“ Eu acho que não precisamos de escrever mais nada.”*
- P- *“ Eu colo as imagens e passo a caneta de filtro a volta”*
- L- *“ e na outra pudemos falar da Biblioteca?”*
- N- *“ Sim depois pudemos falar do Museu da cidade”*
- T- *“ Temos aqui imagens da biblioteca, podemos colar essas”.*
- L- *“ Para a biblioteca podemos escrever : Se gostas de ler...”*
- N- *“ Visitar a biblioteca não te podes esquecer!”*
- A- *“ Até rima...ficou giro”*
- T- *“ Temos de dizer o que podemos fazer na biblioteca, que podemos ler, requisitar livros, jogar computador”*
- L- *“ Também podemos ouvir música, ver filmes e exposições, como de postais como nós vimos.”*
- N- *“ A biblioteca também é um espaço adequado para crianças e para adultos”*
- L- *“ Eu posso escrever o texto da Biblioteca?”*
- T- *“Podes”*
- A- *“ Escreve mais para baixo”*
- P- *“ Eu ajudo-te”*
- A – *“ Falta-nos falar do Museu, da oficina do doce e do parque”*
- T- *“ No museu pudemos dizer para ir conhecer a história do sal.”*
- N- *“ Temos uma foto com a imagem do sal, e do museu, pudemos colar”*
- L- *“ Podemos aprender os instrumentos utilizados para a recolha do sal e observar uma maquete das salinas”*
- P- *“ L. escreve tu... e cola as imagens!”*
- A- *“ Cola assim!”*
- T- *“ Podemos falar da fábrica dos ovos-moles”*
- L- *“ Chama-se oficina do doce, não é fábrica dos ovos-moles!*
- T- *“ Ah, pois é?”*
- P- *“ Olha da visita aos ovos-moles temos estas fotos. O que acham?”*
- A- *“ Sim, podemos por essas, mostra como se faz”*
- N- *“ também podíamos fazer o texto em rima”*
- L- *“ sim podemos, diz lá”*
- N- *“ Então...Se os ovos-moles queres comer à oficina do doce vais ter”*
- T- *“ Vais ter de ir fazer!”*
- L- *“ Podemos dizer que gostámos de aprender a fazer os ovos-moles”*
- A- *“ Nós enchemos as formas da hóstia com o creme dos ovos-moles”*
- N- *“ Colámos e Recortámos”*
- T- *“ Também saboreamos...eheheh (risos) o doce tradicional de Aveiro”*



P- *“Como temos espaço na folha podíamos colar em escadinha as imagens”*

A- *“ Colamos assim, não acham?”*

L- *“ Pode ser”*

J- *“ Já acabei o desenho o que acham?”*

N- *“ Está tao giro J.”*

P- *“ Que bonito”*

L- *“ Como conseguiste desenhar tão bem”*

J- *“ Olhei para a imagem do computador e tentei desenhar igual”*

T- *“ Ele gosta de desenhar, tem muito jeito”*

A- *“ Falta-nos o parque Municipal”*

N- *“O Parque da macaca”*

L- *“ Mas chama-se Parque D. Pedro”*

P- *“ Nesta última folha posso colar o resto das imagens, assim?”*

N- *“ Sim, eu acho que fica bem!”*

A- *“ Podemos por que viveu lá muitos anos uma macaca, por isso é que chamamos o parque da macaca”*

N- *“Podemos escrever: Se gostas da natureza ao parque da macaca deves ir, onde muita coisa podes descobrir”*

A- *“ Eu escrevo”*

T- *“ A N. gosta de rimas!”*

N- *“ Pois gosto, não é giro?”*

A- *“ Vou por com setinhas...olha escrevo uma rica e variada vegetação”*

L- *“ E diversa também”*

P- *“ Também podem ver um enorme lago”*

A- *“ Fontes”*

J- *“ Locais para praticar desporto”*

N- *“ Sim, dá para fazer exercício, correr”*

T- *“ Alguns animais”*

N- *“ Os patos, os peixes, passarinhos”*

L- *“ E árvores muito antigas”*

T- *“ São árvores centenárias”*

P- *“ Algumas são muito grandes”*

J- *“ Eu acho que já chega”*

N- *“ Não podemos contar tudo para as outras crianças descobrirem”*

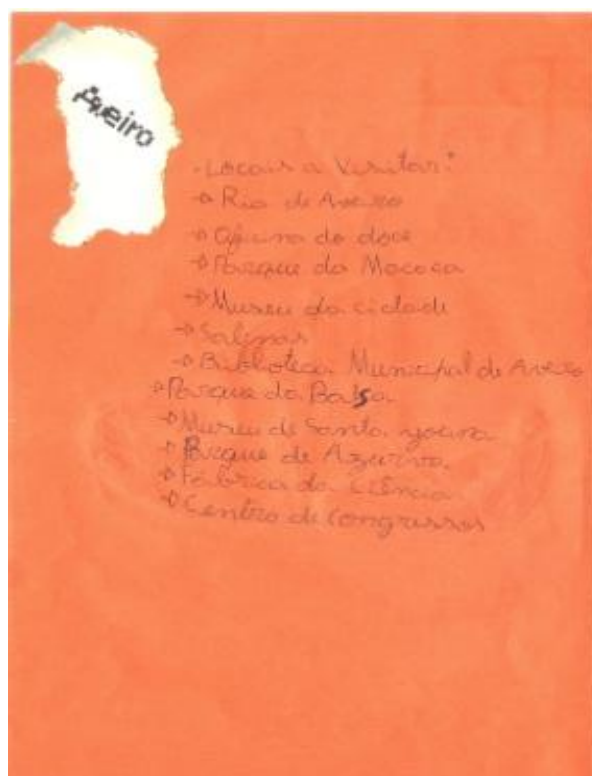
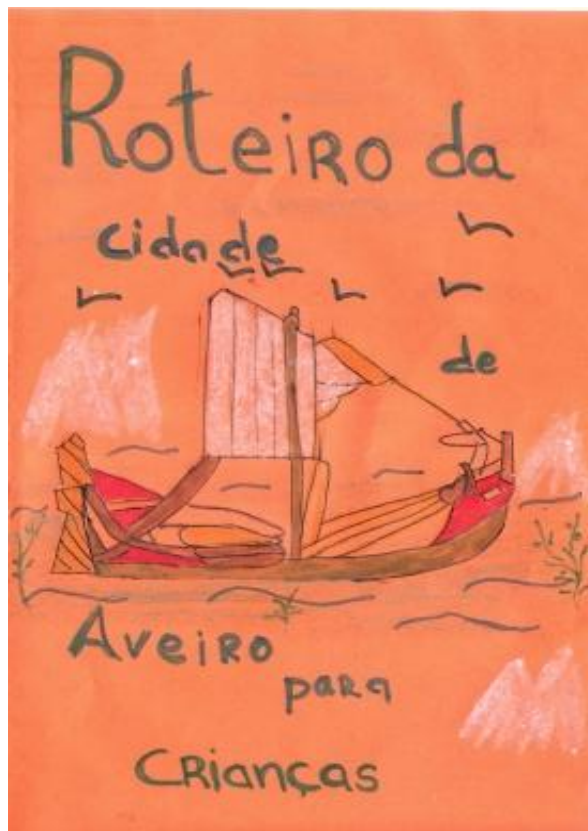
L- *“ Ficou tao giro o nosso roteiro”*

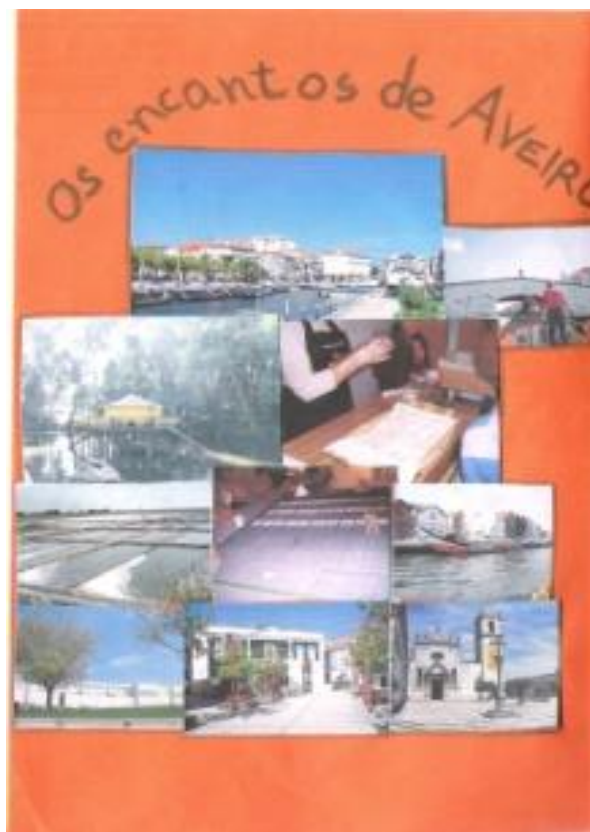
A- *“ A capa também”*



Concluímos o roteiro e as crianças mostraram satisfação na realização desta tarefa.

Arrumámos o material e a sala e as crianças dirigiram-se para a aula de dança que frequentam na Associação Mon na Mon.









**R**  
**I**  
**A**  
**D**  
**E**  
**A**  
**V**  
**E**  
**I**  
**R**  
**O**

Se quiseres conhecer melhor a cidade de Aveiro, podes começar por andar de moliceiro e poderás fazer muitas descobertas:

- As pontes que atravessam a rio;
- Os barracões onde guardavam o sal;
- As salinas;
- O centro de Congressos;
- O Fórum;
- O Rossio;

Se passeares nas salinas podes fazer mil e uma descobertas. Nós adoramos descobrir uma planta que cresce nas salinas. Chama-se salicornia, sabe a sal e é utilizada em salada e temperos.





### Oficina do Doce

Se os ovos moles queres comer, à oficina  
do Doce vais ter de ir fazer.  
Nós gostamos de aprender a fazer os  
ovos moles: enchemos as formas de  
látex com os ovos moles, colocamos,  
sacotamos e sobramos o doce  
tradicional de Aveiro.



### Biblioteca Municipal de Aveiro

Se gostas de ler, de visitar a Biblioteca  
não te podes esquecer.  
Na biblioteca podes ler, requisitar livros,  
jogar computadores, ouvir música, ver  
filmes e exposições podes ver, por exemplo,  
(de portais).  
É um ~~espaço~~ agradável e ao que de  
quer para as crianças quer fazer os  
adultos.








Museu Municipal

Se queres conhecer a história do sal a visita ao Museu Municipal é essencial.

Podes experimentar os instrumentos utilizados para a recolha do sal e observar uma maquete dos salinas.








(Parque da Macaca) ou Parque D. Pedro V

→ Parque viveu há muitos anos uma macaca.

É graças da existência ao parque da macaca deves lá onde muita coisa podes descobrir.

- Uma rica, diversa e variada vegetação.
- Alguns animais em vida livre.
- Um enorme lago.
- Fontes.
- locais para prática de desporto.
- Árvores centenárias.





## Nota de campo nº 16 – Apresentação do projeto

Na escola EB2,3 João Afonso três das crianças envolvidas no projeto apresentaram o roteiro da cidade que construíram para outras crianças.

Apresentadas as crianças, iniciaram a apresentação:

A: *“ Participámos no projeto “ O lugar das crianças de origem africana na cidade: De turistas a protagonista”, e fizemos um roteiro da cidade para crianças e escolhemos alguns locais.”*

L: *“ A ria de Aveiro porque podemos andar de moliceiro, nós gostámos de encontrámos umas plantas, as salicórnias, nas salinas, que servem para disfarçar o sal e também se utilizam as saladas.”*

A: *“ escolhemos o Parque Municipal, porque podemos praticar desporto, fazer piqueniques, mas vimos lugares que estão destruídos, que podiam estar melhores.”*

J: *“O Museu da Cidade, onde nós vimos uma maquete das salinas e os instrumentos para apanharem o sal. A senhora explicou-nos como levavam o sal nos cestos e deixou-nos experimentar. Nós gostámos de fazer esta atividade do sal.”*

Um elemento que estava a assistir questões as crianças sobre o Museu, tentando esclarecer se era o Museu de Santa Joana.

A: *“ Não é o Museu de Santa Joana, é o Museu da Cidade”*

L: *“ São diferentes”*

L: *“ Outro sítio que indicamos no roteiro foi a Biblioteca Municipal. Tem os lugares adequados para nós, podemos estudar, estar nos computadores, ouvir música, ver filmes. Em um espaço infanto-juvenil. Quando fomos lá também tinha uma exposição de postais para vermos”.*

J: *“ Escolhemos a oficina do doce. A senhora Catarina explicou-nos como fazíamos os ovos moles, nós podemos encher a hóstia, que é parte de fora dos ovos moles, colámos as formas e recortámos. No fim trouxemos dois ovos moles cada um para comermos.”*

Quando as crianças terminaram a apresentação do roteiro, abriu-se espaço para questões:

*Vocês fizeram isso, mas como é que fizeram isso? Fizeram tantas visitas e contaram o que se pode fazer lá.*

A: *“ Nós gravámos, tínhamos um gravador de voz, e dizíamos o dia em que íamos fazer as visitas, também tirámos fotos.”*

L: *“ também tínhamos um caderno para apontarmos o que queríamos.”*

*Mas foi um trabalho que fizeram? Como uma pessoa adulta?*



*L: “ Sim foi um trabalho de investigação.”*

*A: “ Este é o roteiro que nós fizemos, tem imagens, fotografias que nós tirámos.” Aqui é a ria de Aveiro, aqui é a oficina do doce, depois aqui é a biblioteca, aqui o Museu Municipal, e o parque. Nesta páginas algumas fotos que tirámos.”*

As crianças do grupo ofereceram o roteiro que realizaram aos elementos da Câmara Municipal, que representam a CAC, também Prof. Que representava a Universidade de Aveiro e passaram para crianças e adultos que estavam assistir terem oportunidade de ver e ler o roteiro que construíram.

Um elemento da Câmara Municipal e interveio, questionando a restante audiência infantil relativamente ao roteiro.

*Consideram que era útil este tipo de roteiro para as crianças estarem disponíveis?*

A audiência respondeu de forma positiva, em coro que sim.

